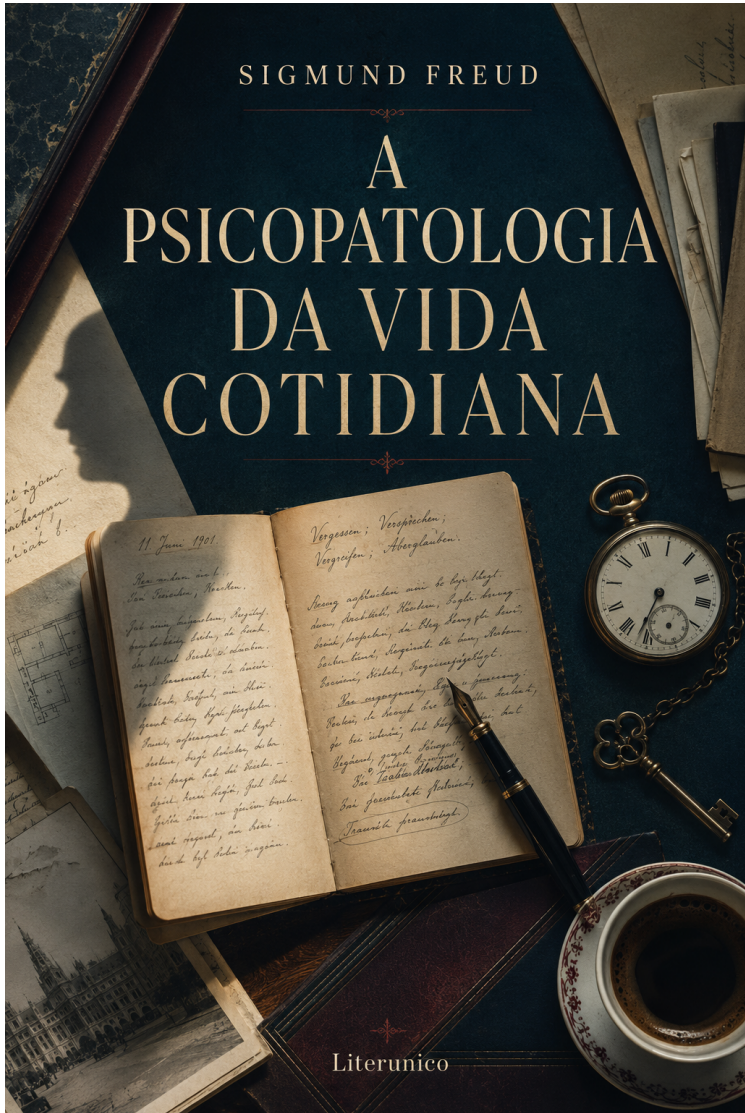


SIGMUND FREUD

A PSICOPATOLOGIA DA VIDA COTIDIANA



Literunico

A Psicopatologia da Vida Cotidiana

Sigmund Freud

Tradução Literunico

Edição Literunico gratuita. Gerada em 19/05/2026 21:15.

Nota editorial

Esta versão corrige a edição portuguesa anterior: o corpo público passa a ser uma tradução direta em português brasileiro preparada a partir da edição inglesa autorizada de A. A. Brill, publicada em 1914 e disponível em domínio público no Project Gutenberg. A obra alemã original permanece registrada como fonte primária histórica.

Auditoria da exportação: 14 seções, 783 parágrafos e cerca de 66.767 palavras.

Sumário

1. **01** Introdução
2. **02** Esquecimento de nomes próprios
3. **03** Esquecimento de palavras estrangeiras
4. **04** Esquecimento de nomes e da ordem das palavras
5. **05** Lembranças de infância e lembranças encobridoras
6. **06** Equívocos na fala
7. **07** Equívocos na leitura e na escrita
8. **08** Esquecimento de impressões e resoluções
9. **09** Ações executadas por engano
10. **10** Ações sintomáticas e casuais
11. **11** Erros
12. **12** Atos falhos combinados
13. **13** Determinismo, acaso e crenças supersticiosas
14. **14** Notas da fonte

01. Introdução

Introdução de A. A. Brill à edição inglesa autorizada de 1914

O professor Freud desenvolveu seu sistema de psicanálise enquanto estudava os chamados casos fronteiros de doenças mentais, como histeria e neurose da compulsão. Descartando os velhos métodos de tratamento e aplicando-se estritamente a um estudo da vida do paciente ele descobriu que os sintomas até então intrigantes tinham um significado definido, e que não havia nada arbitrário em qualquer manifestação mórbida. A psicanálise sempre mostrou que eles se referiam a algum problema definitivo ou conflito da pessoa em causa. Foi enquanto rastreava o anormal para o estado normal que o professor Freud descobriu quão fraca a linha de demarcação estava entre a pessoa normal e neurótica, e que os mecanismos psicopatológicos tão claramente observados nas psiconeuroses e psicoses geralmente poderiam ser demonstrados em menor grau em pessoas normais. Isso levou a um estudo das ações defeituosas da vida cotidiana e depois à publicação da *Psicopatologia da Vida Everyday*, um livro que passou por quatro edições na Alemanha e é considerado o trabalho mais popular do autor. Com grande ingenuidade e penetração, o autor lança muita luz sobre os complexos problemas do comportamento humano, e demonstra claramente que a lacuna até então considerada intransitável entre estados mentais normais e anormais é mais aparente do que real.

Esta tradução é feita da quarta edição alemã, e enquanto o texto original era estritamente seguido, dificuldades linguísticas muitas vezes tornavam necessário modificar ou substituir alguns dos casos do autor por exemplos

compreensíveis para o leitor de língua inglesa.

A. A. BRILL.

Nova York.

02. Esquecimento de nomes próprios

Capítulo I da edição inglesa autorizada de A. A. Brill, 1914

Durante o ano de 1898 publiquei um breve ensaio sobre o mecanismo psíquico do esquecimento.[1] Vou agora repetir seu conteúdo e tomá-lo como ponto de partida para uma discussão mais aprofundada. Eu fiz uma análise psicológica de um caso comum de esquecimento temporário de nomes próprios, e de um exemplo significativo de minha própria observação cheguei à conclusão de que esta ocorrência frequente e praticamente insignificante de uma falha de uma função psíquica - de memória - admite uma explicação que vai além do uso habitual deste fenômeno.

Se um psicólogo médio fosse solicitado a explicar como acontece que muitas vezes falhamos em lembrar um nome que sabemos, ele provavelmente se contentaria com a resposta de que nomes próprios são mais aptos a serem esquecidos do que qualquer outro conteúdo de memória. Ele pode dar razões plausíveis para esta "esquecer preferência" por nomes próprios, mas ele não assumiria nenhum determinante profundo para o processo.

Fui levado a examinar exaustivamente o fenômeno do esquecimento temporário através da observação de certas peculiaridades, que, embora não geral, podem, no entanto, ser vistos claramente em alguns casos. Nestes não há apenas esquecimento, mas também falsa lembrança: aquele que luta pelo nome fugitivo traz à consciência os outros - nomes substitutivos - que, embora imediatamente reconhecido como falso, no entanto, se intrudem com grande tenacidade. O processo que deve levar à

reprodução do nome perdido é, por assim dizer, deslocado, e assim traz um substituto incorreto.

Agora é minha suposição que o deslocamento não é deixado para arbitrariedade psíquica, mas que segue caminhos legais e racionais. Em outras palavras, presumo que o nome substituto (ou nomes) esteja em relação direta ao nome perdido, e espero, se eu conseguir demonstrar essa conexão, lançar luz sobre a origem do esquecimento de nomes.

No exemplo que eu escolhi para análise em 1898 eu me esforcei em vão para lembrar o nome do mestre que fez os afrescos imponentes do "Último Julgamento" na cúpula de Orvieto. Em vez do nome perdido - Signorelli - dois outros nomes de artistas - Botticelli e Boltraffio - se intrudiram, nomes que meu julgamento imediatamente e definitivamente rejeitou como sendo incorreto. Quando o nome correto foi-me dado por um estranho, reconheci-o imediatamente, sem qualquer hesitação. O exame da influência e dos caminhos de associação que causaram o deslocamento de Signorelli para Botticelli e Boltraffio levou aos seguintes resultados:

(a) A razão para a fuga do nome Signorelli não é para ser procurado na estranheza em si deste nome nem no caráter psicológico da conexão em que foi inserido. O nome esquecido era tão familiar para mim como um dos nomes substitutivos - Botticelli - e um pouco mais familiar do que o outro substituto - Boltraffio - do possuidor do qual eu mal podia dizer mais do que ele pertencia à Escola Milanese. A conexão, também, em que o esquecimento do nome ocorreu me pareceu inofensiva, e não levou a mais explicações. Viajei de carruagem com um estranho de Ragusa, Dalmácia, para uma estação na Herzegovina. Nossa conversa foi levada à Itália, e

perguntei ao meu companheiro se ele tinha estado em Orvieto e tinha visto lá os famosos afrescos de...

(b) O esquecimento do nome não poderia ser explicado até que eu tivesse lembrado o tema discutido imediatamente antes desta conversa. Este esquecimento então se tornou conhecido como uma perturbação do tema emergente causado pelo tema que o precede. Em resumo, antes de perguntar ao meu companheiro de viagem se ele estava em Orvieto, estávamos discutindo os costumes dos turcos que viviam na Bósnia e Herzegovina. Relatei o que ouvi de um colega que praticava medicina entre eles, ou seja, que eles mostram total confiança no médico e completa submissão ao destino. Quando alguém é obrigado a informá-los que não há ajuda para o paciente, eles respondem: "Senhor, o que posso dizer? Eu sei que se ele pudesse ser salvo você o salvaria." Só nestas frases podemos encontrar as palavras e nomes: Bósnia, Herzegovina e Herr (senhor), que podem ser inseridos em uma série de associações entre Signorelli, Botticelli e Boltraffio.

(c) Presumo que o fluxo de pensamentos sobre os costumes dos turcos na Bósnia, etc., foi capaz de perturbar o pensamento seguinte, porque eu retirei minha atenção dele antes que chegasse ao fim. Porque eu me lembrei que eu queria relatar uma segunda anedota que estava ao lado da primeira em minha memória. Estes turcos valorizam o prazer sexual acima de tudo, e em distúrbios sexuais se fundem em um desespero total que estranhamente contrasta com a sua resignação com o perigo de perder suas vidas. Um dos pacientes do meu colega uma vez lhe disse: "Para você sabe, senhor (Herr), se isso parar, a vida não tem mais nenhum charme."

Eu me abstive de transmitir esta característica porque eu não queria tocar em um tema tão delicado em conversa com um estranho. Mas fui ainda mais longe, também desviei minha atenção da continuação do pensamento que poderia ter se associado em mim com o tema "Morte e Sexualidade". Eu estava naquela época sob os efeitos de uma mensagem que eu tinha recebido algumas semanas antes, durante uma breve estadia em Trafoi. Um paciente em quem eu tinha gasto muito esforço tinha terminado sua vida por causa de uma perturbação sexual incurável. Eu sei positivamente que este triste evento, e tudo relacionado com ele, não veio à minha lembrança consciente naquela viagem na Herzegovina. No entanto, o acordo entre Trafoi e Boltraffio me força a assumir que essa reminiscência foi naquela época trazida à atividade apesar de todo o desvio intencional da minha atenção.

(d) Eu não posso mais conceber o esquecimento do nome Signorelli como uma ocorrência accidental. Devo reconhecer neste processo a influência de um motivo. Houve motivos que ativaram a interrupção na comunicação de meus pensamentos (relativamente aos costumes dos turcos, etc.), e que mais tarde me influenciaram a excluir da minha consciência o pensamento ligado a eles, e que poderia ter levado à mensagem sobre o incidente em Trafoi - isto é, eu queria esquecer algo, reprimi algo. Para ter certeza, eu queria esquecer algo além do nome do mestre de Orvieto, mas este outro pensamento trouxe uma conexão associativa entre si e este nome, de modo que meu ato de vontade falhou o objetivo, e eu esqueci o um contra minha vontade, enquanto eu intencionalmente queria esquecer o outro. A recusa em lembrar se dirigiu contra um conteúdo, a incapacidade de lembrar apareceu em outro. O caso teria sido obviamente mais simples se esta

declinação e a incapacidade de lembrar tivessem preocupado o mesmo conteúdo. Os nomes substitutivos não parecem mais tão cabalmente justificados como antes desta explicação. Eles me lembram (após a forma de um compromisso) tanto do que eu queria esquecer quanto do que eu queria lembrar, e me mostram que meu objetivo de esquecer algo não foi um sucesso perfeito nem um fracasso.

(e) A natureza da associação formada entre o nome perdido e o tema reprimido (morte e sexualidade, etc.), contendo os nomes da Bósnia, Herzegovina e Trafoi, também é muito estranho. No esquema inserido aqui, que originalmente apareceu em 1898, uma tentativa é feita para representar graficamente essas associações.

[Ilustração:

+ - - - + / - - - \

O nome Signorelli foi dividido em duas partes. Um par de sílabas (elli) retornou inalterado em uma das substituições, enquanto a outra tinha adquirido, através da tradução do signor (senhor, Herr), muitas e diversas relações com o nome contido no tema reprimido, mas foi perdido através dele na reprodução. Sua substituição foi formada de forma a sugerir que um deslocamento ocorreu ao longo das mesmas associações - "Herzegovina e Bósnia" - independentemente do sentido e demarcação acústica. Os nomes foram, portanto, tratados neste processo como as imagens escritas de uma frase que deve ser transformada em um retrato-puzzle (rebus). Nenhuma informação foi dada à consciência sobre todo o processo, que, em vez do nome Signorelli, foi assim alterada para os nomes substitutivos. À primeira vista, não há relação aparente entre o tema que continha o

nome Signorelli e o reprimido que imediatamente o precedeu.

Talvez não seja supérfluo observar que a explicação dada não contradiz as condições de reprodução de memória e esquecimento assumidas por outros psicólogos, que eles buscam em certas relações e disposições. Só em certos casos adicionamos outro motivo aos fatores há muito reconhecidos como causadores do esquecimento de nomes, e assim desnudamos o mecanismo da memória falha. As disposições assumidas são indispensáveis também em nosso caso, a fim de tornar possível para o elemento reprimido ganhar associativamente o controle sobre o nome desejado e levá-lo junto com a repressão. Talvez isso não tivesse ocorrido em outro nome tendo condições de reprodução mais favoráveis. Porque é bastante provável que um elemento suprimido se esforce continuamente para afirmar-se de alguma outra forma, mas atinge este sucesso apenas onde se encontra com condições adequadas. Outras vezes a supressão tem sucesso sem perturbação da função, ou, como podemos dizer, sem sintomas.

Quando recapitulamos as condições para esquecer um nome com memória falha encontramos: (1) uma certa disposição para esquecer o mesmo; (2) um processo de supressão que ocorreu pouco antes; e (3) a possibilidade de estabelecer uma associação externa entre o nome em causa e o elemento anteriormente suprimido. A última condição provavelmente não terá que ser muito superestimada, pois a menor alegação sobre a associação é adequada na maioria dos casos para trazê-la. Mas é uma pergunta diferente e mais abrangente se tal associação externa pode realmente fornecer a condição adequada para permitir que o elemento suprimido perturbe a reprodução do nome desejado, ou se afinal uma conexão mais íntima entre os dois temas não é necessariamente

necessária. Em consideração superficial, pode-se estar disposto a rejeitar o último requisito e considerar a reunião temporal em conteúdo perfeitamente diferente como suficiente. Mas em um exame mais minucioso encontramos cada vez mais freqüentemente que os dois elementos (o reprimido e o novo) conectados por uma associação exterior, possuem além de uma conexão no conteúdo, e isso também pode ser demonstrado no exemplo Signorelli.

O valor do entendimento obtido através da análise do exemplo Signorelli depende naturalmente se devemos explicar este caso como um processo típico ou isolado. Devo agora afirmar que o esquecimento de um nome associado a uma lembrança defeituosa raramente segue o mesmo processo que foi demonstrado no caso de Signorelli. Quase toda vez que eu observava este fenômeno em mim mesmo eu era capaz de explicá-lo da maneira acima indicada como sendo motivado pela repressão.

Devo mencionar outro ponto de vista a favor da natureza típica de nossa análise. Acredito que não se justifica separar os casos de esquecimento de nomes daqueles em que nomes incorretos não se intrudiram. Estes nomes substitutivos ocorrem espontaneamente em vários casos; em outros casos, onde não vêm espontaneamente, eles podem ser trazidos à superfície pela concentração de atenção, e então eles mostram a mesma relação com o elemento reprimido e o nome perdido como aqueles que vêm espontaneamente. Dois fatores parecem desempenhar um papel em trazer à consciência os nomes substitutivos: primeiro, o esforço de atenção, e segundo, um determinante interno que adere ao material psíquico. Eu poderia encontrar o último na maior ou menor instalação que forma as associações externas necessárias entre os dois elementos. Um grande

número dos casos de esquecimento de nome sem lembrança falha portanto pertencem aos casos com formação de nome substitutivo, cujo mecanismo corresponde ao do exemplo Signorelli. Mas não me arriscarei a afirmar que todos os casos de esquecimento de nomes pertencem ao mesmo grupo. Não há dúvida de que existem casos de esquecimento de nomes que procedem de uma forma muito mais simples. Representaremos este estado de coisas cuidadosamente se afirmarmos que, além do simples esquecimento de nomes adequados, há outro esquecimento motivado pela repressão.

03. Esquecimento de palavras estrangeiras

Capítulo II da edição inglesa autorizada de A. A. Brill, 1914

O vocabulário comum de nossa própria língua parece estar protegido contra o esquecimento dentro dos limites da função normal, mas é bem diferente com palavras de uma língua estrangeira. A tendência de esquecer tais palavras se estende a todas as partes do discurso. Na verdade, dependendo do nosso estado geral e do grau de fadiga, a primeira manifestação de distúrbios funcionais se mostra na irregularidade do nosso controle sobre o vocabulário estrangeiro. Em uma série de casos este esquecimento segue o mesmo mecanismo que o revelado no exemplo Signorelli. Como demonstração disso, relatarei uma única análise, caracterizada, no entanto, por características valiosas, sobre o esquecimento de uma palavra, não um substantivo, de uma citação latina. Antes de prosseguir, permita-me dar um relato completo e claro deste pequeno episódio.

No verão passado, enquanto viajava nas minhas férias, renovei o conhecimento de um jovem da educação acadêmica, que, como notei, estava conversando com alguns dos meus trabalhos. Em nossa conversa nós nos desviamos - não me lembro mais como - para a posição social da corrida a que ambos pertencíamos. Ele, sendo ambicioso, lamentou o fato de que sua geração, como ele expressou, estava destinada a ficar aleijado, que foi impedido de desenvolver seus talentos e de satisfazer seus desejos. Ele concluiu seu discurso apaixonadamente sentido com o verso familiar de Virgil: Exoriare... no qual o infeliz Dido deixa sua vingança sobre Enéas

para a posteridade. Em vez de "concluído", eu deveria ter dito "desejado para concluir", pois ele não poderia acabar com a citação, e tentou esconder a lacuna aberta em sua memória, transpondo as palavras:

"Exoriar (e) ex nostris ossibus ultor!"

Ele finalmente ficou irritado e disse: "Por favor, não faça essa cara de zombaria, como se estivesse se gabando do meu embaraço, mas me ajude. Há algo faltando neste verso. Como ele lê em sua forma completa?"

"Com prazer", eu respondi, e citei corretamente:

"Exoriar (e) aliquis nostris ex ossibus ultor!"

"É muito estúpido esquecer tal palavra", ele disse. "A propósito, eu entendo que você afirma que esquecer não é sem suas razões, eu deveria estar muito curioso para descobrir como eu vim a esquecer este pronome indefinido 'aliquis'."

Aceitei de bom grado o desafio, como esperava obter uma adição à minha coleção, e disse: "Podemos facilmente fazer isso, mas devo pedir que me diga francamente e sem qualquer crítica tudo o que ocorre à sua mente depois de concentrar sua atenção, sem qualquer intenção particular, na palavra esquecida."[2]

"Muito bem, a ideia ridícula vem a mim para dividir a palavra da seguinte forma: a e liquis."

"O que isso significa?"

"Eu não sei."

"O que mais isso lembra para você?"

"O pensamento continua a relembrar - liquidação - liquidez - fluido."

"Isso significa algo para você agora?"

"Não, nem de longe."

"Vá em frente."

"Eu agora penso," disse ele, rindo sarcasticamente, "de Simon de Trent, cujas relíquias eu vi dois anos atrás em uma igreja em Trent. Eu penso na velha acusação que foi trazida contra os judeus novamente, e da obra de Kleinpaul, que vê nestes supostos sacrifícios reencarnações ou reavivamentos, por assim dizer, do Salvador."

"Este fluxo de pensamentos tem alguma conexão com o tema que discutimos antes da palavra latina escapar de você."

"Você está certo. Agora penso em um artigo em um diário italiano que li recentemente. Acredito que era intitulado: 'O que Santo Agostinho disse sobre as mulheres'. O que você pode fazer com isso?"

Eu esperei.

Agora penso em algo que certamente não tem conexão com o tema.

"Por favor, abstenha-se de todas as críticas, e -"

"Eu sei! Lembro-me de um cavalheiro bonito que conheci na minha viagem semana passada. Ele era realmente um tipo original. Parecia uma grande ave de rapina. O nome dele, se quiser saber, é Benedict."

"Bem, pelo menos você dá um grupo de santos e padres da Igreja: São Simão, Santo Agostinho e São Bento. Acredito que havia um pai da Igreja chamado Orígenes. Três deles, além disso, são nomes cristãos, como Paul no nome Kleinpaul."

"Agora penso em São Januário e em seu milagre de sangue, acho que os pensamentos estão correndo mecanicamente."

"Pare um momento, tanto São Januário como Santo Agostinho têm algo a ver com o calendário. Lembra-se do milagre do sangue?"

"Você não sabe sobre isso? O sangue de São Januário é preservado em um phial em uma igreja em Nápoles, e em um certo feriado um milagre ocorre fazendo-o liquefazer. As pessoas pensam muito desse milagre, e ficam muito animadas se o processo de liquefação é retardado, como aconteceu uma vez durante a ocupação francesa. O general em comando - ou Garibaldi, se não estou enganado - então levou o padre de lado, e com um gesto muito significativo apontou para ele os soldados sem roupa, e expressou sua esperança de que o milagre em breve ocorreria. E realmente aconteceu..."

"Bem, o que mais vem à sua mente? Por que você hesita?"

"Algo realmente me ocorreu... mas é um assunto muito íntimo para transmitir... além disso, não vejo nenhuma conexão e nenhuma necessidade de contar."

"Eu cuidarei da conexão. Claro que não posso obrigá-lo a revelar o que é desagradável para você, mas então você não deveria ter exigido que eu lhe dissesse por que você esqueceu a palavra 'aliquis'."

Sério? Você acha? Bem, de repente eu pensei em uma mulher de quem eu poderia facilmente receber uma mensagem que seria muito irritante para nós dois."

"Que ela perdeu seus cursos?"

"Como pode adivinhar uma coisa dessas?"

"Isso não foi muito difícil. Você me preparou por muito tempo. Basta pensar nos santos do calendário, a liquefação do sangue em um determinado dia, a excitação se o evento não ocorrer, e a ameaça distinta de que o milagre deve ocorrer... De fato, você elaborou o milagre de São Januário em uma alusão inteligente aos cursos da mulher."

"Foi certamente sem o meu conhecimento. E você realmente acredita que minha incapacidade de reproduzir a palavra 'aliquis' foi devido a essa expectativa ansiosa?"

"Isso me parece absolutamente certo. Você não se lembra de dividi-lo em aliquis e as associações: reliques, liquidação, fluido? Devo acrescentar também a esta conexão o fato de que São Simão, a quem você recebeu por meio das relíquias, foi sacrificado quando criança?"

"Por favor, pare. Espero que não leve esses pensamentos a sério. Vou, no entanto, confessar que a senhora é italiana, e que visitei Nápoles em sua companhia. Mas não pode ser tudo coincidência?"

"Eu devo deixar seu próprio julgamento se você pode explicar todas essas conexões através da suposição de coincidência. Vou dizer, no entanto, que cada caso similar que você analisa vai levá-lo a tais notáveis 'coincidências'.

Tenho mais de uma razão para valorizar esta pequena análise, pela qual estou em dívida com meu companheiro de viagem. Primeiro, porque neste caso eu fui capaz de fazer uso de uma fonte que de outra forma é inacessível para mim. A maioria dos exemplos de distúrbios psíquicos da vida diária que eu compilei aqui eu era obrigado a tirar de mim mesmo. Eu me esforcei para fugir do material muito mais rico fornecido por meus pacientes neuróticos, porque eu tive que impedir a objeção de que os fenômenos em questão eram apenas o resultado e manifestação da neurose. Foi, portanto, de especial valor para o meu propósito ter um estranho livre de uma neurose oferecer-se como um sujeito para tal exame. Esta análise também é importante em outros aspectos, na medida em que elucida um caso de esquecimento de palavras sem lembrança substitutiva, e assim confirma o princípio formulado acima, a saber, que a aparência ou não aparecimento de lembranças substitutivas incorretas não constitui uma distinção essencial[3].

Mas o principal valor do exemplo aliquis está em outra de suas distinções do caso Signorelli. No último exemplo, a reprodução do nome fica perturbada através dos efeitos posteriores de um fluxo de pensamento que começou pouco antes e foi interrompido, mas cujo conteúdo não tinha nenhuma relação distinta com o novo tema que continha o nome Signorelli. Entre a repressão e o tema do nome esquecido só existia a relação da contiguidade temporal, que chegou ao outro para que os dois pudessem formar uma conexão através de uma associação externa.[4] Por outro lado, no exemplo aliquis não se pode notar nenhum vestígio de tal tema reprimido independente que poderia ocupar o pensamento consciente imediatamente antes e depois re-eco como uma perturbação. A

perturbação da reprodução procedia aqui da parte interna do tema tocada, e foi provocada pelo fato de que inconscientemente surgiu uma contradição contra a ideia de desejo representada na citação.

A origem deve ser interpretada da seguinte forma: O orador deplorou o fato de que a atual geração de seu povo estava sendo privada de seus direitos, e como Dido pressentiu que uma nova geração se vingaria dos opressores. Portanto, ele expressou o desejo de posteridade. Neste momento ele foi interrompido pelo pensamento contraditório: "Você realmente deseja tanto a posteridade? Isso não é verdade. Pense em quão difícil seria se agora recebesse a informação de que deve esperar a posteridade do bairro que tem em mente! Não, você não quer posteridade, tanto quanto precisa para sua vingança." Esta contradição afirma-se, assim como no exemplo Signorelli, formando uma associação externa entre um de seus elementos de ideação e um elemento do desejo reprimido, mas aqui é trazido de uma forma mais tensa através do que parece um desvio artificial de associações. Outro acordo importante com o exemplo de Signorelli resulta do fato de que a contradição se origina de fontes reprimidas e emana de pensamentos que causariam um desvio de atenção.

Tanto pela diversidade e pela relação interior de ambos os paradigmas do esquecimento de nomes. Aprendemos a conhecer um segundo mecanismo de esquecimento, a saber, a perturbação do pensamento através de uma contradição interior que emana da repressão. Durante esta discussão, vamos nos reunir repetidamente com este processo, que me parece ser mais fácil de entender.

04. Esquecimento de nomes e da ordem das palavras

Capítulo III da edição inglesa autorizada de A. A. Brill, 1914

Experiências como aquelas mencionadas sobre o processo de esquecer uma parte da ordem das palavras de uma língua estrangeira podem fazer alguém se perguntar se o esquecimento da ordem das palavras em sua própria língua requer uma explicação essencialmente diferente. Para ter certeza, não se deve ficar surpreso se depois de algum tempo uma fórmula ou poema aprendido de coração só pode ser reproduzido imperfeitamente, com variações e lacunas. Ainda assim, como esse esquecimento não afeta igualmente todas as coisas aprendidas juntas, mas parece escolher entre partes definidas, pode valer a pena nosso esforço para investigar analiticamente alguns exemplos de tais reproduções defeituosas.

Brill relata o seguinte exemplo:

"Um dia, conversando com uma jovem brilhante, ela teve a oportunidade de citar Keats. O poema foi intitulado "Ode a Apolo", e ela recitou as seguintes linhas:

"Em sua casa ocidental de ouro onde vive em seu estado, Bardos, que uma vez sublimemente disse Prosaic verdades que vieram tarde demais. "

Ela hesitou muitas vezes durante a recitação, tendo certeza que havia algo errado com a última linha. Para sua grande surpresa, ao se referir ao livro ela descobriu que não só a última frase foi mal citada, mas que houve muitos outros erros. As linhas corretas são as seguintes:

ODE APOLLO

"Em teus salões ocidentais de ouro, quando te sentas no teu estado, Bardos, que foi sublimemente dito atos heroicos e cantado do destino."

As palavras itálico são aquelas que foram esquecidas e substituídas por outras durante a recitação.

"Ela ficou espantada com seus muitos erros, e os atribuiu a uma falha de memória. Eu poderia convencê-la prontamente, no entanto, que não havia nenhuma perturbação qualitativa ou quantitativa da memória em seu caso, e lembrou-lhe nossa conversa imediatamente antes de citar estas linhas.

"Nós estávamos discutindo a superestimação da personalidade entre os amantes, e ela pensou que era Victor Hugo quem disse que o amor é a melhor coisa do mundo porque faz um anjo ou um deus de uma mercearia. Ela continuou: 'Só quando estamos apaixonados temos fé cega na humanidade; tudo é perfeito, tudo é bonito, e... tudo é tão poeticamente irreal. Ainda assim, é uma experiência maravilhosa, vale a pena passar, apesar das decepções terríveis que geralmente se seguem. Isso nos coloca em um nível com os deuses e nos incita a todo tipo de atividades artísticas. Tornamo-nos verdadeiros poetas, não só memorizamos e citamos poesia, mas muitas vezes nos tornamos Apolo. Ela então citou as linhas dadas acima.

Quando perguntei em que ocasião ela memorizou as falas que não conseguia lembrar. Como professora de elocução, ela costumava memorizar tanto e tantas vezes que era difícil dizer exatamente quando ela tinha memorizado essas falas. "A julgar pela conversa", sugeri, "parece que

este poema está intimamente associado com a ideia de superestimação da personalidade de alguém apaixonado. Talvez tenha memorizado este poema quando estava em tal estado? Ela ficou pensativa por um tempo e logo lembrou os seguintes fatos: Doze anos antes, quando tinha dezoito anos, ela se apaixonou. Ela conheceu o jovem enquanto participava de uma apresentação teatral amadora. Ele estava estudando para o palco, e foi previsto que um dia ele seria um ídolo matinée. Ele foi dotado de todos os atributos necessários para tal vocação. Ele era bem construído, fascinante, impulsivo, muito inteligente, e... muito inconstante. Ela foi avisada contra ele, mas não prestou atenção, atribuindo tudo à inveja de seus conselheiros. Tudo correu bem por alguns meses, quando ela de repente recebeu a notícia de que seu Apollo, para quem ela tinha memorizado essas linhas, tinha fugido e casado com uma jovem muito rica. Alguns anos depois, ela soube que ele morava em uma cidade ocidental, onde cuidava dos interesses do sogro.

"As linhas equivocadas agora são bastante claras. A discussão sobre a superestimação da personalidade entre os amantes inconscientemente lembrou-lhe uma experiência desagradável, quando ela mesma superestimava a personalidade do homem que amava. Ela pensou que ele era um deus, mas ele acabou sendo ainda pior que o mortal comum. O episódio não pôde vir à tona porque foi determinado por pensamentos muito desagradáveis e dolorosos, mas as variações inconscientes no poema claramente mostraram seu estado mental atual. As expressões poéticas não foram apenas mudadas para prosaicas, mas claramente aludiram a todo o episódio."

Outro exemplo de esquecer a ordem das palavras de um poema conhecido pela pessoa que citarei do Dr. C. G. Jung, citando as palavras do autor:

"Um homem queria recitar o poema familiar, 'A Pine-tree Stands Alone', etc. Na linha 'Ele se sentiu sonolento' ele ficou irremediavelmente preso nas palavras 'com o lençol branco'. Este esquecimento de um verso tão conhecido me pareceu bastante peculiar, e, portanto, pedi-lhe para reproduzir o que lhe veio à mente quando ele pensou nas palavras "com a folha branca". Ele deu a seguinte série de associações "O lençol branco faz pensar em um lençol branco em um cadáver - um lençol de linho com o qual se cobre um corpo morto - [pausa] - agora eu penso em um amigo próximo - seu irmão morreu muito recentemente - ele deveria ter morrido de doença cardíaca - ele também era muito corpulento - meu amigo é corpulento, também, e eu pensei que ele poderia encontrar o mesmo destino - provavelmente ele não se exercita o suficiente - quando eu ouvi sobre esta morte eu de repente fiquei assustado: a mesma coisa pode acontecer comigo, como minha própria família está predisposta à obesidade - meu avô morreu de doença cardíaca - eu, também, sou um pouco corpulenta, e por isso eu comecei uma cura da obesidade alguns dias atrás."

Jung comenta: "O homem imediatamente se identificou inconscientemente com o pinheiro que estava coberto com uma folha branca."

Para o exemplo seguinte de esquecer a ordem das palavras estou em dívida com meu amigo Dr. Ferenczi, de Budapeste. Ao contrário dos exemplos anteriores, não se refere a um versículo tirado da poesia, mas a um ditado auto-coined. Também pode nos demonstrar o caso bastante incomum onde

o esquecimento se coloca à disposição da discricção quando o último está em perigo de ceder a um desejo momentâneo. O erro avança para uma função útil. Depois de ficarmos sóbrios, justificamos o esforço interior que, no início, só poderia se manifestar por incapacidade, como em esquecimento ou impotência psíquica.

"Em uma reunião social que alguém citou, *Tout comprendre c'est tout pardonner*, para a qual eu observei que a primeira parte da sentença deve bastar, como 'perdão' é uma isenção que deve ser deixada a Deus e ao padre. Um dos convidados achou esta observação muito boa, que por sua vez me encorajou a comentar - provavelmente para garantir-me da boa opinião do crítico bem-disposto - que algum tempo atrás eu pensei em algo ainda melhor. Mas quando eu estava prestes a repetir esta idéia inteligente eu não era capaz de lembrá-la. Então eu imediatamente me retirei da empresa e escrevi meus pensamentos ocultos. Primeiro lembrei o nome do amigo que testemunhou o nascimento deste (desejo) pensamento, e da rua em Budapeste onde aconteceu, e depois o nome de outro amigo, cujo nome era Max, a quem geralmente chamávamos Maxie. Isso me levou à palavra "máximo", e ao pensamento de que naquela época, como no caso atual, era uma questão de variar uma máxima bem conhecida. Estranhamente, não me lembro de nenhuma máxima, mas da seguinte frase: "Deus criou o homem à Sua própria imagem", e sua concepção mudada: "O homem criou Deus à Sua própria imagem". Imediatamente, lembrei-me da busca por lembrança.

"Meu amigo me disse naquela época na rua Andrassy: 'Nada humano é estranho para mim.' Ao que eu observei, baseando-me na experiência psicanalítica, 'Você deve ir mais longe e reconhecer que nada animal é

estranho para você.'

"Mas depois de finalmente ter encontrado a lembrança desejada, eu fui impedido de contar neste encontro social. A jovem esposa do amigo que eu lembrava da animalidade do inconsciente também estava entre os presentes, e eu me lembrei que ela não estava preparada para a recepção de tais visões não simpáticas. O esquecimento me poupou uma série de perguntas desagradáveis dela e uma discussão sem esperança, e isso deve ter sido o motivo da amnésia temporária.

"É interessante notar que como um pensamento oculto surgiu uma sentença em que a divindade é degradada a uma invenção humana, enquanto na sentença procurada havia uma alusão ao animal no homem. A *capitis diminutio* é, portanto, comum a ambos. Todo o assunto era aparentemente apenas uma continuação do fluxo de pensamento sobre compreensão e perdão que foi estimulado pela discussão.

"Que o pensamento desejado tão rapidamente apareceu pode ser também devido ao fato de que me retirei para uma sala vazia, longe da sociedade em que foi censurado."

Desde então, analisei um grande número de casos de esquecimento ou reprodução defeituosa da ordem das palavras, e o resultado consistente dessas investigações me levou a supor que os mecanismos de esquecimento, como demonstrado nos exemplos "aliquis" e "Ode to Apollo", são quase de validade universal. Nem sempre é muito conveniente relatar tais análises, pois, assim como as citadas, geralmente levam a coisas íntimas e dolorosas na pessoa analisada; portanto, não acrescentarei mais ao número de tais exemplos. O que é comum a todos esses casos,

independentemente do material, é o fato de que o material esquecido ou distorcido se conecta através de alguma estrada associativa com um fluxo inconsciente de pensamento, que dá origem à influência que vem à luz como esquecimento.

Estou voltando ao esquecimento de nomes, a respeito dos quais até agora consideramos exaustivamente nem os elementos casuísticos nem os motivos. Como esta forma de atos defeituosos pode, às vezes, ser abundantemente observado em mim mesmo, eu não estou em uma perda de exemplos. Os pequenos ataques de enxaqueca, dos quais ainda estou sofrendo, não se anunciam horas antes pelo esquecimento dos nomes, e no auge do ataque, durante o qual não sou forçado, no entanto, a desistir do meu trabalho, muitas vezes não consigo lembrar de todos os nomes adequados.

Ainda assim, casos como o meu podem fornecer a causa de uma forte objeção aos nossos esforços analíticos. Não deveria alguém ser forçado a concluir de tais observações que a causa do esquecimento, especialmente o esquecimento de nomes, é para ser procurado em distúrbios circulatórios ou funcionais do cérebro, e poupar-se o problema de procurar explicações psicológicas para esses fenômenos? Isso significaria trocar o mecanismo de um processo, que é o mesmo em todos os casos, com suas variações. Mas em vez de uma análise, citarei uma comparação que resolverá o argumento.

Vamos supor que eu era tão imprudente a ponto de dar uma volta à noite em um bairro desabitado de uma cidade grande, e foi atacado e roubado do meu relógio e bolsa. Na delegacia de polícia mais próxima eu relato o

assunto nas seguintes palavras: "Eu estava nesta ou naquela rua, e estava lá roubado do meu relógio e bolsa por solidão e escuridão." Embora essas palavras não expressem nada que seja incorreto, eu correria o perigo de ser considerado - a julgar pela redação deste relatório - como não bem na cabeça. Para ser correto, o estado das coisas só poderia ser descrito dizendo que, favorecido pela solidão do lugar e sob a cobertura da escuridão, fui roubado dos meus valores por malfeitores desconhecidos.

A situação em esquecer nomes não precisa ser diferente. Favorecido pela exaustão, distúrbios circulatórios e intoxicação, sou roubado por uma força psíquica desconhecida do descarte sobre os nomes próprios pertencentes à minha memória, é a mesma força que em outros casos pode trazer a mesma falha de memória durante a saúde perfeita e capacidade mental.

Quando analiso os casos de esquecimento de nomes que ocorrem em mim, acho quase que regularmente que o nome oculto mostra alguma relação com um tema que diz respeito à minha própria pessoa, e é capaz de provocar em mim emoções fortes e muitas vezes dolorosas. Seguindo a prática conveniente e louvável da Escola de Zurique (Bleuler, Jung, Riklin), eu poderia expressar a mesma coisa na seguinte forma: O nome oculto tocou um "complexo pessoal" em mim. A relação do nome com a minha pessoa é inesperada, e é causada principalmente por associações superficiais (palavras de duplo significado e sons semelhantes); geralmente pode ser designada como uma associação lateral. Alguns exemplos simples ilustram melhor a natureza do mesmo:

(a) Um paciente me pediu para recomendar-lhe um sanatório na Riviera. Eu sabia de tal lugar muito perto de Gênova, eu também lembrei o nome

do colega alemão que estava no comando do lugar, mas o próprio lugar que eu não poderia nomear, bem como eu acreditava que eu sabia. Não havia mais nada a fazer além de pedir ao paciente para esperar, e apelar rapidamente para as mulheres da família.

"Qual é o nome do lugar perto de Gênova onde o Dr. X. tem sua pequena instituição na qual a Sra. So-e-so permaneceu tanto tempo em tratamento?"

"Claro que você esqueceria um nome desse tipo. O nome é Nervi."

Para ter certeza, tenho o suficiente para ter nervos.

(b) Outro paciente falou sobre um resort de verão vizinho, e sustentou que além das duas pousadas familiares havia um terceiro. Discuti a existência de qualquer terceira pousada, e me referi ao fato de que eu tinha passado sete verões nas proximidades e, portanto, sabia mais sobre o lugar do que ele. Instigado pela minha contradição, ele lembrou o nome. O nome da terceira pousada era "O Hochwartner". Claro, eu tinha que admitir, de fato, fui forçado a confessar que por sete verões eu tinha vivido perto desta pousada cuja existência eu tinha negado tão fortemente. Mas por que eu deveria ter esquecido o nome e o objeto? Acredito que porque o nome parecia muito com o de um colega de Viena que praticava a mesma especialidade que a minha. Me tocou o "complexo profissional".

(c) Em outra ocasião, quando estava prestes a comprar uma passagem de trem na Estação Reichenhall, eu não conseguia lembrar o nome muito familiar da próxima grande estação de trem que eu tinha tantas vezes passado. Fui forçado a procurar no horário. O nome era Rosehome

(Rosenheim). Logo descobri que associações eu perdi. Uma hora antes eu tinha visitado minha irmã em sua casa perto de Reichenhall, o nome da minha irmã é Rose, daí também uma Rosehome. Esse nome foi tirado pelo meu complexo familiar.

(d) Esta influência predatória do "complexo familiar" que posso demonstrar em toda uma série de complexos.

Um dia fui consultado por um jovem, um irmão mais novo de uma das minhas pacientes, a quem vi várias vezes, e a quem costumava chamar pelo primeiro nome. Mais tarde, enquanto queria falar sobre sua visita, esqueci seu primeiro nome, de forma alguma incomum, e não consegui lembrar de forma alguma. Entrei na rua para ler os sinais de negócios e reconheci o nome assim que me dei conta.

A análise mostrou que eu tinha formado um paralelo entre o visitante e meu próprio irmão que centrou na pergunta: "Meu irmão, em um caso semelhante, teria se comportado como ele ou ainda mais contrariamente?" A conexão externa entre os pensamentos sobre o estranho e minha própria família foi possível através do acidente que o nome das mães em cada caso era o mesmo, Amelia. Subsequentemente eu também entendi os nomes substitutivos, Daniel e Frank, que se intrudiram sem nenhuma explicação. Esses nomes, assim como Amelia, pertencem à peça de Schiller *The Robbers*, todos ligados a uma piada do pedestre de Viena, Daniel Spitzer.

(e) Em outra ocasião eu não consegui encontrar o nome de um paciente que tinha uma certa referência à minha vida precoce. A análise teve que ser seguida por uma longa estrada desviada antes do nome desejado ser descoberto. O paciente expressou sua apreensão para que ele não perdesse

a visão, isso lembrou um jovem que ficou cego de um tiro, e isso novamente levou a uma foto de outro jovem que atirou em si mesmo, e este último tinha o mesmo nome do meu primeiro paciente, embora não tenha nada a ver com ele. O nome ficou conhecido para mim, no entanto, apenas após a apreensão ansiosa destes dois casos juvenis foi transferido para uma pessoa da minha própria família.

Assim, um fluxo incessante de "auto-referência" flui através de meus pensamentos sobre os quais eu normalmente não tenho nenhuma intuição, mas que se trai através de tal esquecimento de nome. Parece que fui forçado a comparar com minha própria pessoa tudo o que ouço sobre estranhos, como se meus complexos pessoais ficassem agitados com cada informação dos outros. Parece impossível que isso seja uma peculiaridade individual da minha própria pessoa, que deve, pelo contrário, apontar para o modo como entendemos os assuntos externos em geral. Eu tenho razões para supor que outros indivíduos se encontram com experiências muito semelhantes às minhas.

O melhor exemplo deste tipo foi relatado a mim por um cavalheiro chamado Lederer como uma experiência pessoal. Durante sua viagem de casamento em Veneza, ele encontrou um homem com quem estava apenas um pouco familiarizado, e que ele foi obrigado a apresentar à sua esposa. Como ele esqueceu o nome do estranho ele se livrou do embaraço da primeira vez murmurando o nome de forma ininteligível. Mas quando ele encontrou o homem uma segunda vez, como é inevitável em Veneza, ele o levou de lado e implorou para ajudá-lo a sair da dificuldade, dizendo-lhe o seu nome, que infelizmente ele tinha esquecido. A resposta do estranho apontou para um conhecimento superior da natureza humana: "Eu acredito

prontamente que você não entendeu meu nome. Meu nome é como o seu, Lederer!"

Não se pode suprimir uma leve sensação de desagrado ao descobrir seu próprio nome em um estranho. Eu recentemente senti isso muito claramente quando fui consultado durante o meu expediente por um homem chamado S. Freud. No entanto, tenho certeza por um de meus próprios críticos que, neste aspecto, ele se comporta da maneira oposta.

(f) O efeito da relação pessoal pode ser reconhecido também nos seguintes exemplos relatados por Jung.[6]

"O Sr. Y. se apaixona por uma dama que logo se casa com o Sr. X. Apesar do fato de que o Sr. Y. era um velho conhecido do Sr. X., e tinha relações comerciais com ele, ele repetidamente esqueceu o nome, e em várias ocasiões, quando desejava se corresponder com X., ele era obrigado a perguntar a outras pessoas por seu nome."

No entanto, a motivação para o esquecimento é mais evidente neste caso do que nos anteriores, que estavam sob a constelação da referência pessoal. Aqui, o esquecimento é claramente um resultado direto do desagrado de Y. para o rival feliz; ele não deseja saber nada sobre ele.

(g) O seguinte caso, relatado por Ferenczi, cuja análise é especialmente instrutiva através da explicação dos pensamentos substitutivos (como Botticelli-Boltraffio para Signorelli), mostra de uma forma um pouco diferente como a auto-referência leva ao esquecimento de um nome:

"Uma senhora que ouviu algo sobre psicanálise não conseguia lembrar o nome do psiquiatra, Young (Jung).

Em vez disso, ocorreu-lhe os seguintes nomes:

"Não lhe disse o nome, e pedi que repetisse suas associações livres a cada pensamento.

"Para Kl. ela imediatamente pensou na Sra. Kl., que ela era uma pessoa embelezada e afetada que parecia muito bem para sua idade. Ela não envelhece. Como uma concepção geral e principal de Wilde e Nietzsche, ela deu à associação 'doença mental'. "Os freudianos continuarão à procura das causas das doenças mentais até que eles mesmos fiquem loucos." Ela continuou: 'Eu não posso suportar Wilde e Nietzsche. Eu não os entendo. Ouí dizer que ambos eram homossexuais. Wilde tem se ocupado com jovens (embora ela proferiu nesta frase o nome correto que ela ainda não conseguia lembrar).

"Para Hauptmann ela associou as palavras metade e juventude, e só depois que eu chamei sua atenção para a palavra juventude ela se tornou consciente de que ela estava procurando o nome Young (Jung)."

Está claro que esta senhora, que tinha perdido o marido aos 39 anos, e não tinha perspectiva de se casar pela segunda vez, teve causa suficiente para evitar reminiscências lembrando juventude ou velhice. O mais notável é que os pensamentos ocultos do nome desejado vieram à tona como simples associações de conteúdo sem nenhuma associação sonora.

(h) Ainda diferente e muito bem motivado é um exemplo de esquecimento de nome que a pessoa em causa explicou a si mesma.

"Enquanto fazia um exame de filosofia como um assunto menor, fui interrogado pelo examinador sobre os ensinamentos de Epicuro, e foi

perguntado se eu sabia quem tomava seus ensinamentos séculos depois. Eu respondi que era Pierre Gassendi, que dois dias antes, enquanto em um café eu tinha ouvido falar como um seguidor de Epicuro. À pergunta de como eu sabia disso, respondi corajosamente que me interessava por Gassendi por muito tempo. Isso resultou em um certificado com uma magna cum laude, mas mais tarde, infelizmente, também em uma tendência persistente para esquecer o nome Gassendi. Acredito que é devido à minha consciência culpada que mesmo agora não posso manter esse nome apesar de todos os esforços. Eu não tinha o que saber naquela época."

Para ter uma apreciação adequada da intensa repugnância entretida por nosso narrador contra a lembrança deste episódio de exame, deve-se ter percebido o quanto ele valoriza o grau de seu médico, e por quantas outras coisas este substituto deve suportar.

Acrescento aqui outro exemplo de esquecer o nome de uma cidade, uma instância que talvez não seja tão simples como as dadas antes, mas que parecerá credível e valiosa para aqueles mais familiarizados com tais investigações. O nome de uma cidade italiana retirou-se da memória por causa de sua ampla semelhança de som com o primeiro nome de uma mulher, que por sua vez estava ligado a várias lembranças emocionais que certamente não foram exaustivamente tratadas neste relatório. Dr. S. Ferenczi, que observou este caso de esquecimento em si mesmo, tratou-o - justamente - como uma análise de um sonho ou uma ideia erótica.

"Hoje visitei alguns velhos amigos, e a conversa virou para cidades do norte da Itália. Alguém comentou que eles ainda mostraram a influência

austriaca. Algumas dessas cidades foram citadas. Eu também queria mencionar um, mas o nome não veio a mim, embora eu soubesse que eu tinha passado dois dias muito agradáveis lá, isso, é claro, não concorda com a teoria de Freud de esquecer. Em vez do nome desejado da cidade, ali se intrigou os seguintes pensamentos: 'Capua - Brescia - o leão de Brescia.' Este leão eu vi objetivamente diante de mim na forma de uma estátua de mármore, mas eu logo notei que ele se parecia menos com o leão da estátua da liberdade em Brescia (que eu vi apenas em uma imagem) do que com o outro leão de mármore que eu vi em Lucerna no monumento em honra da Guarda Suíça caído nas Tulherias. Finalmente pensei no nome desejado: era Verona.

"Eu sabia imediatamente a causa desta amnésia. Só um antigo servo da família que visitei na época. Seu nome era Veronica, em húngaro Verona. Eu senti uma grande antipatia por ela por causa de sua fisionomia repulsiva, bem como sua voz rouca, estridente e sua insuportável autoafirmação (a qual ela pensou ter direito por causa de seu longo serviço). Também a forma tirânica em que tratava os filhos da família era insuportável para mim. Agora eu sabia o significado dos pensamentos substitutivos.

"A Cápua I imediatamente associou Caput Mortuum. Eu tinha frequentemente comparado a cabeça de Veronica a um crânio. A palavra húngara "kapzoi" certamente forneceu um determinante para o deslocamento. Naturalmente também encontrei essas associações mais diretas que ligavam Cápua e Verona como ideias geográficas e como palavras italianas do mesmo ritmo.

"O mesmo se aplica a Brescia, aqui também encontrei traços ocultos de associações de ideias.

"Minha antipatia naquela época era tão violenta que eu achava Veronica muito feia, e muitas vezes expressava meu espanto pelo fato de que alguém deveria amá-la: "Por que, para beijá-la", eu disse, "deve provocar náuseas".

"Brescia, pelo menos na Hungria, é muitas vezes mencionado não em conexão com o leão, mas com outra besta selvagem. O nome mais odiado neste país, assim como no norte da Itália, é o do General Haynau, que é brevemente referido como a hiena de Brescia. Do tirano odiado Haynau uma corrente de pensamento leva sobre Brescia para a cidade de Verona, e a outra sobre a idéia do animal de cova com a voz rouca (que corresponde ao pensamento de um monumento aos mortos), para o crânio, e para o órgão desagradável de Veronica, que foi tão cruelmente insultado em minha mente inconsciente. Veronica em seu tempo governava tão tiricamente como o General austríaco depois das lutas húngaras e italianas pela liberdade.

"Lucerne está associada à ideia do verão que Veronica passou com seus empregadores em um lugar perto de Lucerne. A Guarda Suíça lembra novamente que tiranizou não só as crianças, mas também os membros adultos da família, e assim desempenhou o papel do 'Garde-Dame'.

"Observo expressamente que esta minha antipatia contra V. pertence conscientemente às coisas há muito superadas. Desde aquele tempo ela mudou em sua aparência e maneira, muito para sua vantagem, de modo que eu sou capaz de encontrá-la com consideração sincera (para ter certeza de que eu dificilmente encontrar tal ocasião). Como de costume, no

entanto, meu inconsciente se agarra mais tenazmente a essas impressões, é velho em seu ressentimento.

"As Tulherias representam uma alusão a uma segunda personalidade, uma velha francesa que realmente 'guardava' as mulheres da casa, e que era em grande consideração e temida por todos. Por muito tempo eu fui seu élève na conversa francesa. A palavra Elève lembra que quando visitei o cunhado do meu atual anfitrião no norte da Boêmia, tive que rir muito porque a população rural se referia aos Elèves (alunos) da escola florestal como Löwen (leões). Também esta lembrança jocosa pode ter tomado parte no deslocamento da hiena pelo leão."

(i) O exemplo a seguir também pode mostrar como um complexo pessoal oscilando a pessoa no momento, pode ser por meios desonestos trazer o esquecimento de um nome.

Dois homens, um mais velho e um mais jovem, que viajaram juntos na Sicília seis meses antes, trocaram lembranças daqueles dias agradáveis e interessantes.

"Vamos ver, qual era o nome daquele lugar", perguntou o mais novo, "onde passamos a noite antes de fazer a viagem para Selinunt? Calatafini, não foi?"

O ancião rejeitou isso dizendo: "Certamente não, mas eu esqueci o nome, também, embora eu possa lembrar perfeitamente todos os detalhes do lugar. Sempre que ouço alguém esquecer um nome, ele imediatamente produz esquecimento em mim. Vamos procurar o nome. Não consigo pensar em outro nome, exceto Caltanissetta, que certamente não está

correto."

"Não", disse o mais jovem, "o nome começa com, ou contém, um w."

"Mas a língua italiana não contém w", respondeu o ancião.

"Eu realmente quis dizer um V, e eu disse W porque eu estou acostumado a trocá-los em minha língua materna."

O ancião, no entanto, se opôs ao V. Ele acrescentou: "Acho que já esqueci muitos nomes sicilianos. Suponha que tentemos descobrir. Por exemplo, qual é o nome do lugar situado em uma altura que se chamava Enna na antiguidade?"

"Eu sei disso, Castrogiovanni." No momento seguinte, o jovem descobriu o nome perdido. Ele gritou "Castelvetrano", e ficou feliz em poder demonstrar o suposto v.

Por um momento, o ancião ainda não tinha o sentimento de reconhecimento, mas depois que ele aceitou o nome ele foi capaz de dizer por que tinha escapado dele. Ele pensou: "Obviamente porque o segundo tempo, Vetrano, sugere veterano. Estou ciente de que não estou ansioso para pensar no envelhecimento, e reagir de forma peculiar quando me lembro disso. Assim, por exemplo, eu recentemente lembrei a um amigo muito estimado, em termos inconfundíveis, que ele havia passado há muito tempo os anos da juventude, porque antes disso ele uma vez comentou da forma mais lisonjeira, 'Eu não sou mais um jovem'. Que minha resistência foi dirigida contra a segunda metade do nome Castelvetrano é mostrado pelo fato de que o som inicial do mesmo retornou no nome substituto Caltanissetta."

"E o nome Caltanissetta em si?" perguntou o mais novo.

"Isso sempre me pareceu um apelido de uma jovem", admitiu o ancião.

Mais tarde ele acrescentou: "O nome para Enna também era apenas um nome substituto. E agora me ocorre que o nome Castrogiovanni, que se intrusou com a ajuda de uma racionalização, alude expressamente a Giovane, jovem, como o sobrenome, Castelvetrano, para veterano."

O homem mais velho acreditava que assim ele tinha explicado por seu esquecimento do nome. O motivo que levou o jovem a esta falha de memória não foi investigado.

Em alguns casos deve-se recorrer a toda a finura da técnica psicanalítica para explicar o esquecimento de um nome. Aqueles que desejam ler um exemplo de tal trabalho eu me refiro a uma comunicação do Professor E. Jones.

Eu poderia multiplicar os exemplos de esquecimento de nomes e prolongar a discussão muito mais se eu não quisesse evitar elucidar aqui quase todos os pontos de vista que serão considerados em temas posteriores. No entanto, tomarei a liberdade de compreender em algumas frases os resultados das análises aqui relatadas.

O mecanismo de esquecer, ou melhor, de perder ou esquecer temporariamente um nome, consiste na perturbação da reprodução pretendida do nome através de um estranho fluxo de pensamento inconsciente na época. Entre o nome perturbado e o complexo perturbador existe uma conexão desde o início ou tal conexão foi formada - talvez por meios artificiais - através de associações superficiais (exteriores).

O complexo de auto-referência (pessoal, familiar ou profissional) prova ser o mais eficaz dos complexos perturbadores.

Um nome que em virtude de seus muitos significados pertence a uma série de associações de pensamento (complexos) é frequentemente perturbado em sua conexão com uma série de pensamentos através de um complexo mais forte pertencente às outras associações.

Para evitar o despertar da dor através da memória é um dos objetos entre os motivos desses distúrbios.

Em geral, pode-se distinguir dois casos principais de esquecimento de nomes, quando o próprio nome toca em algo desagradável, ou quando é colocado em conexão com outras associações que são influenciadas por tais efeitos. Para que nomes possam ser perturbados por conta própria ou por conta de suas relações associativas mais próximas ou remotas na reprodução.

Uma revisão desses princípios gerais nos convence prontamente que o esquecimento temporário de um nome é observado como a ação falha mais frequente de nossas funções mentais.

No entanto, estamos longe de ter descrito todas as peculiaridades deste fenômeno. Também quero chamar a atenção para o fato de que esquecer nomes é extremamente contagioso. Em uma conversa entre duas pessoas a mera menção de ter esquecido este ou aquele nome por um muitas vezes basta para induzir o mesmo desliz de memória no outro. Mas onde quer que o esquecimento seja induzido, o nome procurado vem facilmente à superfície.

Há também um esquecimento contínuo de nomes em que cadeias inteiras de nomes são retiradas da memória. Se, no decorrer da tentativa de descobrir um nome fugitivo, encontramos outros com os quais o último está intimamente ligado, muitas vezes acontece que esses novos nomes também escapam. O esquecimento pula de um nome para outro, como se para demonstrar a existência de um obstáculo para não ser facilmente removido.

05. Lembranças de infância e lembranças encobridoras

Capítulo IV da edição inglesa autorizada de A. A. Brill, 1914

Em um segundo ensaio[9] Eu pude demonstrar a natureza propositiva de nossas memórias em um campo inesperado. Comecei com o fato notável de que as primeiras lembranças de uma pessoa muitas vezes pareciam preservar o não importante e acidental, enquanto (frequentemente embora não universalmente!) nenhum traço é encontrado na memória adulta das impressões pesadas e afetivas deste período. Como é sabido que a memória exerce uma certa seleção entre as impressões à sua disposição, parece lógico supor que esta seleção segue princípios inteiramente diferentes na infância do que no momento da maturidade intelectual. No entanto, investigações próximas apontam para o fato de que tal suposição é supérflua. As lembranças de infância indiferentes devem sua existência a um processo de deslocamento. Pode ser mostrado pela psicanálise que na reprodução eles representam o substituto para outras impressões realmente significativas, cuja reprodução direta é prejudicada por alguma resistência. Como eles não devem sua existência ao seu próprio conteúdo, mas a uma relação associativa de seu conteúdo a outro pensamento reprimido, eles merecem o título de "memórias ocultas", pelo qual eu os designei.

No referido ensaio eu só toquei, mas de forma alguma exausto, as variedades nas relações e significados de memórias escondidas. No exemplo analisado, particularmente enfatizei uma peculiaridade na relação temporal entre a memória oculta e o conteúdo da memória escondida por

ela. O conteúdo da memória oculta nesse exemplo pertencia a um dos primeiros anos de infância, enquanto os pensamentos representados por ele, que permaneceram praticamente inconscientes, pertenciam a um período posterior do indivíduo em questão. Chamei essa forma de deslocamento de reativo ou regressivo. Talvez mais frequentemente se encontre a relação inversa - isto é, uma impressão indiferente do período mais remoto torna-se uma memória oculta na consciência, que simplesmente deve sua existência a uma associação com uma experiência anterior, contra cuja reprodução direta há resistências. Chamariamos isso de invasão ou invasão de memórias ocultas. O que mais diz respeito à memória está aqui cronologicamente além da memória oculta. Finalmente, pode haver um terceiro caso possível, a saber, a memória oculta pode estar ligada com a impressão que esconde, não só através de seu conteúdo, mas também através da contiguidade do tempo; esta é a memória oculta contemporânea ou contígua.

Quão grande uma parte da soma total de nossa memória pertence à categoria de esconder memórias, e que papel desempenha em vários processos neuróticos ocultos, estes são problemas no valor do qual não perguntei nem devo entrar aqui. Estou preocupado apenas em enfatizar a mesma coisa entre o esquecimento de nomes próprios com lembranças defeituosas e a formação de memórias ocultas.

À primeira vista, parece que as diversidades de ambos os fenômenos são muito mais impressionantes do que suas analogias exatas. Lá lidamos com nomes apropriados, aqui com impressões completas experimentadas na realidade ou no pensamento, lá lidamos com uma falha manifesta da função de memória, aqui com um ato de memória que nos parece estranho. Mais

uma vez, estamos preocupados com um distúrbio momentâneo, pois o nome esquecido poderia ter sido reproduzido corretamente cem vezes antes, e será novamente a partir de amanhã, aqui lidamos com uma possessão duradoura sem um fracasso, pois as memórias de infância indiferentes parecem ser capazes de nos acompanhar através de uma grande parte da vida. Em ambos os casos, o enigma parece ser resolvido de uma forma totalmente diferente. Lá está o esquecimento, enquanto aqui é a lembrança que excita nossa curiosidade científica.

Após uma reflexão mais profunda percebe-se que, embora haja uma diversidade no material psíquico e na duração do tempo dos dois fenômenos, estes são de longe superados pelas conformações entre os dois. Em ambos os casos lidamos com o fracasso de lembrar: o que deve ser reproduzido corretamente pela memória falha em aparecer, e em vez disso algo mais vem como um substituto. No caso de esquecer um nome não há falta de função de memória na forma de substituição de nome. A formação de uma memória oculta depende do esquecimento de outras impressões importantes. Em ambos os casos somos lembrados por um sentimento intelectual da intervenção de uma perturbação, que em cada caso assume uma forma diferente. No caso de esquecer nomes, estamos cientes de que os nomes substitutivos estão incorretos, ao mesmo tempo em esconder memórias, ficamos surpresos de tê-los. Portanto, se a análise psicológica demonstra que a formação substitutiva em cada caso é trazida da mesma forma - isto é, através de deslocamento ao longo de uma associação superficial - somos justificados em dizer que as diversidades no material, na duração do tempo, e no centro de ambos os fenômenos servem para aumentar nossa expectativa, que descobrimos algo que é importante e de

valor geral. Esta generalidade pretende que a parada e desvio da função de reprodução indica mais frequentemente do que pensamos que há uma intervenção de um fator prejudicial, uma tendência que favorece uma memória e ao mesmo tempo funciona contra outra.

O assunto das memórias de infância me parece tão importante e interessante que gostaria de dedicar a ele algumas observações adicionais que vão além das opiniões expressas até agora.

A que distância da infância nossas memórias chegam? Estou familiarizado com algumas investigações sobre esta questão de V. e C. Henri[10] e Potwin.[11] Eles afirmam que tais exames mostram amplas variações individuais, na medida em que alguns traçam suas primeiras reminiscências para o sexto mês de vida, enquanto outros não podem lembrar nada de suas vidas antes do fim do sexto ou mesmo do oitavo ano. Mas que conexão há entre essas variações no comportamento das reminiscências da infância, e que significação pode ser atribuída a elas? Parece que não é suficiente adquirir o material para esta questão por simples inquérito, mas deve mais tarde ser submetido a um estudo em que a pessoa que fornece a informação deve participar.

Creio que aceitamos muito indiferentemente o fato da amnésia infantil - isto é, o fracasso da memória para os primeiros anos de nossas vidas - e não encontramos nele um enigma estranho. Esquecemos que grandes realizações intelectuais e que emoções complicadas uma criança de quatro anos é capaz. Nós realmente devemos nos perguntar por que a memória dos últimos anos tem, como regra, mantido tão pouco desses processos psíquicos, especialmente porque temos todas as razões para supor que

essas mesmas atividades esquecidas de infância não deslizaram sem deixar um rastro no desenvolvimento da pessoa, mas que deixaram uma influência definitiva para todo o futuro. Apesar desta eficácia incomparável, foram esquecidos! Isso sugere que existem condições de memória especialmente formadas (no sentido de reprodução consciente) que até agora escaparam de nosso conhecimento. É bem possível que o esquecimento da infância nos dê a chave para a compreensão dessas amnésias que, de acordo com nossos estudos mais recentes, estão na base da formação de todos os sintomas neuróticos.

Destas retidas reminiscências de infância, algumas nos parecem facilmente compreensíveis, enquanto outras parecem estranhas ou ininteligíveis. Não é difícil corrigir certos erros em relação a ambos os tipos. Se as reminiscências retidas de uma pessoa são submetidas a um teste analítico, pode-se facilmente verificar que uma garantia para sua exatidão não existe. Algumas das fotos de memória são certamente falsificadas e incompletas, ou deslocadas em ponto de tempo e lugar. As afirmações das pessoas examinadas de que suas primeiras memórias remontam talvez ao segundo ano não sejam confiáveis. Motivos podem logo ser descobertos que explicam a desfiguração e o deslocamento dessas experiências, mas eles também demonstram que esses lapsos de memória não são o resultado de uma mera memória não confiável. Forças poderosas de um período posterior moldaram a capacidade de memória de nossas experiências infantis, e é provavelmente devido a essas mesmas forças que a compreensão de nossa infância geralmente é muito estranha para nós.

A lembrança de adultos, como se sabe, passa por diferentes materiais psíquicos. Alguns recordam por meio de imagens visuais - suas memórias

são de um caráter visual; outros indivíduos dificilmente podem reproduzir na memória o esboço mais insignificante de uma experiência; chamamos tais pessoas de "auditivos" e "motores" em contraste com os "visuais", termos propostos por Charcot. Essas diferenças desaparecem nos sonhos, todos os nossos sonhos são preponderantemente visuais. Mas esse desenvolvimento também é encontrado nas memórias da infância, estas últimas são plásticas e visuais, mesmo naquelas pessoas cuja memória posterior carece do elemento visual. A memória visual, portanto, preserva o tipo de lembrança infantil. Apenas minhas primeiras memórias de infância são de um personagem visual, representam cenas retratadas plasticamente, comparáveis apenas aos cenários de palco.

Nestas cenas de infância, sejam elas verdadeiras ou falsas, geralmente se vê sua própria pessoa infantil em contorno e vestido. Essa circunstância deve excitar nossa maravilha, pois os adultos não vêem suas próprias pessoas em suas lembranças de experiências posteriores. É, além disso, contra nossas experiências assumir que a atenção da criança durante suas experiências está centrada em si mesmo em vez de exclusivamente em impressões externas. Várias fontes nos forçam a supor que as chamadas lembranças de infância não são vestígios de memórias verdadeiras, mas elaborações posteriores das mesmas, elaborações que poderiam ter sido submetidas às influências de muitas forças psíquicas posteriores. Assim, as "reminiscências de infância" dos indivíduos avançam completamente para a significação de "memórias ocultas", e, assim, formam uma notável analogia com as reminiscências de infância como estabelecidas nas lendas e mitos das nações.

Quem examinou mentalmente uma série de pessoas pelo método da psicanálise deve ter reunido neste trabalho numerosos exemplos de ocultar memórias de cada descrição. No entanto, devido à natureza anteriormente discutida das relações da infância reminiscências para a vida posterior, torna-se extraordinariamente difícil relatar tais exemplos. Para atribuir o valor da memória oculta a uma reminiscência infantil, muitas vezes seria necessário apresentar toda a história de vida da pessoa em causa. Apenas raramente é possível, como no exemplo seguinte, retirar de seu contexto e relatar uma única memória de infância.

Um homem de 24 anos preservou o seguinte quadro do quinto ano de sua vida: No jardim de uma casa de verão ele sentou-se em um banco ao lado de sua tia, que estava envolvido em ensinar-lhe o alfabeto. Ele encontrou dificuldade em distinguir a letra m de n, e ele implorou a sua tia para dizer-lhe como distinguir um do outro. Sua tia chamou sua atenção para o fato de que a letra m tinha uma porção inteira (um derrame) mais do que a letra n. Não havia razão para disputar a confiabilidade dessa lembrança de infância; seu significado, no entanto, só foi descoberto mais tarde, quando mostrou ser a representação simbólica de outra inquisitividade juvenil. Assim como ele queria saber a diferença entre M e N naquela época, então ele se preocupou mais tarde com a diferença entre menino e menina, e ele estaria disposto que apenas esta tia deveria ser sua professora. Ele também descobriu que a diferença era similar, que o garoto tinha uma porção inteira mais do que a garota, e no momento desse reconhecimento sua memória despertou para a inquisitividade infantil correspondente.

Gostaria de mostrar por mais um exemplo o sentido que pode ser obtido por uma reminiscência de infância através de um trabalho analítico,

embora possa parecer não conter sentido antes. No meu quadragésimo terceiro ano, quando comecei a me interessar pelo que restava na minha memória da minha própria infância, uma cena me atingiu que por muito tempo, como eu acreditava depois, tinha repetidamente chegado à consciência, e que através de uma identificação confiável poderia ser rastreada até um período antes da conclusão do meu terceiro ano. Eu me vi na frente de um baú, cuja porta foi mantida aberta pelo meu meio-irmão, vinte anos mais velho. Eu estava lá exigindo algo e gritando, minha mãe, bonita e esbelta, então de repente entrou no quarto, como se voltasse da rua.

Com estas palavras eu formulei esta cena tão vividamente vista, que, no entanto, não forneceu nenhuma outra pista. Se meu irmão queria abrir ou trancar o peito (na primeira explicação foi um "copo"), por que eu chorei, e o que aconteceu com a chegada de minha mãe, todas essas perguntas eram obscenas para mim, eu estava tentado a explicar a mim mesmo que tratava da memória de uma farsa por meu irmão mais velho, que foi interrompido por minha mãe. Tais mal-entendidos de cenas de infância mantidas na memória não são incomuns, recordamos uma situação, mas não é centralizada, não sabemos em qual dos elementos para colocar o sotaque psíquico. O esforço analítico me levou a uma solução totalmente inesperada do quadro. Senti falta da minha mãe e comecei a suspeitar que ela estava trancada neste armário ou peito, e, portanto, exigiu que meu irmão o destrancasse. Como ele me obrigou, e eu fiquei convencido de que ela não estava no peito, eu comecei a chorar, este é o momento firmemente retido na memória, que foi diretamente seguido pela aparência de minha mãe, que apaziguava minha preocupação e ansiedade.

Mas como a criança teve a ideia de procurar a mãe ausente no peito? Sonhos que ocorreram ao mesmo tempo apontavam vagamente para uma enfermeira, a respeito da qual outras reminiscências foram mantidas, como, por exemplo, que ela conscienciosamente me instou a entregar a ela as pequenas moedas que recebi como presentes, um detalhe que em si pode reivindicar o valor de uma memória oculta para coisas posteriores. Então, concluí facilitar para mim mesmo desta vez a tarefa de interpretação, e perguntei a minha mãe agora idosa sobre aquela enfermeira. Descobri todo o tipo de coisas, entre outras, o fato de que essa pessoa astuta, mas desonesta, cometeu extensos roubos durante o confinamento de minha mãe, e que meu meio-irmão foi fundamental para levá-la à justiça.

Esta informação me deu a chave para a cena desde a infância, como através de uma espécie de inspiração. O desaparecimento repentino da enfermeira não foi uma questão de indiferença para mim, eu tinha acabado de perguntar a esse irmão onde ela estava, provavelmente porque eu tinha notado que ele tinha desempenhado um papel em seu desaparecimento, e ele, evasivo e espirituoso como ele é até hoje, respondeu que ela estava "aprisionada". Eu entendi essa resposta de forma infantil, mas não pedi mais, já que não havia mais nada a ser descoberto. Quando minha mãe me deixou logo depois eu suspeitava que o irmão travesso a tinha tratado da mesma forma que ele fez com a enfermeira, e, portanto, pressionou-o para abrir o peito.

Eu também entendo agora porque na tradução da cena visual da infância a esbelta de minha mãe foi acentuada, ela deve ter me parecido como sendo recém restaurada. Eu sou dois anos e meio mais velho do que a irmã

nascida naquela época, e quando eu tinha três anos de idade eu estava separado do meu meio-irmão.

06. Equívocos na fala

Capítulo V da edição inglesa autorizada de A. A. Brill, 1914

Embora o material comum da fala de nossa língua-mãe pareça ser guardado contra o esquecimento, sua aplicação, no entanto, mais frequentemente sucumbi a outro distúrbio que é familiar para nós como "derrapantes da língua". O que observamos em pessoas normais como deslizes da língua dá a mesma impressão do primeiro passo das chamadas "parafasias" que se manifestam sob condições patológicas.

Estou na posição excepcional de me referir a um trabalho anterior sobre o assunto. No ano de 1895 Meringer e C. Mayer publicaram um estudo sobre erros na fala e leitura, com cujas visões eu não concordo. Um dos autores, que é o porta-voz do texto, é um filólogo atuado por um interesse linguístico para examinar as regras que regem esses deslizes. Ele esperava deduzir dessas regras a existência "de um mecanismo psíquico definido", "onde pelos sons de uma palavra, de uma frase, e até mesmo as próprias palavras, seriam associadas e ligadas umas às outras de uma forma bastante peculiar" (p. 10).

Os autores agruparam os exemplos de erros de fala coletados por eles primeiro de acordo com pontos de vista puramente descritivos, tais como mudanças (por exemplo, o Milo de Vênus em vez da Vênus de Milo), como antecipações (por exemplo, os sapatos fizeram ela sorft... os sapatos fizeram seus pés doer), como ecos e posições de postagem, como contaminações (por exemplo, "eu em breve vou para casa", em vez de "eu vou voltar para casa e eu vou vê-lo"), e substituições (por exemplo, "ele confiou seu dinheiro a uma caixa de poupança", em vez de "um banco de

poupança").[13] Além dessas categorias principais, há outras de menor importância (ou de menor importância para nosso propósito). Neste agrupamento não faz diferença se a transposição, desfiguração, fusão, etc., afeta sons únicos da palavra ou sílabas, ou palavras inteiras da sentença em causa.

Para explicar as várias formas de erros na fala, Meringer assume um valor psíquico variado de fonética. Assim que a inervação afeta a primeira sílaba de uma palavra, ou a primeira palavra de uma frase, o processo estimulante atinge imediatamente os sons seguintes, e as seguintes palavras, e na medida em que estas inerções são síncronas eles podem causar algumas mudanças uma na outra. O estímulo do som psiquicamente mais intenso "rings" antes ou continua ecoando, e assim perturba o processo menos importante de inervação. Portanto, é necessário determinar quais são os sons mais importantes de uma palavra. Meringer afirma: "Se alguém deseja saber qual som de uma palavra possui a maior intensidade, deve examinar-se enquanto procura uma palavra esquecida, por exemplo, um nome. Aquilo que primeiro retorna à consciência invariavelmente tinha a maior intensidade antes do esquecimento (p. 160). Assim, os sons mais importantes são o som inicial da raiz silábica e o som inicial da própria palavra, bem como uma ou outra das vogais acentuadas" (p. 162).

Aqui não posso deixar de expressar uma contradição. Se o som inicial do nome pertence ou não aos elementos mais importantes da palavra, certamente não é verdade que, no caso do esquecimento da palavra, ele retorna à consciência. A regra acima é, portanto, inútil. Quando nos observamos durante a busca por um nome esquecido, somos

comparativamente forçados a expressar a opinião de que começa com uma certa letra. Esta convicção prova ser tão infundada quanto fundada. Na verdade, eu diria que na maioria dos casos se reproduz um falso som inicial. Também em nosso exemplo Signorelli o nome substitutivo não tinha o som inicial, e as principais sílabas foram perdidas; por outro lado, o par menos importante de sílabas *elli* voltou à consciência no nome substitutivo *Botticelli*.

Quão poucos nomes substitutivos respeitam o som inicial dos nomes perdidos podem ser aprendidos com o seguinte caso. Um dia achei impossível lembrar o nome do pequeno país cuja capital é Monte Carlo. Os nomes substitutivos eram os seguintes: *Piedmont*, *Albânia*, *Montevideo*, *Colico*. No lugar da *Albânia* *Montenegro* logo apareceu, e então me ocorreu que a sílaba *Mont* (pronunciado *Mon*) ocorreu em todos, exceto o último dos nomes substitutivos. Assim, tornou-se fácil para mim encontrar do nome de Príncipe *Albert* o esquecido nome *Mônaco*. *Colico* praticamente imita a sequência silábica e o ritmo do nome esquecido.

Se admitirmos a conjectura de que um mecanismo semelhante ao apontado no esquecimento de nomes pode também desempenhar um papel nos fenômenos de fala-blunders, então somos levados a um julgamento mais fundamentado de casos de fala-blunders. O distúrbio de fala que se manifesta como um discurso-blunder pode, em primeiro lugar, ser causado pela influência de outro componente do mesmo discurso, isto é, através de um som dianteiro ou um eco, ou através de outro significado dentro da frase ou contexto que difere do que o orador deseja pronunciar. Em segundo lugar, no entanto, o distúrbio poderia ser causado de forma análoga ao processo no caso *Signorelli*, através de influências fora desta

palavra, frase ou contexto, de elementos que não pretendíamos expressar, e de cujo incitamento nos tornamos conscientes apenas através da perturbação. Em ambos os modos de origem do erro na fala o elemento comum está na simultaneidade do estímulo, enquanto os elementos diferenciadores estão no arranjo dentro ou sem a mesma frase ou contexto.

A diferença não parece tão grande quanto quando é levada em consideração em certas conclusões tiradas da sintomatologia de erros de fala. É claro, no entanto, que só no primeiro caso há uma perspectiva de tirar conclusões das manifestações dos falantes sobre um mecanismo que conecta sons e palavras para a influência recíproca de sua articulação, ou seja, conclusões como o filólogo espera obter com o estudo dos faladores. No caso de perturbação através da influência fora da mesma frase ou contexto, seria antes de tudo uma questão de se familiarizar com os elementos perturbadores, e então a questão surgiria se o mecanismo dessa perturbação não pode também sugerir as prováveis leis da formação da fala.

Não podemos afirmar que Meringer e Mayer esqueceram a possibilidade de distúrbio de fala através de "influências psíquicas complicadas", isto é, através de elementos fora da mesma palavra ou frase ou da mesma sequência de palavras. De fato, eles devem ter observado que a teoria da variação psíquica dos sons se aplica, estritamente falando, apenas à explicação de distúrbios sonoros, bem como a sons e sons posteriores. Onde a palavra distúrbios não podem ser reduzidos a distúrbios sonoros, como, por exemplo, nas substituições e contaminações de palavras, eles também, sem hesitação, têm procurado a causa do erro na fala fora do contexto pretendido, e provou este estado de coisas por meio de exemplos

adequados.[14] De acordo com a compreensão do próprio autor é alguma semelhança entre uma certa palavra na sentença pretendida e outra não pretendida, o que permite que este último se assevere na consciência causando uma desfiguração, uma composição, ou uma formação de compromisso (contaminação).

Agora, em meu trabalho sobre a Interpretação dos Sonhos eu mostrei o papel desempenhado pelo processo de condensação na origem do chamado conteúdo manifesto do sonho dos pensamentos latentes do sonho. Qualquer semelhança de objetos ou de apresentações de palavras entre dois elementos do material inconsciente é tomada como uma causa para a formação de um terceiro, que é uma formação composta ou comprometedora. Este elemento representa ambos os componentes no conteúdo do sonho, e em vista desta origem, é frequentemente dotado de numerosos determinantes individuais contraditórios. A formação de substituições e contaminações em erros de fala é, portanto, o início daquele trabalho de condensação que encontramos tomando parte mais ativa na construção do sonho.

Em um pequeno ensaio destinado ao leitor geral, Meringer avançou uma teoria de significado muito prático para certos casos de troca de palavras, especialmente para casos em que uma palavra é substituída por outra de significado oposto. Ele diz: "Ainda podemos nos lembrar da maneira como o presidente da Casa Austríaco dos Deputados abriu a sessão há algum tempo: 'Honoráveis Senhores! Anuncio a presença de tantos cavalheiros, e, portanto, declaro a sessão como "fechada"! A alegria geral atraiu sua atenção e ele corrigiu seu erro. No caso em apreço, a explicação provável é que o presidente desejasse encerrar esta sessão, da qual ele tinha pouco

bem a esperar, e o pensamento rompeu pelo menos parcialmente - uma manifestação frequente - resultando em seu uso de "fechado" no lugar de "aberto", isto é, o oposto da declaração pretendida. Muitas observações me ensinaram, no entanto, que frequentemente trocamos palavras contrastantes, elas já estão associadas em nossa consciência de fala, elas se encontram muito próximas e são facilmente evocadas incorretamente.

Ainda assim, nem em todos os casos de substituição de contraste é tão simples como no exemplo do presidente que parece plausível que o erro de fala ocorre apenas como uma contradição que surge no pensamento interior do orador opondo-se à sentença proferida. Encontramos o mecanismo análogo na análise do exemplo aliquis; ali a contradição interior afirma-se na forma de esquecer uma palavra em vez de uma substituição por seu oposto. Mas para ajustar a diferença podemos observar que a pequena palavra aliquis é incapaz de um contraste semelhante a "fechar" e "abrir", e que a palavra "abrir" não pode estar sujeita ao esquecimento por ser um componente comum da fala.

Tendo sido mostrados pelos últimos exemplos de Meringer e Mayer que a perturbação da fala pode ser causada pela influência de sons de antemão, sons de depois, palavras da mesma frase que foram destinadas à expressão, bem como pelo efeito de palavras fora da frase pretendida, cujo estímulo de outra forma não teria sido suspeito, em seguida, vamos querer descobrir se podemos definitivamente separar as duas classes de erros na fala, e como podemos distinguir o exemplo de uma de um caso da outra classe.

Mas nesta fase da discussão também devemos pensar nas afirmações de Wundt, que lida com as manifestações de erros de fala em seu recente trabalho sobre o desenvolvimento da linguagem. Influências psíquicas, de acordo com Wundt, nunca faltam nestes, bem como em outros fenômenos relacionados a eles. "O fluxo desinibido de associações de sons e palavras estimuladas por sons falados pertence aqui em primeiro lugar como um determinante positivo. Isto é suportado como um fator negativo pelo relaxamento ou supressão das influências da vontade que inibem este fluxo, e pela atenção ativa que é aqui uma função de volição. Se essa peça de associação se manifesta no fato de que um som vindouro é antecipado ou um som anterior reproduzido, ou se um som praticado familiar se intercala entre os outros, ou finalmente, se manifesta no fato de que sons totalmente diferentes, relacionados com os sons falados, agem sobre eles - todas essas questões designam apenas diferenças na direção, e no máximo na peça das associações que ocorrem, mas não na natureza geral da mesma. Em alguns casos, pode ser também duvidoso para qual forma uma determinada perturbação pode ser atribuída, ou se não seria mais correto referir tal perturbação a uma concordância de muitos motivos, seguindo o princípio da complicação das causas [17] (cf. pp. 380-81).

Considero estas observações de Wundt absolutamente justificadas e muito instrutivas. Talvez possamos enfatizar com maior firmeza do que Wundt que o fator positivo que favorece erros na fala (o fluxo desinibida de associações, e seu negativo, o relaxamento da atenção inibitiva) regularmente atinge ação síncrona, de modo que ambos os fatores se tornam apenas determinantes diferentes do mesmo processo. Com o relaxamento, ou, mais inequivocamente expresso, através deste

relaxamento, da atenção inibidora o fluxo desinibitado de associações torna-se ativo.

Entre os exemplos dos erros de fala recolhidos por mim, dificilmente encontro um em que eu seria obrigado a atribuir o distúrbio de fala simplesmente e unicamente ao que Wundt chama de "efeito de contato do som". Quase invariavelmente descubro além desta influência perturbadora de algo fora do discurso pretendido. O elemento perturbador ou é um único pensamento inconsciente, que vem à luz através do discurso-blunder, e só pode ser trazido à consciência através de uma análise de busca, ou é um motivo psíquico mais geral, que se dirige contra todo o discurso.

(Exemplo a) Vendo minha filha fazer uma cara desagradável enquanto mordida uma maçã, eu queria citar o seguinte casal:

"O macaco é uma visão engraçada, quando na maçã ele dá uma mordida."

Mas eu comecei: "O apel..." Isso parece ser uma contaminação de "maçã" e "maçã" (formação de compromisso), ou também pode ser concebida como uma antecipação da "maçã" preparada. O verdadeiro estado de coisas, no entanto, foi este: comecei a citação uma vez antes, e não me enganei na primeira vez. Eu cometi o erro apenas durante a repetição, que era necessário porque minha filha, tendo sido distraída de outro lado, não me ouviu. Esta repetição com a impaciência adicional para me aliviar da frase que devo incluir na motivação do discurso-blunder, que se representava como uma função de condensação.

(b) Minha filha disse: "Eu escrevi para a Sra. Schresinger." O nome da mulher era Schlesinger. Este discurso pode depender da tendência de

facilitar a articulação. Devo dizer, no entanto, que este erro foi cometido por minha filha alguns momentos depois que eu disse apel em vez de macaco. Erros na fala são, em grande medida, contagiantes; uma peculiaridade similar foi notada por Meringer e Mayer no esquecimento de nomes. Não sei de nenhuma razão para essa contagância psíquica.

(c) "Eu suturei como um canivete", disse um paciente no início do tratamento, em vez de "Eu calei a boca". Isso sugere uma dificuldade de articulação que pode servir de desculpa para a troca de sons. Quando a atenção dela foi chamada para o discurso-blunder, ela prontamente respondeu: "Sim, isso aconteceu porque você disse 'ganhar' em vez de 'ganhar'. Na verdade, eu a recebi com o comentário: "Hoje vamos ser sinceros" (porque foi a última hora antes de ela sair do tratamento), e eu, brincando, mudei a palavra para winesht. No decorrer da hora ela repetidamente cometeu erros na fala, e eu finalmente observei que não era só porque ela me imitava, mas porque ela tinha uma razão especial em seu inconsciente para permanecer na palavra sério (Ernst) como um nome.

(d) Uma mulher, falando sobre um jogo inventado por seus filhos e chamado por eles de "o homem na caixa", disse "o manx no boc". Eu poderia entender o erro dela. Foi enquanto analisava seu sonho, em que seu marido é retratado como muito generoso em questões de dinheiro - apenas o inverso da realidade - que ela fez este discurso-blunder. Um dia antes de ela ter pedido um novo conjunto de peles, que seu marido negou, alegando que ele não podia gastar tanto dinheiro. Ela o repreendeu por sua mesquinhez, por colocar tanto na caixa forte, e mencionou um amigo cujo marido não tem quase sua renda, e ainda assim ele presenteou sua esposa com um casaco de vison para seu aniversário. O erro agora é

compreensível. A palavra manx (manks) se reduz aos "minks" que ela anseia, e a caixa se refere à mesquinhez do marido.

Um mecanismo similar é mostrado no erro de outra paciente cuja memória a abandonou no meio de uma longa lembrança infantil. Sua memória falhou em informá-la em que parte do corpo a mão intrometida e lasciva de outro havia tocado nela. Logo depois ela visitou um de seus amigos, com quem ela discutiu casas de verão. Perguntou onde sua casa em M. estava, ela respondeu, "Perto do lombo da montanha" em vez de "Mountain Lane".

(f) Outra paciente, a quem perguntei no final de sua visita como seu tio estava, respondeu: "Eu não sei, eu só o vejo agora em flagrante."

No dia seguinte ela disse, "Estou realmente envergonhado de mim mesmo por ter lhe dado ontem uma resposta tão estúpida. Naturalmente você deve ter me pensado uma pessoa muito ignorante que sempre confunde o significado de palavras estrangeiras. Eu queria dizer en passant." Não sabíamos onde ela conseguiu as palavras estrangeiras incorretamente usadas, mas durante a mesma sessão ela reproduziu uma reminiscência como uma continuação do tema do dia anterior, em que ser pego em flagrante desempenhou o papel principal. O erro do dia anterior antecipava, portanto, a lembrança, que naquela época ainda não tinha se tornado consciente.

(g) Ao discutir seus planos de verão, um paciente disse: "Eu permanecerei a maior parte do verão em Elberlon." Ela notou seu erro, e me pediu para analisá-lo. As associações a Elberlon provocaram: praia na costa de Jersey - resort de verão - viagens de férias. Lembrou-se de viajar pela Europa com seu primo, um assunto que discutimos no dia anterior durante a análise de

um sonho. O sonho lidava com seu desgosto por essa prima, e ela admitiu que era principalmente devido ao fato de que esta última era a favorita do homem que eles se encontraram enquanto viajavam para o exterior. Durante a análise dos sonhos ela não conseguia lembrar o nome da cidade em que eles encontraram este homem, e eu não fiz nenhum esforço na época para trazê-lo para sua consciência, como estávamos absortos em um problema totalmente diferente. Quando pediu para concentrar sua atenção novamente em Elberlon e reproduzir suas associações, ela disse, "Isso traz à mente Elberlawn - gramado - campo - e Elberfeld." Elberfeld era o nome perdido da cidade na Alemanha. Aqui o erro serviu para trazer à consciência de uma forma oculta uma memória que estava ligada a um sentimento doloroso.

Uma mulher me disse: "Se quiser comprar um tapete, vá para Merchant (Kaufmann) em Matthew Street (Mathäusgasse)." Eu repeti: "Então, no Matthew's... quero dizer, no Merchant's..." Parece que minha repetição de um nome no lugar do outro foi simplesmente resultado de distração. O comentário da mulher realmente me distraiu, pois ela virou minha atenção para algo mais vital para mim do que tapete. Em Matthew Street fica a casa em que minha esposa vivia como noiva. A entrada da casa estava em outra rua, e agora percebi que tinha esquecido seu nome e só consegui relembra-la através de um método rotundo. O nome Matthew, que manteve minha atenção, é assim um nome substituto para o nome esquecido da rua. É mais adequado que o nome Merchant, pois Matthew é exclusivamente o nome de uma pessoa, enquanto Merchant não é. A rua esquecida também tem o nome de uma pessoa, Radetzky.

(i) Uma paciente me consultou pela primeira vez, e de sua história tornou-se evidente que a causa de seu nervosismo era em grande parte uma vida de casado infeliz. Sem nenhum incentivo ela entrou em detalhes sobre seus problemas conjugais. Ela não tinha vivido com o marido por cerca de seis meses, e ela o viu pela última vez no teatro, quando viu a peça oficial 606. Chamei a atenção dela para o erro, e ela imediatamente se corrigiu, dizendo que queria dizer Oficial 666 (o nome de uma peça popular recente). Eu decidi descobrir a razão do erro, e como o paciente veio até mim para tratamento analítico, eu descobri que a causa imediata da ruptura entre ela e o marido era a doença que é tratada por "606." [19]

(k) Antes de me chamar um paciente telefonou para uma consulta, e também queria ser informado sobre minha taxa de consulta. Foi-lhe dito que a primeira consulta foi de dez dólares, depois que o exame acabou ele perguntou novamente o que ele estava para pagar, e acrescentou: "Eu não gosto de dever dinheiro a ninguém, especialmente aos médicos, eu prefiro pagar imediatamente." Em vez de pagar ele disse jogar. Suas últimas observações voluntárias e seu erro me colocaram em guarda, mas depois de mais algumas observações desnecessárias ele me deixou à vontade tirando dinheiro do bolso dele. Ele contou quatro dólares em papel e ficou muito irritado e surpreso porque não tinha mais dinheiro com ele, e prometeu me enviar um cheque para o saldo. Tinha certeza de que o erro dele o traiu, que só estava brincando comigo, mas não havia nada a ser feito. No final de algumas semanas, mandei-lhe uma conta para o saldo, e a carta foi-me devolvida pelas autoridades dos correios marcada "Não encontrada".

I) A Srta. X. falou muito calorosamente do Sr. Y., o que foi bastante estranho, como antes disso ela sempre expressou sua indiferença, para não dizer seu desprezo, por ele. Ao ser perguntado sobre essa mudança repentina de coração, ela disse: "Eu realmente nunca tive nada contra ele, ele sempre foi legal comigo, mas eu nunca lhe dei a chance de cultivar meu conhecimento." Ela disse "cuptivar". Este neologismo era uma contaminação de cultivar e cativar, e predisse o próximo noivado.

Uma ilustração dos mecanismos de contaminação e condensação será encontrada no seguinte lapso linguæ. Falando da Srta. Z., a Srta. W. a descreveu como uma pessoa muito "estraículada" que não foi dada a leviandades, etc. Aqui o erro resolveu-se em estreito e descarado, o que correspondia à opinião da Srta. W. sobre a Srta. Z.

(n) Vou citar alguns exemplos de um artigo do meu colega, Dr. W. Stekel, que apareceu no Berlin Tageblatt de janeiro de 1904, intitulado "Confissões Inconscientes".

"Um truque desagradável dos meus pensamentos desagradáveis foi revelado pelo seguinte exemplo: Para começar, posso dizer que, na minha qualidade de médico, nunca considero minha remuneração, mas sempre mantenho em vista apenas o interesse do paciente: isso é evidente. Estava visitando um paciente que estava convalescendo de uma doença grave. Passamos por dias e noites difíceis. Fiquei feliz em encontrá-la melhorada, e lhe retrato os prazeres de uma estada em Abbazia, concluindo com: "Se, como espero, você não vai deixar sua cama em breve." Isso obviamente veio de um motivo egoísta inconsciente, para ser capaz de continuar a tratar esse paciente rico, um desejo que é totalmente estranho à minha

consciência desperta, e que eu rejeitaria com indignação."

(o) Outro exemplo (Dr. W. Stekel): "Minha esposa contratou uma governanta francesa para as tardes, e mais tarde, chegando a um acordo satisfatório, quis manter seus depoimentos. A governanta implorou para poder mantê-los, dizendo: 'Je cherche encore pour les après-midis - perdões, pour les avant-midis.' Ela aparentemente pretendia procurar outro lugar que talvez oferecesse arranjos mais lucrativos - uma intenção que ela realizou."

(p) Eu deveria dar uma palestra para uma mulher. Seu marido, a quem foi pedido, ficou atrás da porta ouvindo. No final do sermão, que causou uma impressão visível, eu disse: "Adeus, senhor!" Para a pessoa experiente eu traí assim o fato de que as palavras foram dirigidas ao marido, que eu tinha falado para obrigá-lo.

(q) Dr. Stekel relata sobre si mesmo que ele tinha sob tratamento ao mesmo tempo dois pacientes de Triest, cada um dos quais ele sempre abordou incorretamente. "Bom dia, Sr. Peloni!" ele dizia para Askoli, e para Peloni, "Bom dia, Sr. Askoli!" Ele estava inclinado a atribuir nenhum motivo mais profundo a este erro, mas para explicá-lo através de várias semelhanças em ambas as pessoas. No entanto, ele facilmente se convenceu de que aqui o intercâmbio de nomes foi uma espécie de vangloria - isto é, ele estava conhecendo cada um de seus pacientes italianos com o fato de que nem o único residente de Triest que veio a Viena em busca de seu conselho médico.

Duas mulheres pararam na frente de uma farmácia, e uma disse para sua companheira, "Se você esperar alguns instantes, logo voltarei", mas ela

disse movimentos em vez disso. Ela ia comprar castoria para o filho.

O Sr. L., que gosta mais de ser chamado do que de ligar, falou comigo pelo telefone de um resort de verão próximo. Ele queria saber quando eu iria visitá-lo. Lembrei-o que era sua vez de me visitar, e chamei sua atenção para o fato de que, como ele era o feliz possuidor de um automóvel, seria mais fácil para ele me visitar. Estávamos em diferentes resorts de verão, separados por cerca de meia hora de viagem de trem. Ele prometeu ligar, e perguntou: "Que tal o Dia do Trabalho (1o de setembro), será conveniente para você?" Quando eu respondi afirmativamente, ele disse: "Muito bem, então, me coloque para o Dia das Eleições" (Novembro). Seu erro foi bem claro. Ele gosta de me visitar, mas foi inconveniente viajar até aqui. Em novembro nós dois estaríamos na cidade. Minha análise mostrou-se correta.

Um amigo me descreveu um paciente nervoso, e queria saber se eu poderia beneficiá-lo. Eu disse: "Acredito que com o tempo posso remover todos os sintomas dele pela psicanálise, porque é um caso durável," querendo dizer "curável"!

(u) Eu repetidamente me dirigi à minha paciente como Sra. Smith, o nome da filha casada, quando seu nome verdadeiro é Sra. James. Minha atenção foi chamada para isso, logo descobri que tinha outro paciente do mesmo nome que se recusou a pagar pelo tratamento. A Sra. Smith também foi minha paciente e pagou suas contas prontamente.

(v) Um lapso linguæ às vezes significa uma característica particular. Uma jovem mulher, que é o espírito dominante em sua casa, disse sobre seu marido doente que ele tinha consultado o médico sobre uma dieta saudável

para si mesmo, e então acrescentou: "O médico disse que a dieta não tem nada a ver com suas doenças, e que ele pode comer e beber o que eu quero."

(w) Eu não posso omitir este exemplo excelente e instrutivo, embora, de acordo com minha autoridade, ele tem cerca de vinte anos de idade. Uma senhora certa vez expressou-se na sociedade. As palavras mostram que foram proferidas com fervor e sob a pressão de muitas emoções secretas. Um homem está muito melhor. Enquanto ele tem cinco membros retos, ele não precisa mais!"

Este exemplo nos proporciona uma boa visão dos mecanismos íntimos de um erro na fala por meio da condensação e contaminação (cf. p. 72). É óbvio que temos aqui uma fusão de dois modos de expressão semelhantes:

"Enquanto ele tiver seus quatro membros retos." "Enquanto ele tiver todos os seus cinco sentidos."

Ou o termo "direto" pode ser o elemento comum das duas expressões pretendidas:

Enquanto ele tiver seus membros retos. "Os cinco devem ser retos."

Também pode-se supor que ambos os modos de expressão - viz., os dos cinco sentidos e os dos cinco retos - tenham cooperado para introduzir na frase sobre os membros retos primeiro um número e, em seguida, os cinco misteriosos em vez dos quatro simples. Mas esta fusão certamente não teria conseguido se não tivesse expressado bom senso na forma resultante do erro; se não tivesse expressado uma verdade cínica que, naturalmente, não poderia ser proferida sem se esquecer, vindo de uma mulher.

Finalmente, não hesitaremos em chamar a atenção para o fato de que o ditado da mulher, seguindo suas palavras, poderia muito bem ser um excelente espírito como um discurso jocoso-blunder. É simplesmente uma pergunta se ela proferiu essas palavras com intenção consciente ou inconsciente. O comportamento do orador neste caso certamente fala contra a intenção consciente, e assim exclui a sagacidade.

(x) Devido à semelhança de material, eu acrescento aqui outro caso de fala-blunder, cuja interpretação requer menos habilidade. Um professor de anatomia tentou explicar a narina, que, como é conhecido, é uma estrutura anatômica muito difícil. Para sua pergunta se seu público entendeu suas ideias ele recebeu uma resposta afirmativa. O professor, conhecido por sua auto-estima, então comentou: "Eu mal posso acreditar nisso, para o número de pessoas que entendem a narina, mesmo em uma cidade de milhões como Viena, pode ser contado com um dedo - desculpe-me, eu quis dizer nos dedos de uma mão."

Estou em dívida com o Dr. Alf. Robitsek, de Viena, por chamar minha atenção para dois discursos de um antigo autor francês, que vou reproduzir no original.

Brantôme (1527-1614), *Vies des Dames galantes*, Discours second: "Si ay-je cogneu une très belle et honneste dame de par le monde, qui, devisant avec un honneste gentilhomme de la cour des affaires de la guerre durant ces civiles, elle luy dit: 'J'ay ouy dire que le roy a faiet rompre tous les c - de ce pays là.' Elle vouloit dire le ponts. Penser que, venant de coucher d'avec son mary, ou cantionant à son amant, elle avoit encor ce nom frais en la bouche; et le gentilhomme s'en escauffer en amors d'elle pour ce mot.

"Une autre dame que j'ai cogneue, entretenant une autre grand dame plus qu'elle, et luy louant et exaltant ses beautez, elle luy dit après: 'Non, madame, ce que je je vous en dis, ce n'est point pour vous adultérer'; voulant dire aduler, comme elle le rhabilla ainsi: pensaz qu'elle mungeoit à adultérer'."

No procedimento psicoterapêutico que eu emprego na solução e remoção de sintomas neuróticos, muitas vezes sou confrontado com a tarefa de descobrir a partir dos enunciados acidentais e fantasias do paciente o conteúdo do pensamento, que, embora se esforçando para esconder, no entanto, involuntariamente se traem. Ao fazer isso, os erros muitas vezes realizam o serviço mais valioso, como posso mostrar através de exemplos mais convincentes e ainda mais singulares.

Por exemplo, os pacientes falam de uma tia e depois, sem notar o erro, chamá-la de "minha mãe", ou designar um marido como "irmão". Assim, eles chamam minha atenção para o fato de que eles "identificaram" essas pessoas umas com as outras, que eles as colocaram na mesma categoria, o que para sua vida emocional significa a recorrência do mesmo tipo. Ou, um jovem de vinte anos apresenta-se durante o meu expediente com estas palavras: "Eu sou o pai de N.N., a quem você tem tratado - perdoe-me, quero dizer, o irmão; porque, ele é quatro anos mais velho do que eu." Eu entendo através deste erro que ele quer expressar que, como o irmão, ele, também, está doente através da culpa do pai, como seu irmão, ele quer ser curado, mas que o pai é o que mais precisa de tratamento. Em outras ocasiões, um arranjo incomum de palavras, ou uma expressão forçada, é suficiente para revelar no discurso do paciente a participação de um pensamento reprimido tendo um motivo diferente.

Assim, tanto em distúrbios de fala mais grosseiros quanto em distúrbios de fala mais finos, que podem, no entanto, ser subsumidos como "falas-blunders", eu acho que não são os efeitos de contato do som, mas os pensamentos fora do discurso pretendido, que determinam a origem do discurso-blunder, e também suficiente para explicar os erros recém formados na fala. Não duvido das leis pelas quais os sons produzem mudanças uns nos outros, mas só eles não me parecem suficientemente forçosos para prejudicar a correta execução da fala. Nos casos que estudei e investiguei mais de perto, eles simplesmente representam o mecanismo pré-formado, que é convenientemente utilizado por um motivo psíquico mais remoto. Este último, porém, não faz parte da esfera de influência dessas relações sólidas. Em um grande número de substituições causadas por erros em falar há toda uma ausência de tais leis fonéticas. A este respeito, estou em total acordo com Wundt, que também assume que as condições subjacentes aos discursos são complexas e vão muito além do efeito de contato dos sons.

Se eu aceitar como certas "influências psíquicas mais remotas", seguindo a expressão de Wundt, ainda não há nada que me impeça de admitir também que, em discurso acelerado, com uma certa quantidade de atenção desviada, as causas da confusão de fala podem ser facilmente limitadas à lei definitiva de Meringer e Mayer. No entanto, em uma série de exemplos recolhidos por estes autores uma solução mais complicada é bastante aparente.

Em algumas formas de discursos, podemos supor que o fator perturbador é o resultado de golpear palavras e significados obscenos. A desfiguração intencional e distorção de palavras e frases, que é tão popular entre

pessoas vulgares, não visa mais nada além de empregar um motivo inofensivo como um lembrete do obsceno, e este esporte é tão frequente que não seria de todo notável se parecesse involuntariamente e contrário à vontade.

Confio que os leitores não vão desvalorizar o valor dessas interpretações, para as quais não há provas, e destes exemplos que eu mesmo coletei e expliquei por meio de análise. Mas se secretamente eu ainda estimo a expectativa de que até mesmo os casos aparentemente simples de fala-blunder será rastreado a uma perturbação causada por uma idéia meio-reprimida fora do contexto pretendido, eu sou tentado a ele por uma notável observação de Meringer. Este autor afirma que é notável que ninguém queira admitir ter cometido um erro ao falar. Há muitas pessoas inteligentes e honestas que se ofendem se lhes dissermos que cometeram um erro ao falar. Não arriscaria fazer essa afirmação tão geral quanto Meringer, usando o termo "ninguém". Mas o traço emocional que se agarra à demonstração do erro, que manifestamente pertence à natureza da vergonha, tem seu significado. Pode ser classificado com a raiva demonstrada na incapacidade de lembrar um nome esquecido, e com a surpresa com a tenacidade de uma memória aparentemente indiferente, e indica invariavelmente a participação de um motivo na formação da perturbação.

A distorção de nomes equivale a um insulto quando feito intencionalmente, e poderia ter o mesmo significado em toda uma série de casos em que aparece como fala-blunders não intencional. A pessoa que, de acordo com o relatório de Mayer, uma vez disse "Freuder" em vez de "Freud", porque pouco antes de pronunciar o nome "Breuer" (p. 38), e que em outro

momento falou do método "Freuer-Breudian" (p. 28), certamente não estava particularmente entusiasmado com este método. Mais tarde, sob os erros por escrito, relatarei um caso de desfiguração de nome que certamente não admite outra explicação.

Como um elemento perturbador nestes casos há uma mistura de uma crítica que deve ser omitida, porque no momento não corresponde à intenção do orador.

Ou pode ser apenas o inverso, o nome substituído, ou a adoção do nome estranho, significa uma apreciação do mesmo. A identificação que é causada pelo erro é equivalente a um reconhecimento que, no momento, deve permanecer no fundo. Uma experiência deste tipo de escola é relatada pelo Dr. Ferenczi:

"Enquanto no meu primeiro ano na faculdade eu era obrigado a recitar um poema antes de toda a classe. Foi a primeira experiência da minha vida, mas eu estava bem preparado. Assim que comecei minha recitação fiquei desanimado em ser perturbado por uma explosão de risadas. O professor mais tarde me explicou essa estranha recepção. Comecei dando o título 'Da Distância', que estava correto, mas ao invés de dar o nome do verdadeiro autor, mencionei - o meu próprio. O nome do poeta é Alexander Petöfi. A identidade do primeiro nome com o meu próprio favoreceu a troca de nomes, mas a verdadeira razão foi certamente o fato de que eu me identifiquei naquela época com o célebre poeta-herói. Mesmo conscientemente eu entreti para ele um amor e respeito que beirava a adoração. Todo o complexo de ambição se esconde sob essa ação defeituosa."

Uma identificação semelhante foi relatada para mim sobre um jovem médico que timidamente e reverentemente se apresentou ao célebre Virchow com as seguintes palavras: "Eu sou o Dr. Virchow." O professor surpreso se virou para ele e perguntou: "Seu nome também é Virchow?" Eu não sei como o jovem ambicioso justificou seu discurso, se ele pensou na desculpa encantadora que ele se imaginou tão insignificante ao lado deste grande homem que seu próprio nome escapou dele, ou se ele teve a coragem de admitir que ele também esperava que ele, um dia, seria um grande homem como Virchow, e que o professor, portanto, não deve tratá-lo de forma muito depreciativa. Um ou ambos esses pensamentos podem ter colocado este jovem em uma posição embaraçosa durante a introdução.

Devido a motivos muito pessoais devo deixá-lo indeciso se uma interpretação similar também pode se aplicar no caso a ser citado. No Congresso Internacional em Amsterdã, em 1907, minhas teorias de histeria foram alvo de uma discussão animada. Um dos meus oponentes mais violentos, em sua diatribe contra mim, repetidamente cometeu erros na fala de tal forma que ele se colocou no meu lugar e falou em meu nome. Ele disse, por exemplo, "Breuer e eu, como é bem conhecido, temos demonstrado", etc., quando ele queria dizer "Breuer e Freud." O nome deste oponente não mostra a menor semelhança com a minha. A partir deste exemplo, bem como de outros casos de troca de nomes em discursos, somos lembrados do fato de que o discurso-blunder pode renunciar totalmente à facilidade que lhe é oferecida através de sons semelhantes, e pode alcançar seu propósito se apenas apoiado em conteúdo por relações ocultas.

Em outros e mais significativos casos, é uma autocrítica, uma contradição interna contra o próprio enunciado, o que causa o falatório, e até força uma substituição contrastante para o pretendido. Observamos com surpresa como o texto de uma afirmação remove o propósito do mesmo, e como o erro na fala mostra a desonestidade interior. Aqui o lapso linguæ torna-se uma forma imitadora de expressão, muitas vezes, de fato, para a expressão do que não se deseja dizer. É assim um meio de auto-traição.

Brill relata: "Recentemente fui consultado por uma mulher que mostrou muitas tendências paranóicas, e como ela não tinha parentes que pudessem cooperar comigo, eu a exortei a entrar em um hospital estadual como paciente voluntário. Ela estava muito disposta a fazê-lo, mas no dia seguinte ela me disse que seus amigos com quem ela alugou um apartamento se opôs a ela ir para um hospital, como isso iria interferir com seus planos, e assim por diante. Perdi a paciência e disse: "Não adianta ouvir seus amigos que não sabem nada sobre sua condição mental, você é incompetente para cuidar de seus próprios assuntos." Eu quis dizer 'competente'. Aqui o lapso linguæ expressou minha verdadeira opinião."

Favorecida pelo acaso, o material de fala muitas vezes dá origem a exemplos de discursos-blunders que servem para trazer uma revelação esmagadora ou um efeito cômico completo, como mostrado pelos seguintes exemplos relatados por Brill:

"Um anfitrião rico, mas não muito generoso convidou seus amigos para um baile noturno. Tudo correu bem até às 23h30, quando houve um intervalo, presumivelmente para o jantar. Para o grande desapontamento da maioria dos convidados não houve jantar, em vez disso, eles foram regalados com

sanduíches finos e limonada. Como era perto do dia da eleição, a conversa centrou-se nos diferentes candidatos, e como a discussão ficou mais quente, um dos convidados, um admirador ardente do candidato do Partido Progressista, comentou ao anfitrião: 'Você pode dizer o que quiser sobre Teddy, mas há uma coisa - ele sempre pode ser invocado; ele sempre lhe dá uma refeição quadrada,' querendo dizer acordo quadrado. Os convidados reunidos irromperam em um rugido de riso, para o grande embaraço do orador e do anfitrião, que se entendiam completamente."

"Enquanto escrevia uma receita para uma mulher que estava especialmente sobrecarregada com o fardo financeiro do tratamento, eu estava interessado em ouvi-la dizer de repente: "Por favor, não me dê notas grandes, porque eu não posso engulá-las." Claro que ela quis dizer pílulas."

O exemplo a seguir ilustra um caso bastante sério de auto-traição através de um erro na conversa. Alguns detalhes acessórios justificam a reprodução completa como primeiro impresso pelo Dr. A. A. Brill.[21]

"Enquanto caminhamos uma noite com o Dr. Frink, acidentalmente conhecemos um colega, Dr. P., que eu não via há anos, e de cuja vida privada eu não sabia nada. Ficamos naturalmente muito felizes em nos encontrar novamente, e a meu convite ele nos acompanhou a um café, onde passamos cerca de duas horas em conversa agradável. A minha pergunta sobre se ele era casado ele deu uma resposta negativa, e acrescentou: "Por que um homem como eu deveria se casar?"

"Saindo do café, ele de repente virou para mim e disse: 'Eu gostaria de saber o que você faria em um caso como este: eu conheço uma enfermeira que foi nomeada como co-respondente em um caso de divórcio. A esposa

processou o marido pelo divórcio e a nomeou como correspondente, e ele conseguiu o divórcio. Eu o interrompi, dizendo: "Quer dizer que ela se divorciou." Ele imediatamente se corrigiu, dizendo: 'Sim, ela se divorciou', e continuou a dizer como a excitação do julgamento afetou esta enfermeira a tal ponto que ela ficou nervosa e tomou para beber. Ele queria que eu o aconselhasse a tratá-la.

Assim que corrigi o erro dele, pedi para explicar, mas, como geralmente acontece, ele ficou surpreso com minha pergunta. Ele queria saber se uma pessoa não tinha o direito de cometer erros em falar. Eu expliquei a ele que há uma razão para cada erro, e que se ele não tivesse me dito que ele era solteiro, eu diria que ele era o herói do caso de divórcio em questão, e que o erro mostrou que ele queria ter obtido o divórcio em vez de sua esposa, de modo a não ser obrigado a pagar pensão alimentícia e a ser permitido casar novamente no Estado de Nova York.

"Ele negou fortemente minha interpretação, mas sua agitação emocional, seguida de risos altos, só fortaleceu minhas suspeitas. Ao meu apelo para que ele diga a verdade 'por causa da ciência', ele disse, 'A menos que você queira que eu minta você deve acreditar que eu nunca fui casado, e, portanto, sua interpretação psicanalítica é tudo errado.' Ele, no entanto, acrescentou que era perigoso estar com uma pessoa que prestava atenção a coisas tão pequenas. Então ele lembrou que tinha outro compromisso e nos deixou.

"Ambos Dr. Frink e eu estávamos convencidos de que minha interpretação de seu lapso linguæ estava correta, e eu decidi corroborar ou refutar por investigação adicional. No dia seguinte encontrei um vizinho e velho amigo

do Dr. P., que confirmou minha interpretação em cada particular. O divórcio foi concedido à esposa do Dr. P algumas semanas antes, e uma enfermeira foi nomeada como correspondente. Algumas semanas depois conheci o Dr. P., e ele me disse que estava completamente convencido dos mecanismos freudianos."

A auto-traição é igualmente clara no seguinte caso relatado por Otto Rank:

Um pai que era desprovido de todo o sentimento patriótico e desejoso de educar seus filhos para ser tão livre deste sentimento supérfluo, repreendeu seus filhos por participar de uma demonstração patriótica, e rejeitou sua referência a um comportamento semelhante de seu tio com estas palavras: "Você não é obrigado a imitá-lo, por que, ele é um idiota." As características surpreendentes das crianças no tom incomum de seu pai o despertaram para o fato de que ele tinha cometido um erro, e ele comentou apologeticamente, "Claro, eu queria dizer patriota."

Quando tal fala-blunder ocorre em uma séria disputa e reverte o significado pretendido de um dos disputantes, ao mesmo tempo isso o coloca em desvantagem com seu adversário - uma desvantagem que o último raramente utiliza.

Isso mostra claramente que, embora as pessoas não estejam dispostas a aceitar a teoria da minha concepção e não estejam inclinadas a renunciar à conveniência que está ligada com a tolerância de uma ação defeituosa, eles, no entanto, interpretam discursos-blunders e outros atos defeituosos de uma forma semelhante à apresentada neste livro. A alegria e escárnio que certamente serão evocados no momento decisivo através de tais erros linguísticos falam conclusivamente contra a convenção geralmente aceita

que tal discurso-blunder é uma linguagem lapso e psicologicamente de nenhuma importância. Não foi menos um homem do que o chanceler alemão, Príncipe Bülow, que se esforçou para salvar a situação através de tal protesto quando a formulação de sua defesa de seu imperador (novembro de 1907) se transformou no oposto através de um discurso-blunder.

"A respeito do presente, da nova época do Imperador Guilherme II, só posso repetir o que disse há um ano, que seria injusto e injusto falar de um grupo de conselheiros responsáveis em torno de nosso Imperador (chamadas altas, "Irresponsável!") - falar de conselheiros irresponsáveis. Perdoe o lapso linguæ" (hilaridade).

Um bom exemplo de discurso-blunder, que visa não tanto à traição do orador como à iluminação do ouvinte fora da cena, é encontrado em Wallenstein (Piccolomini, Ato I, Cena 5), e nos mostra que o poeta que aqui usa este meio é bem versado no mecanismo e intenção de fala-blunders. Na cena anterior, Max Piccolomini era apaixonadamente a favor do partido ducal, e estava entusiasmado com as bênçãos da paz que lhe foi conhecida durante uma viagem enquanto acompanhava a filha de Wallenstein ao acampamento. Ele deixa seu pai e o embaixador da Corte, Questenberg, em grande consternação. A cena continua como segue:

Pergunta Berg. Ai de nós! As coisas são assim? Amigo, devemos deixá-lo ir lá com essa falsa opinião, e não chamá-lo imediatamente para abrir os olhos instantaneamente.

OCTAVIO (se despertando da meditação profunda). Ele já abriu o meu, e eu vejo mais do que me agrada.

Pergunta Berg. O que foi, amigo?

Octavio. Uma maldição nessa jornada!

Pergunta Berg. Por quê? O que foi?

Octavio. Venha! Eu devo seguir imediatamente a trilha azarada, devo ver com meus próprios olhos - venha - (Sr.

Pergunta Berg. Qual é o problema? Onde?

OCTÁVIO (seguindo). Para ela!

Pergunta Berg. Para...?

OCTAVIO (correta a si mesmo). Ao duque! Vamos, etc.

O pequeno discurso para ela no lugar dele é para nos traír o fato de que o pai viu através do motivo de seu filho para defender a outra causa, enquanto o cortesão reclama que "ele fala com ele completamente em enigmas."

Outro exemplo em que um poeta faz uso de um discurso-blunder foi descoberto por Otto Rank em Shakespeare. Eu cito o relatório de Rank do Zentralblatt für Psychoanalyse, I. 3.

"Um discurso poético-blunder, muito delicadamente motivado e tecnicamente notavelmente bem utilizado, que, como o apontado por Freud em Wallenstein (Zur Psychopathologie des Alltagslebens, 2a edição, p. 48), não só mostra que os poetas conheciam o mecanismo e sentido deste erro, mas também pressupõe uma compreensão dele por parte do ouvinte, pode ser encontrada no Mercado de Veneza de Shakespeare (Ato III, Cena 2).

Pela vontade de seu pai, Portia era obrigada a escolher um marido através de uma loteria. Ela escapou de todos os pretendentes desagradáveis por sorte. Quando ela finalmente encontrou em Bassânio o pretendente atrás de seu próprio coração, ela teve motivo para temer que ele, também, devesse desenhar a loteria azarada. Na cena, ela gostaria de lhe dizer que mesmo que ele escolhesse o caixão errado, ele poderia, no entanto, ter certeza do amor dela. Mas ela é prejudicada pelo seu voto. Neste conflito mental, o poeta coloca essas palavras em sua boca, que foram dirigidas ao pretendente de boas-vindas:

"Há algo que me diz (mas não é amor), eu não te perderia; e você se conhece Odiar conselhos não em tal qualidade. Mas para que você não me entenda bem (e ainda uma donzela não tem língua, mas pensou), eu iria detê-lo aqui algum mês ou dois, antes de você aventurar-se por mim. Eu poderia ensiná-lo a escolher o certo, mas então eu estou perdido; Assim como eu nunca serei, assim você pode sentir minha falta. Mas se o fizer, me fará desejar um pecado, que eu tinha sido abandonado. Revolvei vossos olhos, eles me olharam e me dividiram. Uma metade de mim é sua, a outra metade sua. E assim todo seu."

"A única coisa que ela gostaria de dar a ele gentilmente, porque realmente ela deveria escondê-lo dele, ou seja, que mesmo antes da escolha que ela é totalmente dele - que ela o ama, o poeta, com admirável sensibilidade psicológica, permite vir à tona no discurso-blunder. É através deste artifício que ele consegue aliviar a intolerável incerteza do amante, bem como a tensão do ouvinte sobre o resultado da escolha."

O interesse merecido pela confirmação de nossa concepção de discursos-blunders através dos grandes poetas justifica a citação de um terceiro exemplo que foi relatado pelo Dr. E. Jones.

Nosso grande romancista, George Meredith, em sua obra-prima, O Egoísta, mostra uma compreensão ainda mais fina do mecanismo. O enredo do romance é, em breve, o seguinte: Sir Willoughby Patterne, um aristocrata muito admirado por seu círculo, fica noivo de uma Srta. Ela descobre nele um intenso egoísmo, que ele habilmente esconde do mundo, e para escapar do casamento ela foge com um Capitão Oxford. Alguns anos mais tarde Patterne fica noiva de uma Srta. Clara Middleton, e a maioria do livro é levada com uma descrição detalhada do conflito que surge em sua mente em descobrir também seu egoísmo. Circunstâncias externas e sua concepção de honra a sustentam, enquanto ele se torna cada vez mais desagradável aos olhos dela. Ela em parte confidenciou ao primo e secretário dele, Vernon Whitford, o homem com quem ela se casa, mas por uma mistura de motivos ele está distante.

"No solilóquio Clara fala o seguinte: 'Se algum nobre cavalheiro pudesse me ver como eu sou e não desdém para me ajudar! Ser pego dessa prisão de espinhos e espinheiros. Não posso rasgar minha própria saída. Eu sou um covarde. Um sinal de um dedo me mudaria, eu acredito. Eu poderia voar sangrando e voando para um camarada... Talvez ela tenha rezado e sua oração tenha sido respondida. Ela estava doente. Mas, oh, como eu a amo por isso! Seu nome era Harry Oxford... Ela não vacilou, cortou as ligações, ela se entregou. Garota corajosa, o que acha de mim? Mas não tenho Harry Whitford, estou sozinho... A consciência repentina de que ela colocara outro nome para Oxford atingiu-lhe um buffet, afogando-a em

carmesim.

"O fato de que os nomes dos dois homens terminam em 'ford' evidentemente torna a confusão deles mais fácil, e seria considerado por muitos como uma causa adequada para isso, mas o verdadeiro motivo subjacente para isso é claramente indicado pelo autor. Em outra passagem o mesmo lapso ocorre, e é seguido pela hesitação e mudança de assunto que se conhece na psicanálise quando um complexo semiconsciente é tocado. Sir Willoughby, paternalista, diz de Whitford: A resolução de fazer qualquer coisa não habitual está além do pobre velho Vernon. Clara responde: 'Mas se o Sr. Oxford-Whitford... seus cisnes, navegando pelo lago, quão lindos eles ficam quando estão indignados! Eu ia lhe perguntar, certamente os homens que testemunham uma admiração marcada por alguém serão naturalmente desencorajados? Sir Willoughby endureceu com a iluminação repentina.

"Em outra passagem, Clara, por outro lapso, trai seu desejo secreto de que estivesse em um lugar mais íntimo com Vernon Whitford. Falando com um amigo, ela diz: "Diga ao Sr. Vernon, diga ao Sr. Whitford."

A concepção de fala-blunders aqui defendida pode ser facilmente verificada nos mínimos detalhes. Eu tenho sido capaz de demonstrar repetidamente que os casos mais insignificantes e mais naturais de fala-blunders têm seu bom senso, e admitir a mesma interpretação que os exemplos mais marcantes. Uma paciente que, ao contrário dos meus desejos, mas com firmes motivos pessoais, decidiu fazer uma curta viagem a Budapeste, justificou-se dizendo que iria por apenas três dias, mas ela errou e disse por apenas três semanas. Ela traiu seu sentimento secreto de que, para me

irritar, ela preferia passar três semanas a três dias naquela sociedade que eu considerava imprópria para ela.

Uma noite, querendo me desculpar por não ter chamado minha esposa no teatro, eu disse: "Eu estava no teatro às 10h10." Eu fui corrigido: "Você queria dizer antes das dez horas." Naturalmente eu queria dizer antes das dez. Depois das dez não seria desculpa. Disseram-me que o programa de teatro dizia: "Terminado antes das dez horas." Quando cheguei ao teatro encontrei o vestíbulo escuro e o teatro vazio. Evidentemente a apresentação acabou mais cedo e minha esposa não esperou por mim. Quando olhei para o relógio ainda queria cinco minutos para dez. Decidi tornar meu caso mais favorável em casa, e dizer que eram dez minutos para dez. Infelizmente, o discurso estragou a intenção e expôs minha desonestidade, na qual eu reconheci mais do que realmente havia para confessar.

Isso nos leva a esses distúrbios de fala que não podem mais ser descritos como faladores, pois eles não ferem a palavra individual, mas afetam o ritmo e execução de todo o discurso, como, por exemplo, o gaguejar e gaguejar de constrangimento. Mas aqui, como nos casos anteriores, é o conflito interior que nos é traído através da perturbação na fala. Eu realmente não acredito que qualquer um vai cometer erros em falar em uma audiência com Sua Majestade, em uma declaração de amor sério, ou em defender o nome e honra diante de um júri, em suma, as pessoas não cometer erros onde eles estão todos lá, como diz o ditado. Mesmo criticando o estilo de um autor somos autorizados e acostumados a seguir o princípio da explicação, que não podemos perder na origem de um único discurso. Uma forma clara e inequívoca de escrever nos mostra que aqui o

autor está em harmonia consigo mesmo, mas onde encontramos uma expressão forçada e envolvida, visando mais de um alvo, como apropriadamente expressa, podemos assim reconhecer a participação de um pensamento inacabado e complicado, ou podemos ouvir através dele a voz sufocada da autocrítica do autor.[23]

07. Equívocos na leitura e na escrita

Capítulo VI da edição inglesa autorizada de A. A. Brill, 1914

Que os mesmos pontos de vista e observação devem ser verdadeiros para erros na leitura e escrita como para lapsos na fala não é de todo surpreendente quando se lembra a relação interior dessas funções. Vou me limitar aos relatos de vários exemplos cuidadosamente analisados e não farei nenhuma tentativa de incluir todos os fenômenos.

A. Laps em leitura.

(a) Enquanto olhava um número do *Leipziger Illustrierten*, que eu estava segurando obliquamente, li como o título da foto da primeira página, "Uma celebração de casamento na Odisseia." Surpreendente e com minha atenção despertada, movi a página para a posição correta apenas para ler corretamente, "Uma celebração de casamento no Ostsee (Mar Báltico)." Como esse erro sem sentido na leitura aconteceu?

Imediatamente, meus pensamentos se voltaram para um livro de Ruth, *Investigações Experimentais de Fantasma da Música*, etc., com o qual estive recentemente muito ocupado, pois tocou de perto os problemas psicológicos que me interessam. O autor prometeu uma obra num futuro próximo para ser chamada de *Análise e Princípios dos Fenômenos dos Sonhos*. Não é à toa que eu, tendo acabado de publicar uma *Interpretação dos Sonhos*, esperei o aparecimento deste livro com o mais intenso interesse. No trabalho de Ruth sobre fantasmas musicais encontrei um anúncio no início da tabela de conteúdos da prova indutiva detalhada de que os antigos mitos e tradições helênicas se originaram principalmente de

fantasmas de sono e música, de fenômenos de sonho e delíria. Então eu tinha imediatamente mergulhado no texto, a fim de descobrir se ele também estava ciente de que a cena onde Odisseu aparece antes Nausicaa era baseada no sonho comum de nudez. Um dos meus amigos chamou minha atenção para a passagem inteligente em G. Keller's *Grünem Heinrich*, o que explica este episódio na Odisseia como uma representação objetiva do sonho do marinheiro se afastando de casa. Acrescentei-lhe a referência ao sonho da exposição de nudez.

(b) Uma mulher que está muito ansiosa para ter filhos sempre lê cegonhas em vez de ações.

(c) Um dia recebi uma carta que continha notícias muito perturbadoras. Liguei imediatamente para minha esposa e informei a pobre Sra. Wm. H. estava gravemente doente e foi abandonado pelos médicos. Deve ter havido um toque falso nas palavras em que eu expressei minha simpatia, como minha esposa ficou desconfiada, pediu para ver a carta, e expressou sua opinião de que ela não poderia ler como declarado por mim, porque ninguém chama a esposa pelo nome do marido. Além disso, o correspondente conhecia bem o nome cristão da mulher em causa. Defendi minha afirmação obstinadamente e me referi aos cartões de visita habituais, em que uma mulher se designa pelo nome cristão de seu marido. Eu finalmente fui compelido a pegar a carta, e, na verdade, lemos lá "Pobre W. M." Além do mais, eu tinha esquecido "Pobre Dr. W. M." Meu erro na leitura significou um esforço espasmódico, por assim dizer, para virar a triste notícia do homem para a mulher. O título entre o adjetivo e o nome não correu bem com minha afirmação de que a mulher deve ter sido feita. Por isso foi omitido na leitura. O motivo para esta falsificação não era que a

mulher era menos um objeto de minha simpatia do que o homem, mas o destino deste pobre homem tinha excitado meus medos em relação a outra e mais próxima pessoa que, eu estava ciente, tinha a mesma doença.

(d) Tanto irritante quanto risível é um lapso de leitura ao qual estou freqüentemente sujeito quando ando pelas ruas de uma cidade estranha durante minhas férias. Então leio antiguidades em cada sinal de loja que mostra a menor semelhança com a palavra, que mostra o espírito de busca do colecionador.

(e) Em seu trabalho importante [25] Bleuler relata: "Enquanto lia, eu tinha a sensação intelectual de ver meu nome duas linhas abaixo. Para minha surpresa, só encontrei as palavras "corpúsculos de sangue". Dos milhares de lapsos na leitura no periférico, bem como no campo de visão central que analisei, este foi o caso mais marcante. Sempre que eu imaginava que via meu nome, a palavra que induzia essa ilusão geralmente mostrava uma maior semelhança com meu nome do que a palavra corpúsculos de sangue. Na maioria dos casos todas as letras do meu nome tinham que estar próximas antes que eu pudesse cometer tal erro. Neste caso, no entanto, eu poderia facilmente explicar a ilusão de referência e a ilusão. O que acabei de ler foi o fim de uma declaração sobre uma forma de mau estilo em obras científicas, uma tendência da qual não sou totalmente livre."

B. está escrevendo.

(a) Em uma folha de papel contendo principalmente notas curtas diárias de interesse comercial, eu encontrei, para minha surpresa, a data incorreta, "quinta-feira, 20 de outubro", entrelaçado sob a data correta do mês de setembro. Não foi difícil explicar essa antecipação como a expressão de um

desejo. Poucos dias antes de eu voltar das minhas férias e me sentir pronto para qualquer trabalho profissional, mas ainda havia poucos pacientes. Quando cheguei, encontrei uma carta de uma paciente anunciando sua chegada em 20 de outubro. Como eu escrevi a mesma data em setembro, eu certamente pensei que "X. já deveria estar aqui, que pena sobre esse mês inteiro!" e com esse pensamento eu adiava a data atual um mês à frente. Neste caso, o pensamento perturbador dificilmente pode ser chamado desagradável, portanto, depois de notar este lapso por escrito, eu imediatamente soube a solução. No outono do ano seguinte, passei por um lapso de escrita totalmente análogo e similar. E. Jones fez um estudo de casos semelhantes, e descobriu que a maioria dos erros nas datas de escrita são motivados.

(b) Recebi as fichas de prova da minha contribuição para o relatório anual sobre neurologia e psiquiatria, e fui naturalmente obrigado a rever com especial cuidado os nomes dos autores, que, por causa das muitas nacionalidades representadas, oferecem as maiores dificuldades ao compositor. Na verdade, encontrei nomes estranhos que ainda precisam ser corrigidos, mas, estranhamente, o compositor corrigiu um único nome no meu manuscrito, e com uma boa razão. Eu tinha escrito Buckrhard, que o compositor adivinhou ser Burckhard. Eu tinha elogiado o tratado desse obstetra intitulado A Influência do Nascimento na Origem da Paralisia Infantil, e eu não estava consciente da menor inimizade com ele. Mas um autor em Viena, que me irritou por uma crítica adversa ao meu Traumdeutung, tem o mesmo nome. Era como se ao escrever o nome Burckhard, significando o obstetra, um pensamento perverso sobre o outro B. tivesse se incomodado. A reviravolta do nome, como eu já disse em

relação aos lapsos de fala, muitas vezes significa uma depreciação.

(c) O seguinte é aparentemente um caso sério de lapso calami, que seria igualmente correto descrever como uma ação mal realizada. Eu pretendia retirar do banco de poupança postal a soma de 300 coroas, que eu queria enviar para um parente ausente para permitir que ele fizesse tratamento em um lugar de rega. Eu notei que minha conta era 4.380 coroas, e eu decidi trazê-la para baixo para a soma redonda de 4.000 coroas, que não deveria ser tocado no futuro próximo. Depois de fazer o cheque regular de repente notei que eu tinha escrito não 380 coroas, como eu tinha pretendido, mas exatamente 438 coroas. Eu estava com medo da falta de confiança da minha ação. Logo percebi que meu medo era infundado, pois não tinha ficado mais pobre do que antes. Mas eu tive que refletir por um bom tempo para descobrir que influência me desviou da minha primeira intenção sem se dar a conhecer à minha consciência.

Primeiro me enganei, subtraí 380 de 438, mas depois disso não sabia o que fazer com a diferença. Finalmente me ocorreu uma ideia que me mostrou a verdadeira conexão. 438 é exatamente 10% do total de 4.380 coroas! Mas a livraria também dá 10% desconto! Lembrei-me que alguns dias antes eu tinha selecionado vários livros, em que eu não estava mais interessado, a fim de oferecê-los ao livreiro por 300 coroas. Ele achou que o preço exigia muito alto, mas prometeu me dar uma resposta final nos próximos dias. Se ele aceitasse minha primeira oferta, substituiria a quantia exata que eu gastaria com o paciente. Não há dúvida de que eu estava arrependido sobre esta despesa. A emoção na realização dos meus erros pode ser mais facilmente entendida como um medo de ficar pobre através de tais gastos. Mas tanto a tristeza quanto o medo da pobreza ligado a ela eram

totalmente estranhos à minha consciência, não me arrependo dessa despesa quando prometi a soma, e teria rido da ideia de qualquer motivo subjacente. Eu provavelmente não deveria ter atribuído tais sentimentos a mim mesmo não tinha minha prática psicanalítica me fez bastante familiar com os elementos reprimidos da vida psíquica, e se eu não tivesse tido um sonho alguns dias antes que trouxesse a mesma solução.

(d) Embora seja geralmente difícil encontrar a pessoa responsável pelos erros das impressoras, os mecanismos psicológicos subjacentes a eles são os mesmos que em outros erros. Erros tipográficos também demonstram bem o fato de que as pessoas não são indiferentes a tais trivialidades como "erros", e, a julgar pelas reações indignadas das partes envolvidas, é forçado a concluir que erros não são tratados pelo público em geral como meros acidentes. Esta situação está muito bem resumida no seguinte editorial do New York Times de 14 de abril de 1913. Não menos interessante são os comentários do editor perspicaz, que parece compartilhar nossas opiniões:

"Um azul verdadeiramente infeliz.

"Os erros de digitação vêm com muita frequência até mesmo das melhores prensas de jornais. Eles são sempre humilhantes, muitas vezes uma causa de raiva, e ocasionalmente perigosos, mas de vez em quando eles são claramente divertidos. Esta última qualidade que eles são mais aptos a ter quando eles são feitos no escritório de um vizinho jornalístico, um fato que provavelmente explica porque podemos ler com sorriso composta um elaborado pedido de desculpas editorial que aparece no Hartford Courant.

"Seu comentarista político tentou outro dia dizer que, infelizmente para Connecticut, "J. H. não é mais um membro do Congresso. Impressora e revisor combinado para privar o advérbio de sua partícula negativa. Pelo menos, o comentarista político capaz assim declara, e nós não questionaríamos sua veracidade para o mundo, mas a experiência dolorosa ensinou a maioria de nós que é mais seguro obter esse tipo de responsabilidade editorial antes de olhar para cima a cópia, e talvez - apenas talvez - o iluminador do mundo, que sabe que ele escreveu infeliz, porque é isso que ele pretendia escrever, não precipitadamente acaso a descoberta de sua própria culpa antes de condenar a sala de composição dele.

Seja como for, o significado da sentença foi cruelmente mudado, e um amigo ficou triste ou ofendido. Não há muito tempo atrás, um erro mais surpreendente do que este entrou em uma revisão do nosso livro - um livro muito solene e científico. Consistiu na substituição da palavra 'caribou' pela palavra 'carbono' em um parágrafo que trata da composição química das estrelas. Nesse caso, a auto-exculpação feroz do escritor é, pelo menos, altamente plausível, pois parece dificilmente possível que ele escreveu 'caribou' quando ele pretendia escrever 'carbono', mas mesmo ele foi cauteloso o suficiente para fazer nenhuma investigação profunda sobre o assunto."

(e) Eu cito o seguinte caso contribuído pelo Dr. W. Stekel, pela autenticidade de que eu posso atestar: "Um exemplo quase inacreditável de erro de escrita e leitura errada ocorreu na edição de um semanal amplamente circulado. Tratava-se de um artigo de defesa e vindicação que foi escrito com muito calor e grande pathos. O editor-chefe do artigo leu o

artigo, enquanto o próprio autor o leu do manuscrito e das folhas de prova mais de uma vez. Todos ficaram satisfeitos, quando o leitor da impressora percebeu um pequeno erro que escapou da atenção de todos. Lá estava, claramente: 'Nossos leitores serão testemunhas do fato de que sempre agimos de forma egoísta para o bem da comunidade.' É bem evidente que foi feito para ler altruísta. Os pensamentos reais, no entanto, romperam o discurso patético com força elementar."

(f) O seguinte exemplo de impressão incorreta é tirado de uma gazeta ocidental: O professor estava dando um trabalho de instrução sobre métodos matemáticos, e falou de um plano "para a instrução da juventude que poderia ser realizada ad libidinem."

(g) Nem mesmo a Bíblia escapou de impressões erradas. Assim temos a "Bíblia Má", assim chamada pelo fato de que o negativo foi deixado de fora do sétimo mandamento. Esta edição autorizada da Bíblia foi publicada em Londres em 1631, e diz-se que a impressora teve que pagar uma multa de duas mil libras pela omissão.

Outro erro bíblico remonta ao ano de 1580, e é encontrado na Bíblia da famosa biblioteca de Wolfenbuttel, em Hesse. Na passagem em Gênesis, onde Deus diz a Eva que Adão será seu mestre e reinará sobre ela, a tradução alemã é "Und er soll dein Herr Sein". A palavra Herr (mestre) foi substituída por Narr, o que significa tolo. Evidências recentemente descobertas parecem mostrar que o erro foi uma maquinação consciente da esposa sufragista da impressora, que se recusou a ser governada pelo marido.

(h) Dr. Ernest Jones relata o seguinte caso sobre A. A. Brill: "Embora por costume quase um abstêmio, ele cedeu à importunidade de um amigo uma noite, para evitar ofendê-lo, e tomou um pouco de vinho. Durante a manhã seguinte, uma exacerbação de dor de cabeça deu-lhe motivo para lamentar esta ligeira indulgência, e sua reflexão sobre o assunto encontrou expressão no seguinte deslize da caneta. Tendo a oportunidade de escrever o nome de uma garota mencionada por um paciente, ele escreveu não Ethel, mas Ethyl. Aconteceu que a garota em questão gostava muito de beber, e no humor do Dr. Brill, na época, essa característica dela se destacou com notável significado.

(i) Uma mulher escreveu para sua irmã, felicizando-a na ocasião de tomar posse de uma nova e espaçosa residência. Uma amiga que estava presente notou que o escritor colocou o endereço errado na carta, e o que era ainda mais notável foi o fato de que ela não o dirigiu para a residência anterior, mas para um há muito tempo desistiu, mas que sua irmã tinha ocupado quando se casou. Quando o amigo chamou a atenção para isso, o escritor comentou: "Você está certo, mas o que no mundo me fez fazer isso?", ao qual a amiga dela respondeu: "Talvez você a aborreça com o belo e grande apartamento em que ela acabou de se mudar, porque você mesmo está apertado para o espaço, e por isso você a colocou de volta em sua primeira residência, onde ela não estava melhor do que você." "Claro que lamento o novo apartamento", ela admitiu. "É uma pena que alguém seja tão mau em tais assuntos."

Ernest Jones relata o seguinte exemplo dado a ele pelo Dr. A. A. Brill. Em uma carta ao Dr. Brill, um paciente tentou atribuir seu nervosismo a preocupações de negócios e excitação durante a crise do algodão. Ele

continuou dizendo: "Meu problema é devido àquela onda frígida, não há nenhuma semente para ser obtida para novas colheitas." Ele se referiu a uma onda fria que destruiu as plantações de algodão, mas ao invés de escrever "onda" ele escreveu "esposa". No fundo de seu coração, ele entreteve repreensões contra sua esposa por causa de sua frigidez matrimonial e falta de filhos, e ele não estava longe da cognição de que a abstinência forçada não desempenhou pouco papel na causa de sua doença.

Omissões por escrito são naturalmente explicadas da mesma forma que erros por escrito. Um exemplo notável de omissão que é de importância histórica foi relatado pelo Dr. B. Dattner. Em um dos artigos legais que tratam das obrigações financeiras de ambos os países, que foi elaborado no ano de 1867 durante o reajuste entre Áustria e Hungria, a palavra "eficaz" foi acidentalmente omitida na tradução húngara. Dattner acha provável que o desejo inconsciente dos legisladores húngaros de conceder à Áustria as menores vantagens possíveis tenha algo a ver com essa omissão.

Outro exemplo de omissão é o seguinte relacionado por Brill: "Um paciente em perspectiva, que me correspondia em relação ao tratamento, finalmente escreveu para uma consulta para um certo dia. Em vez de manter sua nomeação, ele enviou arrependimentos que começaram da seguinte forma: 'Em relação às circunstâncias previstas, não posso manter minha nomeação.' Ele naturalmente quis escrever imprevista. Ele finalmente veio até mim meses depois, e no decorrer da análise descobri que minhas suspeitas na época eram justificadas, não havia circunstâncias imprevistas para evitar sua vinda naquele momento, ele foi aconselhado a não vir até mim. O inconsciente não mente."

Wundt dá uma prova notável para o fato facilmente comprovado de que cometemos mais facilmente erros por escrito do que por falar (loc. cit., p. 374). Ele afirma: "No curso da conversa normal a função inibidora da vontade é constantemente direcionada para trazer em harmonia o curso da ideação com o movimento da articulação. Se a articulação que segue as idéias se torna retardada por causas mecânicas, como por escrito, tais antecipações, então, prontamente, fazem sua aparição."

A observação dos determinantes que favorecem os lapsos na leitura dá origem a dúvidas, que não gosto de não mencionar, porque sou da opinião de que pode se tornar o ponto de partida de uma investigação frutífera. É um fato familiar que ao ler em voz alta a atenção do leitor muitas vezes se desvia do texto e é direcionado para seus próprios pensamentos. Os resultados desse desvio de atenção são muitas vezes tais que quando interrompido e questionado ele não pode nem dizer o que leu. Em outras palavras, ele leu automaticamente, embora a leitura fosse quase sempre correta. Não acho que tais condições favoreçam qualquer aumento notável dos erros. Estamos acostumados a assumir uma série de funções que são executadas com mais precisão quando feitas automaticamente, com pouca atenção consciente. Isto argumenta que as condições que regem a atenção nos erros de falar, escrever e ler devem ser determinadas de forma diferente do que foi assumido por Wundt (cesso ou diminuição da atenção). Os exemplos que submetemos à análise realmente não nos deram o direito de tomar como certo uma redução quantitativa da atenção. Encontramos o que provavelmente não é exatamente a mesma coisa, uma perturbação da atenção através de um estranho pensamento intrusivo.

08. Esquecimento de impressões e resoluções

Capítulo VII da edição inglesa autorizada de A. A. Brill, 1914

Se alguém deve ser inclinado a sobrevalorizar o estado do nosso conhecimento atual da vida mental, tudo o que seria necessário para forçá-lo a assumir uma atitude modesta seria lembrá-lo da função da memória. Nenhuma teoria psicológica ainda foi capaz de explicar a conexão entre os fenômenos fundamentais de lembrar e esquecer; de fato, até mesmo a análise completa do que se pode realmente observar foi ainda pouco compreendida. Hoje, o esquecimento talvez tenha ficado mais intrigante do que lembrar, especialmente desde que aprendemos com o estudo de sonhos e estados patológicos que mesmo o que por muito tempo acreditamos esquecido pode de repente voltar à consciência.

Com certeza, temos alguns pontos de vista que esperamos receber reconhecimento geral. Assim assumimos que o esquecimento é um processo espontâneo ao qual podemos atribuir uma certa descarga temporal. Enfatizamos o fato de que, assim como entre as unidades de cada impressão ou experiência, ao esquecer, também, uma certa seleção ocorre entre as impressões existentes. Conhecemos algumas das condições que fundamentam a tenacidade da memória e o despertar daquilo que de outra forma permaneceria esquecido. No entanto, podemos observar em inúmeros casos da vida diária o quão pouco confiável e insatisfatório nosso conhecimento do mecanismo é. Assim podemos ouvir duas pessoas trocando reminiscências sobre as mesmas impressões externas, digamos de uma viagem que eles fizeram juntos algum tempo antes. O que

permanece mais firmemente na memória de um é muitas vezes esquecido pelo outro, como se nunca tivesse ocorrido, mesmo quando não há a menor razão para supor que esta impressão é de maior importância psíquica para um do que para o outro. Muitos desses fatores que determinam o poder seletivo da memória estão ainda além do nosso conhecimento.

Com o propósito de adicionar uma pequena contribuição ao conhecimento das condições de esquecimento, eu não iria submeter a uma análise psicológica aqueles casos em que esqueci pessoalmente. Como regra, eu assumi apenas um certo grupo desses casos, ou seja, aqueles em que o esquecimento me surpreendeu, porque, na minha opinião, eu deveria ter lembrado a experiência em questão. Gostaria de observar que geralmente não estou inclinado ao esquecimento (de coisas experimentadas, não de coisas aprendidas), e que por um curto período de minha juventude eu fui capaz de realizar feitos extraordinários de memória. Quando eu era estudante, era natural que eu pudesse repetir de memória a página de um livro que eu tinha lido, e pouco antes de entrar na Universidade, eu poderia escrever praticamente na íntegra as palestras populares sobre assuntos científicos diretamente após ouvi-los. Na tensão antes do exame médico final devo ter feito uso do resto dessa habilidade, pois em certos assuntos dei respostas aparentemente automáticas aos examinadores, que provaram ser reproduções exatas do livro de texto, que eu tinha passado apenas uma vez e depois na maior pressa.

Desde aqueles dias eu tenho constantemente perdido o controle sobre a minha memória, no entanto, ultimamente, eu fiquei convencido de que com a ajuda de um certo artifício eu posso lembrar muito mais do que eu de outra forma me creditaria com lembrar. Por exemplo, quando, durante o

meu expediente, um paciente afirma que eu o vi antes e não consigo lembrar nem o fato nem o tempo, então eu me ajudo adivinhando - isto é, eu permito que alguns anos, a partir do presente momento, venham à minha mente rapidamente. Sempre que isso podia ser controlado por registros de informações definitivas do paciente, era sempre mostrado que em mais de dez anos[30] Eu raramente perdi por mais de seis meses. A mesma coisa acontece quando encontro um conhecido casual e, por educação, indago sobre seu filho pequeno. Quando ele fala de seu progresso eu tento imaginar a idade da criança agora. Eu controlo minha estimativa pela informação dada pelo pai, e no máximo eu cometo um erro de um mês, e em crianças mais velhas de três meses. Eu não posso afirmar, no entanto, que base tenho para esta estimativa. Ultimamente eu cresci tão ousado que sempre ofereço minha estimativa espontaneamente, e ainda não corro nenhum risco de sofrer o pai mostrando minha ignorância em relação à sua prole. Assim estendo minha memória consciente invocando minha memória inconsciente maior.

Vou relatar alguns exemplos marcantes de esquecer qual a maior parte que observei em mim mesmo. Eu distingo o esquecimento de impressões e experiências, ou seja, o esquecimento do conhecimento, do esquecimento de resoluções, ou seja, o esquecimento de omissões. O resultado uniforme de toda a série de observações que posso formular da seguinte forma: O esquecimento em todos os casos é provado ser baseado em um motivo de desagrado.

A. Esquecer impressões e conhecimento.

(a) Durante o verão minha esposa uma vez me deixou muito irritado, embora a causa em si era insignificante. Sentamos em um restaurante em frente a um cavalheiro de Viena que eu conhecia, e que tinha motivos para me conhecer, e cujo conhecido eu tinha razões para não querer renovar. Minha esposa, que não ouviu nada ao descrédito do homem oposto a ela, mostrou por suas ações que ela estava ouvindo sua conversa com seus vizinhos, pois de vez em quando ela me fazia perguntas que tomavam o fio da discussão. Fiquei impaciente e finalmente irritado. Algumas semanas depois, reclamei a um parente sobre esse comportamento da minha esposa, mas não consegui lembrar nem uma única palavra da conversa do cavalheiro no caso. Como normalmente sou ressentido e não posso esquecer um único incidente de um episódio que me irritou, minha amnésia neste caso foi decidida pelo respeito pela minha esposa.

Há pouco tempo tive uma experiência similar. Eu queria me divertir com um amigo íntimo sobre uma declaração feita por minha esposa apenas algumas horas antes, mas eu me vi impedido pelo fato notável de que eu tinha esquecido completamente a declaração. Primeiro tive que implorar à minha esposa para me lembrar. É fácil entender que o meu esquecimento neste caso pode ser análogo ao típico distúrbio de julgamento que nos domina quando se trata dos mais próximos.

(b) Para obrigar uma mulher que era uma estranha em Viena eu tinha me comprometido a comprar um pequeno cofre de ferro para a preservação de documentos e dinheiro. Quando ofereci meus serviços, a imagem de um estabelecimento no coração da cidade onde eu tinha certeza que tinha visto tais cofres flutuando diante de mim com extraordinária vívida visual. Com certeza, não conseguia lembrar o nome da rua, mas tinha certeza que

descobriria a loja em uma caminhada pela cidade, pois minha memória me disse que eu tinha passado por ela inúmeras vezes. Para o meu desgosto, eu não conseguia encontrar este estabelecimento com os cofres, embora eu caminhasse pela parte interior da cidade em todas as direções. Concluí que a única coisa a fazer era procurar no diretório de negócios, e se isso falhar, tentar identificar o estabelecimento em uma segunda rodada da cidade. Não requeria, no entanto, tanto esforço, entre os endereços no diretório encontrei um que imediatamente se apresentava como o que tinha sido esquecido. Era verdade que eu tinha passado pela janela inúmeras vezes, cada vez, no entanto, quando eu tinha ido visitar a família M., que viveram muitos anos neste edifício idêntico. Depois dessa amizade íntima ter se tornado um absoluto distanciamento, eu tinha tomado o cuidado de evitar a vizinhança, bem como a casa, embora sem pensar na razão da minha ação. Na minha caminhada pela cidade procurando o cofre na janela de exibição eu tinha atravessado todas as ruas do bairro, mas a certa, e eu tinha evitado isso como se fosse um terreno proibido.

O motivo do desagrado que estava no fundo da minha desorientação é assim compreensível. Mas o mecanismo do esquecimento não é mais tão simples como no exemplo anterior. Aqui minha aversão naturalmente não se estende ao vendedor de cofres, mas a outra pessoa, a respeito da qual não quero saber nada, e depois se transfere deste último para este incidente onde ele traz o esquecimento. Da mesma forma, no caso de Burckhard mencionado acima, o rancor contra um causou o erro ao escrever o nome do outro. A semelhança de nomes que aqui estabeleceram uma conexão entre dois fluxos de pensamento essencialmente diferentes foi realizada na vitrine instância janela pela contiguidade do espaço eo

ambiente inseparável. Além disso, este último caso estava mais unido, porque o dinheiro desempenhou um grande papel na causa do afastamento da família que vive nesta casa.

(c) A Companhia B e R me pediu para pagar uma visita profissional a um de seus oficiais. No caminho para ele eu estava absorto na ideia de que eu já deveria estar no prédio ocupado pela empresa. Parecia que eu costumava ver a placa deles em uma história mais baixa enquanto minha visita profissional estava me levando para uma história mais alta. Eu não conseguia lembrar, no entanto, que casa era nem quando eu tinha ligado para lá. Embora todo o assunto fosse indiferente e de nenhuma consequência, eu mesmo assim me ocupava com ele, e finalmente aprendi na rotatória usual, coletando os pensamentos que me ocorreu nesta conexão, que uma história acima do andar ocupado pela firma B. e R. era a Pensão Fischer, onde eu tinha visitado frequentemente pacientes. Então me lembrei do prédio que abrigava tanto a empresa quanto a pensão.

Eu ainda estava intrigado, no entanto, quanto ao motivo que entrou em jogo neste esquecimento. Não achei nada desagradável na minha memória sobre a própria firma ou a Pensão Fischer, ou os pacientes que moram lá. Eu também estava ciente de que não poderia lidar com nada muito doloroso, caso contrário, eu dificilmente teria sido bem sucedido em rastrear a coisa esquecida de uma forma rotunda sem recorrer à ajuda externa, como aconteceu no exemplo anterior. Finalmente me ocorreu que um pouco antes, enquanto começava a caminho de um novo paciente, um cavalheiro que eu tinha dificuldade em lembrar me cumprimentava na rua. Alguns meses antes eu tinha visto este homem em uma condição aparentemente grave e tinha feito o diagnóstico de paresia geral, mas mais

tarde eu tinha sabido de sua recuperação, conseqüentemente meu julgamento tinha sido incorreto. Não era possível que tivéssemos uma remissão neste caso, que geralmente se encontra em demência parálitica? Nessa contingência, meu diagnóstico ainda seria justificado. A influência emanada desta reunião me fez esquecer o bairro da Companhia B e R, e meu interesse em descobrir que a coisa esquecida foi transferida deste caso de diagnóstico disputado. Mas a conexão associativa nesta relação interior frouxa foi feita por meio de uma semelhança de nomes: o homem que se recuperou, ao contrário da expectativa, era também um oficial de uma grande empresa que recomenda pacientes para mim. E o médico com quem eu tinha visto o suposto parético tinha o nome de Fischer, o nome da pensão na casa que eu tinha esquecido.

(d) Destruir uma coisa realmente tem o mesmo significado que esquecer onde a colocamos. Como a maioria das pessoas investigando panfletos e livros, estou bem orientado sobre minha mesa, e posso produzir o que eu quero com um pulmão. O que parece para os outros como desordem tornou-se para mim ordem perfeita. Por que, então, eu perdi um catálogo que foi enviado para mim há pouco tempo para que não pudesse ser encontrado? Além disso, foi minha intenção encomendar um livro que eu encontrei anunciado nele, intitulado Ueber die Sprache, porque foi escrito por um autor cujo estilo animado e vivaz eu gosto, cuja visão em psicologia e cujo conhecimento do mundo cultural eu aprendi a apreciar. Acho que foi por isso que perdi o catálogo. Era meu hábito emprestar os livros deste autor entre meus amigos para sua iluminação, e alguns dias antes, ao retornar, alguém tinha dito: "Seu estilo me lembra completamente o seu, e seu modo de pensar é idêntico." O orador não sabia o que estava mexendo

com essa observação. Anos atrás, quando eu era mais jovem e tinha mais necessidade de formar alianças, me disseram praticamente a mesma coisa por um colega mais velho, a quem eu tinha recomendado os escritos de um autor médico familiar. Para colocar em suas palavras, "É absolutamente o seu estilo e maneira." Fui tão influenciado por essas observações que escrevi uma carta a este autor com o objetivo de trazer uma relação mais próxima, mas uma resposta bastante legal me colocou de volta "no meu lugar". Talvez ainda antes experiências desencorajadoras se escondem atrás deste último, pois eu não encontrei o catálogo perdido. Através desta premonição eu estava realmente impedido de encomendar o livro anunciado, embora o desaparecimento do catálogo não formou nenhum obstáculo real, como eu me lembrei bem tanto o nome do livro e do autor.

Outro caso de desleixo merece nosso interesse pelas condições em que o objeto perdido foi redescoberto. Um jovem narra o seguinte: "Vários anos atrás houve alguns mal-entendidos entre mim e minha esposa. Achei-a muito fria, e apesar de apreciar suas excelentes qualidades, vivemos juntos sem demonstrar qualquer ternura um pelo outro. Um dia, ao voltar de uma caminhada, ela me deu um livro que tinha comprado porque achou que me interessaria. Eu a agradei por esta marca de "atenção", prometi ler o livro, guardá-lo, e não encontrá-lo novamente. Então meses se passaram, durante o qual eu ocasionalmente me lembrava do livro perdido, e também tentei em vão encontrá-lo.

Seis meses depois, minha amada mãe, que não morava conosco, adoeceu. Minha esposa saiu de casa para cuidar da sogra. O paciente ficou sério e deu a minha esposa a oportunidade de mostrar o melhor lado dela. Uma noite eu voltei para casa cheio de entusiasmo sobre o que minha esposa

tinha realizado, e me senti muito grato a ela. Entrei na minha mesa e, sem intenção definida, mas com a certeza de um somnambulista, abri uma certa gaveta, e no topo dela encontrei o livro perdido há muito tempo."

O exemplo a seguir de "descolar" pertence a um tipo conhecido por todos os psicanalistas. Devo acrescentar que o paciente que experimentou esse erro encontrou a solução.

Este paciente, cujo tratamento psicanalítico teve que ser interrompido durante as férias de verão quando ele estava em um estado de resistência e saúde, guardou suas chaves à noite em seu lugar habitual, ou assim ele pensou. Ele então lembrou que queria pegar algumas coisas de sua mesa, onde também tinha colocado o dinheiro que precisava na viagem. Ele partiria no dia seguinte, que era o último dia de tratamento e a data em que o médico receberia o pagamento. Mas as chaves tinham desaparecido.

Ele começou uma busca completa e sistemática em seu pequeno apartamento. Ele ficou cada vez mais animado com isso, mas sua busca foi mal sucedida. Como ele reconheceu este "deslocamento" como um ato sintomático - isto é, como intencional - ele despertou seu servo para continuar sua busca com a ajuda de uma pessoa "não prejudicada". Depois de mais uma hora ele desistiu da busca e temia que tivesse perdido as chaves. Na manhã seguinte ele pediu novas chaves da fábrica de mesa, que foram feitas rapidamente para ele. Dois conhecidos que estavam com ele em um táxi até se lembraram de ouvir algo cair no chão quando ele saiu do táxi, e ele estava convencido de que as chaves tinham caído de seu bolso. Eles foram encontrados entre um livro grosso e um panfleto fino, o último um trabalho de um dos meus alunos, que ele queria levar como matéria de

leitura para suas férias, e eles foram colocados tão habilmente que ninguém teria suposto que eles estavam lá. Ele mesmo foi incapaz de substituir as chaves em tal posição para torná-las invisíveis. A habilidade inconsciente com a qual um objeto é deslocado por causa de motivos secretos, mas fortes, lembra um de "certeza nambulística". O motivo foi naturalmente mau humor sobre a interrupção do tratamento e a raiva secreta sobre o fato de que ele tinha que pagar uma taxa tão alta quando se sentiu tão doente.

(f) Brill relata: [31] "Um homem foi instado por sua esposa para participar de uma função social em que ele realmente não tinha interesse. Rendendo-se às súplicas de sua esposa, ele começou a tirar seu traje do porta-malas quando de repente pensou em se barbear. Depois disso, ele voltou para o porta-malas e o encontrou trancado. Apesar de uma busca longa e séria a chave não foi encontrada. Um serralheiro não pôde ser encontrado no domingo à noite, de modo que o casal teve que enviar seus arrependimentos. Ao abrir o porta-malas na manhã seguinte a chave perdida foi encontrada dentro. O marido deixou cair a chave no porta-malas e abriu a fechadura. Ele me assegurou que isso era totalmente não intencional e inconsciente, mas sabemos que ele não queria ir para este caso social. O erro da chave, portanto, não faltou nenhum motivo."

Ernest Jones notou em si mesmo que tinha o hábito de perder o cachimbo sempre que sofria dos efeitos do excesso de fumaça. O cano foi então encontrado em algum lugar incomum onde não pertencia e que normalmente não ocupava.

Se olharmos para os casos de desleixo será difícil presumir que desleixo é algo além do resultado de uma intenção inconsciente.

(g) No verão de 1901 eu uma vez observei a um amigo com quem eu estava ativamente envolvido em trocar ideias sobre questões científicas: "Esses problemas neuróticos só podem ser resolvidos se tomarmos a posição de aceitar uma bissexualidade original em cada indivíduo." Ao qual ele respondeu: "Eu lhe disse que dois anos e meio atrás, enquanto estávamos dando uma caminhada noturna em Br. Naquela época você não escutava."

É realmente doloroso ser assim solicitado a renunciar à originalidade. Não me lembro de tal conversa nem da revelação do meu amigo. Um de nós deve estar enganado, e de acordo com o princípio da pergunta... Devo ser eu. Na verdade, durante as semanas seguintes tudo voltou para mim, assim como meu amigo tinha lembrado. Eu me lembrei que na época eu dei a resposta: "Eu ainda não cheguei até agora, e eu não me importo em discutir isso." Mas desde esse incidente eu me tornei mais tolerante quando perdi qualquer menção do meu nome na literatura médica em conexão com ideias pelas quais eu mereço crédito.

É quase acidental que os numerosos exemplos de esquecimento que foram coletados sem qualquer seleção deva exigir para sua solução a introdução de temas tão dolorosos como expor a esposa, uma amizade que se tornou o oposto, um erro no diagnóstico médico, inimizade por causa de atividades semelhantes, ou o empréstimo de ideias de alguém. Estou bastante inclinado a acreditar que cada pessoa que vai fazer uma investigação sobre os motivos subjacentes ao seu esquecimento será capaz de preencher uma amostra semelhante de circunstâncias vexatórias. A tendência de esquecer

o desagradável parece-me bastante geral, a capacidade para ele é naturalmente diferente em pessoas diferentes. Certas negações que encontramos na prática médica podem ser atribuídas ao esquecimento. Nossa concepção de tal esquecimento limita a distinção entre este e aquele comportamento a relações puramente psicológicas, e permite-nos ver em ambas as formas de reação a expressão do mesmo motivo. Dos numerosos exemplos de negação de lembranças desagradáveis que observei em parentes de pacientes, um permanece em minha memória como especialmente singular.

Uma mãe me contando sobre a infância de seu filho nervoso, agora em sua puberdade, fez a declaração de que, como seus irmãos e irmãs, ele estava sujeito a molhar a cama durante toda sua infância, um sintoma que certamente tem algum significado em uma história de um paciente neurótico. Algumas semanas depois, enquanto procurava informações sobre o tratamento, tive a oportunidade de chamar a atenção dela para sinais de uma predisposição mórbida constitucional no jovem, e ao mesmo tempo referia-se ao molhar da cama narrado na anamnese. Para minha surpresa, ela contestou este fato sobre ele, negando-o também para as outras crianças, e me perguntou como eu poderia saber disso. Finalmente eu a deixei saber que ela mesma tinha me dito um pouco antes do que ela tinha esquecido.

Também encontramos indicações abundantes que mostram que mesmo em pessoas saudáveis, não neuróticas, resistências são encontradas contra a memória de impressões desagradáveis e a idéia de pensamentos dolorosos. Mas o significado total deste fato só pode ser estimado quando entramos na psicologia de pessoas neuróticas. Um é forçado a fazer tal luta defensiva

elementar contra ideias que podem despertar sentimentos dolorosos, um esforço que pode ser colocado lado a lado apenas com o vôo-reflexo em estímulos dolorosos, como o pilar principal do mecanismo que carrega os sintomas histéricos. Não é preciso oferecer qualquer objeção à aceitação de tal tendência defensiva no terreno que frequentemente achamos impossível nos livrar de memórias dolorosas que se apegam a nós, ou banir emoções tão dolorosas como remorso e reprovações de consciência. Ninguém sustenta que esta tendência defensiva invariavelmente ganha a vantagem, que no jogo de forças psíquicas não pode atacar contra fatores que agitam o sentimento contrário para outros propósitos e trazê-lo, apesar disso.

Como princípio arquitetônico do aparelho psíquico podemos conjecturar uma certa estratificação ou estrutura de instâncias depositadas em estratos. E é bem possível que esta tendência defensiva pertença a uma instância psíquica inferior, e seja inibida por instâncias superiores. Em todo caso, fala pela existência e força desta tendência defensiva, quando podemos rastreá-la a processos como os encontrados em nossos exemplos de esquecimento. Vemos então que algo é esquecido por seu próprio bem, e onde isso não é possível a tendência defensiva falha o alvo e faz com que algo mais seja esquecido - algo menos significativo, mas que caiu em conexão associativa com o material desagradável.

As visões aqui desenvolvidas, a saber, que memórias dolorosas se fundem em esquecimento motivado com facilidade especial, merece aplicação em muitas esferas onde, até agora, não encontrou reconhecimento ou quase nenhum. Assim, parece-me que ainda não foi fortemente enfatizado na estimativa do testemunho feito no tribunal, [35] onde a colocação de uma

testemunha sob juramento obviamente nos leva a colocar uma grande confiança na influência purificadora de seu jogo psíquico de forças. É universalmente admitido que na origem das tradições e folclore de um povo o cuidado deve ser tomado para eliminar da memória um motivo tão doloroso para o sentimento nacional. Talvez em uma investigação mais aprofundada seja possível formar uma analogia perfeita entre o modo de desenvolvimento das tradições nacionais e as reminiscências infantis do indivíduo. O grande Darwin formulou uma "regra de ouro" para o trabalhador científico a partir de sua visão sobre este motivo doloroso de esquecimento.

Quase exatamente como no esquecimento de nomes, lembranças defeituosas também podem aparecer no esquecimento de impressões, e ao encontrar credibilidade, podem ser designadas como ilusões de memória. A perturbação da memória em casos patológicos (na paranóia, ela realmente desempenha o papel de um fator constitutivo na formação de delírios) trouxe à tona uma extensa literatura na qual não há qualquer referência a sua motivação. Como este tema também pertence à psicologia das neuroses, vai além do nosso tratamento atual. Em vez disso, darei de minha própria experiência um curioso exemplo de perturbação da memória mostrando claramente sua determinação através de material reprimido inconsciente e sua conexão com este material.

Enquanto escrevia os últimos capítulos do meu volume sobre a interpretação dos sonhos, eu estava em um resort de verão sem acesso a bibliotecas e livros de referência, de modo que fui obrigado a introduzir no manuscrito todos os tipos de referências e citações de memória. Estes eu naturalmente reservei para correção futura. No capítulo dos sonhos

diurnos pensei na figura distinta do pobre contador do Nabab de Alphonse Daudet, através do qual o autor provavelmente descreveu seus próprios sonhos diurnos. Imaginei que me lembrava claramente de uma fantasia deste homem, a quem chamei de Sr. Jocelyn, que ele eclodiu enquanto caminhava pelas ruas de Paris, e comecei a reproduzi-la de memória. Esta fantasia descreveu como o Sr. Jocelyn ousadamente se jogou em um cavalo fugitivo e o deixou paralisado; como a porta da carruagem se abriu e um grande personagem saiu do coupé, apertou o Sr. A mão de Jocelyn disse: "Você é meu salvador, devo minha vida a você! O que posso fazer por você?"

Assegurei a mim mesmo que imprecisões casuais na interpretação desta fantasia poderiam ser prontamente corrigidas em casa ao consultar o livro. Mas quando pesquisei Nabab para compará-lo com meu manuscrito, descobri para minha grande vergonha e consternação que não havia nada que sugerisse tal sonho pelo Sr. Jocelyn; de fato, o pobre contador nem sequer carregava esse nome - ele era chamado de Sr. Joyeuse.

Este segundo erro forneceu a chave para a solução do primeiro erro, a reminiscência falha. Joyeux, da qual Joyeuse é a forma feminina, era a única palavra possível que traduziria meu próprio nome Freud em francês. De onde, portanto, veio essa falsa fantasia que eu tinha atribuído a Daudet? Só poderia ser um produto meu, um sonho que eu mesmo tinha girado, e que não se tornou consciente, ou que uma vez foi consciente e desde então tinha sido absolutamente esquecido. Talvez eu mesmo tenha inventado em Paris, onde muitas vezes andei pelas ruas sozinho, e cheio de saudade de um ajudante e protetor, até Charcot me levar ao seu círculo. Eu muitas vezes conheci o autor de Nabab na casa de Charcot. Mas a parte

provocante de tudo isso é o fato de que não há quase nada a que eu seja tão hostil como a ideia de ser protegido de alguém. O que vemos desse tipo de coisa no nosso país estraga todo o desejo dele, e meu caráter é pouco adequado para o papel de uma criança protegida. Sempre tive um imenso desejo de ser o homem forte. E tinha que acontecer que eu deveria ser lembrado de tal, para ter certeza, nunca realizado, sonho de dia! Além disso, este incidente é um bom exemplo de como a relação de restrição com o ego, que surge triunfantemente na paranoia, perturba e nos envolve na compreensão objetiva das coisas.

Outro caso de lembrança falha que pode ser satisfatoriamente explicado se assemelha ao reconhecimento fausse a ser discutido mais tarde. Eu me relacionei com um dos meus pacientes, um homem ambicioso e muito capaz, que um jovem estudante recentemente ganhou entrada no círculo de meus alunos por meio de um trabalho interessante, *Der Künstler, Versuch einer Psychologie Sexual*. Quando, um ano e um quarto depois, este trabalho estava diante de mim na impressão, meu paciente afirmou que ele lembrou com certeza ter lido em algum lugar, talvez em um anúncio de livraria, o anúncio do mesmo livro mesmo antes de eu o mencionar pela primeira vez. Ele lembrou que este anúncio veio à sua mente naquela época, e ele verificou além de que o autor tinha mudado o título, que ele não mais ler "Versuch" mas "Ansätze zu einer Sexualpsychologie."

Uma investigação cuidadosa do autor e comparação de todas as datas mostrou conclusivamente que meu paciente estava tentando lembrar o impossível. Nenhuma notícia deste trabalho tinha aparecido em qualquer lugar antes de sua publicação, certamente nem um ano e um quarto antes de ser publicado. No entanto, esqueci de procurar uma solução para esta

falsa lembrança até que o mesmo homem trouxe uma renovação igualmente valiosa dela. Ele pensou que tinha notado recentemente um trabalho sobre "agorafobia" na vitrine de uma livraria, e como ele estava agora procurando por isso em todos os catálogos disponíveis eu fui capaz de explicar a ele por que seu esforço deve permanecer infrutífero. O trabalho sobre agorafobia só existia em sua fantasia como uma resolução inconsciente para escrever tal livro. Sua ambição de imitar aquele jovem, e através de tal trabalho científico para se tornar um dos meus alunos, o levou ao primeiro, bem como à segunda falsa lembrança. Ele também lembrou mais tarde que o anúncio do livreiro que tinha ocasionado sua falsa reminiscência tratou de uma obra intitulada Genesis, Das Gesetz der Zeugung ("Gênesis, A Lei da Geração"). Mas a mudança no título como mencionado por ele foi realmente instigada por mim, lembrei que eu mesmo cometi a mesma imprecisão na repetição do título dizendo "Ansätze" no lugar de "Versuch".

B. Esquecendo as intenções.

Nenhum outro grupo de fenômenos é mais qualificado para demonstrar a tese de que a falta de atenção em si não basta para explicar atos defeituosos como o esquecimento de intenções. Uma intenção é um impulso para uma ação que já encontrou aprovação, mas cuja execução é adiada para uma ocasião adequada. Agora, no intervalo assim criado, mudanças suficientes podem ocorrer no motivo para impedir a intenção de chegar à execução. Não é, no entanto, esquecido, é simplesmente revisto e omitido.

Naturalmente não temos o hábito de explicar o esquecimento das intenções que vivenciamos diariamente em todas as situações possíveis como sendo devido a uma mudança recente no ajuste de motivos. Nós geralmente o deixamos inexplicável, ou procuramos uma explicação psicológica na suposição de que no momento da execução a necessária atenção para a ação, que era uma condição indispensável para a ocorrência da intenção, e então estava à disposição da mesma ação, não mais existe. A observação de nosso comportamento normal em relação às intenções nos incita a rejeitar esta tentativa de explicação arbitrária. Se eu decidir de manhã para realizar uma certa intenção à noite, eu posso ser lembrado dele várias vezes durante o dia, mas não é necessário que ele se torne consciente durante todo o dia. Como o tempo para sua execução se aproxima de repente me ocorre e me induz a fazer a preparação necessária para a ação pretendida. Se eu for andando e levar uma carta comigo para ser postada, não é necessário que eu, como um indivíduo normal e não nervoso, a leve em minha mão e procure continuamente por uma caixa postal. Na verdade, estou acostumado a colocá-lo no meu bolso e dar meus pensamentos de rédea livre em meu caminho, sentindo-se confiante que a primeira caixa de cartas vai atrair minha atenção e me fazer colocar minha mão no meu bolso e tirar a carta.

Este comportamento normal em uma intenção formada corresponde perfeitamente com a conduta experimentalmente produzida de pessoas que estão sob uma chamada "sugestão pós-hipnótica" para realizar algo depois de um certo tempo. Estamos acostumados a descrever o fenômeno da seguinte forma: a intenção sugerida dorme na pessoa em causa até o momento em que sua execução se aproxima. Então ele acorda e excita a

ação.

Em duas posições da vida, mesmo o leigo é consciente do fato de que o esquecimento de se referir a propósitos pretendidos não pode de modo algum reivindicar consideração como um fenômeno elementar não mais redutível, mas percebe que, em última análise, depende de motivos não admitidos. Refiro-me a assuntos de amor e serviço militar. Um amante que está atrasado no lugar indicado vai dizer em vão à sua namorada que infelizmente ele esqueceu completamente o encontro deles. Ela não hesitará em responder-lhe: "Um ano atrás você não teria esquecido. Evidentemente você não se importa mais comigo." Mesmo que ele entendesse a explicação psicológica acima citada, e desejasse desculpar seu esquecimento sobre o apelo de um negócio importante, ele só obteria a resposta da mulher, que se tornou tão perspicaz quanto o médico no tratamento psicanalítico, "Que notável que tais distúrbios de negócios não ocorreram antes!" Claro que a mulher não quer negar a possibilidade de esquecer, mas ela acredita, e não sem razão, que praticamente a mesma inferência de uma certa falta de vontade pode ser tirada do esquecimento não intencional como de um subterfúgio consciente.

Da mesma forma, no serviço militar nenhuma distinção é reconhecida entre uma omissão resultante do esquecimento e uma consequência da negligência intencional. E com razão. O soldado não ousa esquecer nada que o serviço militar exige dele. Se ele esquece apesar disso, mesmo quando ele está familiarizado com as exigências, então é devido ao fato de que os motivos que incitam a realização das excissões militares são opostos por motivos contrários. Assim, o voluntário de um ano [38] que na inspeção alega esquecer como uma desculpa para não ter polido seus botões é

certamente ser punido. Mas esta punição é pequena em comparação com a que ele julga se ele admitir aos seus superiores que o motivo para sua negligência é porque "este serviço miserável é completamente nojento para mim." Devido a essa poupança de punição por razões econômicas, por assim dizer, ele faz uso do esquecimento como desculpa, ou isso acontece como um compromisso.

O serviço das mulheres (assim como o serviço militar do Estado) exige que nada relacionado com esse serviço esteja sujeito ao esquecimento. Assim, mas sugere que o esquecimento é permissível em assuntos sem importância, mas em assuntos importantes, sua ocorrência é uma indicação de que se deseja tratar assuntos de peso como sem importância: isto é, que sua importância é contestada.[39] O ponto de vista da validade psíquica não deve ser contestado aqui. Ninguém esquece de realizar ações que parecem importantes para si mesmo sem se expor à suspeita de sofrer de fraqueza mental. Nossas investigações, portanto, só podem estender-se ao esquecimento de intenções mais ou menos secundárias, pois nenhuma intenção consideramos absolutamente indiferente, caso contrário, certamente nunca teria sido formada.

Como nos distúrbios funcionais anteriores, recolhi os casos de negligência por esquecer o que observei em mim mesmo, e tentei explicá-los. Descobri que eles podem invariavelmente ser rastreados por alguma interferência de motivos desconhecidos e não admitidos ou, como pode ser dito, eles foram devidos a um contra-arbítrio. Em alguns desses casos eu me encontrei em uma posição semelhante à de estar em algum serviço desagradável: eu estava sob uma restrição a que eu não tinha me resignado totalmente, de modo que eu mostrei meu protesto na forma de

esquecer. Isso explica o fato de que eu sou particularmente propenso a esquecer de enviar parabéns em ocasiões como aniversários, jubileus, celebrações de casamentos, e promoções para maior classificação. Faço continuamente novas resoluções, mas estou mais do que nunca convencido de que não terei sucesso. Agora estou no ponto de desistir de tudo, e admitir conscientemente os motivos. Em um período de transição, eu disse a um amigo que me pediu para enviar um telegrama de parabéns para ele, em um certo momento em que eu mesmo enviaria um, que eu provavelmente esqueceria ambos. Não foi surpresa que a profecia se tornou realidade. É sem dúvida devido a experiências dolorosas na vida que sou incapaz de manifestar simpatia onde esta manifestação deve necessariamente parecer exagerada, pois a pequena quantidade de meu sentimento não admite a expressão correspondente. Desde que aprendi que muitas vezes confundi a falsa simpatia dos outros de verdade, estou em rebelião contra as convenções de expressar simpatia, a conveniência social da qual eu naturalmente reconheço. Condolências em casos de morte são excedidas deste tratamento duplo, uma vez que eu determino enviá-los eu não os negligencio. Onde minha participação emocional não tem mais nada a ver com dever social, sua expressão nunca é inibida pelo esquecimento.

Casos em que nos esquecemos de realizar ações que prometemos fazer como um favor para os outros podem ser explicados como antagonismo ao dever convencional e como uma opinião íntima desfavorável. Aqui ela regularmente se mostra correta, na medida em que a única pessoa apelou para acreditar no poder de perdão do esquecimento, enquanto aquele que pede o favor não tem dúvida sobre a resposta certa: ele não tem interesse

neste assunto, caso contrário ele não teria esquecido.

Há alguns que são notados como geralmente esquecidos, e nós desculpamos seus lapsos da mesma forma que nós desculpamos aqueles que são míopes quando eles não nos cumprimentam na rua. Tais pessoas esquecem todas as pequenas promessas que fizeram, deixam sem execução todas as ordens que receberam, provam que não são confiáveis em pequenas coisas, e ao mesmo tempo exigem que não levemos em conta essas pequenas ofensas, ou seja, não querem que atribuamos essas falhas às características pessoais, mas que as refiramos a uma peculiaridade orgânica.[41] Eu não sou uma dessas pessoas, e não tive oportunidade de analisar as ações de tal pessoa para descobrir a partir da seleção de esquecer o motivo subjacente ao mesmo. Eu não posso renunciar, no entanto, a conjectura por analogia, que aqui o motivo é uma incomum grande quantidade de desrespeito não declarado por outros que explora o fator constitucional para o seu propósito.[42]

Em outros casos, os motivos para esquecer são menos fáceis de descobrir, e quando encontrados excitam maior espanto. Assim, em anos anteriores eu observei que de um grande número de chamadas profissionais eu só esqueci aquelas que eu deveria fazer em pacientes que eu tratava gratuitamente ou em colegas. A mortificação causada por esta descoberta me levou ao hábito de notar todas as manhãs as chamadas do dia em uma forma de resolução. Não sei se outros médicos chegaram à mesma prática por uma estrada similar. Assim, temos uma ideia do que faz o chamado neurastênico fazer um memorando das comunicações que ele deseja fazer ao médico. Ele aparentemente não tem confiança na capacidade reprodutiva de sua memória. Isso é verdade, mas a cena geralmente

continua assim. O paciente reportou suas várias queixas e investigações em grande parte. Depois que ele terminar, ele pausa por um momento, então ele puxa o memorando e diz apologeticamente, "Eu fiz algumas anotações porque eu não consigo lembrar de nada." Como regra, ele não encontra nada de novo no memorando. Ele repete cada ponto e responde ele mesmo: "Sim, eu já perguntei sobre isso." Por meio do memorando ele provavelmente só demonstra um de seus sintomas, a frequência com que suas resoluções são perturbadas pela interferência de motivos obscuros.

Estou tocando, além disso, em uma aflição à qual até a maioria dos meus conhecidos saudáveis estão sujeitos, quando admito que especialmente nos anos anteriores eu tinha o hábito de esquecer facilmente por um longo tempo para devolver livros emprestados, também que muitas vezes aconteceu que eu diferi pagamentos através do esquecimento. Uma manhã, não muito tempo atrás, deixei a tabacaria onde faço minha compra diária de charutos sem pagar. Foi uma omissão inofensiva, como sou conhecido lá e, portanto, poderia ser lembrado da minha dívida na manhã seguinte. Mas esta pequena negligência, a tentativa de contrair uma dívida, certamente não foi desconectada com reflexões sobre o orçamento com o qual eu tinha me ocupado durante todo o dia anterior. Mesmo entre as chamadas pessoas respeitáveis, podemos facilmente demonstrar um comportamento duplo quando se trata do tema do dinheiro e posse. A ganância primitiva do filhote que deseja agarrar cada objeto (para colocá-lo em sua boca) geralmente só foi imperfeitamente subjugada através da cultura e do treinamento.

Temo que em todos os exemplos até agora dado que eu cresci bastante comum. Mas só pode ser um prazer para mim se eu acontecer em assuntos

familiares que cada um entende, pois meu principal objetivo é coletar material diário e usá-lo cientificamente. Eu não posso conceber porque sabedoria, que é, por assim dizer, o sedimento das experiências cotidianas, deve ser negada admissão entre as aquisições de conhecimento. Pois não é a diversidade de objetos, mas o método mais rigoroso de verificação e o esforço por conexões abrangentes que compõem o caráter essencial do trabalho científico.

Descobrimos invariavelmente que intenções de alguma importância são esquecidas quando motivos obscuros surgem para perturbá-los. Em intenções ainda menos importantes encontramos um segundo mecanismo de esquecimento. Aqui uma contra-vontade é transferida para a resolução de outra coisa depois que uma associação externa foi formada entre o último e o conteúdo da resolução. O seguinte exemplo relatado por Brill ilustra isto: "Uma paciente descobriu que de repente ela se tornou muito negligente em sua correspondência. Ela era naturalmente pontual e tinha prazer em escrever cartas, mas nas últimas semanas ela simplesmente não conseguia escrever uma carta sem exercer o maior esforço. A explicação foi bem simples. Algumas semanas antes de receber uma carta importante pedindo uma resposta categórica. Ela estava indecisa sobre o que dizer, e, portanto, não respondeu. Esta indecisão na forma de inibição foi inconscientemente transferida para outras letras e causou a inibição contra a escrita de cartas em geral."

Contra-vontade direta e motivação mais remota são encontradas juntas no seguinte exemplo de atraso: eu tinha escrito um pequeno tratado sobre o sonho da série Grenzfragen des Nerven- und Seelenlebens, no qual eu dei um resumo do meu livro, A Interpretação dos Sonhos. Bergmann, o editor,

me enviou as folhas de prova e pediu um Retorno rápido do mesmo que ele queria emitir o panfleto antes do Natal. Corrigi os lençóis na mesma noite, e os coloquei na minha mesa para levá-los ao correio na manhã seguinte. De manhã eu esqueci tudo sobre isso, e só pensei nisso à tarde à vista da capa de papel na minha mesa. Da mesma forma, esqueci as provas naquela noite e na manhã seguinte, e até a tarde do segundo dia, quando rapidamente as levei para uma caixa postal, imaginando qual seria a base dessa procrastinação. Obviamente eu não queria mandá-los embora, embora eu não pudesse encontrar nenhuma explicação para tal atitude.

Eu deixei algumas ordens, então, como se impulsionado por um pensamento repentino, disse, "Você sem dúvida sabe que eu escrevi o livro 'Dream' uma segunda vez?" "Ah!", ele exclamou, "então eu devo pedir-lhe para - "Calma-te," eu interpus, "é apenas um pequeno tratado para a coleção Löwenfeld-Kurella." Mas ele ainda não estava satisfeito, ele temia que o Depois de postar a carta, entrei na loja do meu editor de Viena, que publicou minha Interpretação dos Sonhos. O resumo prejudicaria a venda do livro. Eu discordo dele, e finalmente perguntei: "Se eu tivesse vindo até você antes, você se oporia à publicação?" "Não, em nenhuma circunstância", ele respondeu.

Pessoalmente, acredito que agi dentro dos meus direitos e não fiz nada contrário à prática geral, ainda me parece certo que um pensamento semelhante ao que o editor entreteve foi o motivo para minha procrastinação em enviar as folhas de prova.

Esta reflexão leva a uma ocasião anterior em que outro editor levantou algumas dificuldades porque eu fui obrigado a tirar várias páginas do texto

de um trabalho anterior sobre paralisia infantil cerebral, e colocá-los inalterados em um trabalho sobre o mesmo tema no manual de Nothnagel. De novo, a censura não recebeu reconhecimento, dessa vez também eu tinha lealmente informado meu primeiro editor (o mesmo que publicou A Interpretação dos Sonhos) da minha intenção.

No entanto, se esta série de lembranças é seguida ainda mais longe, isso traz à luz uma ocasião ainda mais anterior relacionada a uma tradução do francês, em que eu realmente violou os direitos de propriedade que devem ser considerados em uma publicação. Eu tinha acrescentado notas ao texto sem pedir a permissão do autor, e alguns anos depois eu tinha motivo para pensar que o autor estava insatisfeito com esta ação arbitrária.

Há um provérbio que indica o conhecimento popular de que o esquecimento das intenções não é acidental. Diz: "O que alguém esquece uma vez que ele muitas vezes vai esquecer novamente."

Na verdade, às vezes não podemos deixar de sentir que não importa o que possa ser dito sobre esquecer e ações defeituosas, todo o assunto já é conhecido por todos como algo evidente. É bastante estranho que ainda seja necessário empurrar diante da consciência fatos tão conhecidos. Quantas vezes ouvi as pessoas dizerem: "Por favor, não me peça para fazer isso, certamente vou esquecer." A realização desta profecia mais tarde certamente não é nada misterioso em si mesmo. Aquele que fala assim percebe a resolução interior para não cumprir o pedido, e só hesita em reconhecê-lo para si mesmo.

Muita luz é lançada, além disso, sobre o esquecimento de resoluções através de algo que poderia ser designado como "formando falsas

resoluções". Uma vez prometi a um jovem autor escrever uma crítica de seu curto trabalho, mas por causa de resistências internas, não desconhecidas para mim, eu prometi a ele que seria feito na mesma noite. Eu realmente tinha intenções sérias de fazer isso, mas eu tinha esquecido que eu tinha reservado aquela noite para a preparação de um testemunho especialista que não poderia ser adiada. Depois que reconheci minha resolução como falsa, desisti da luta contra minhas resistências e recusei o pedido do autor.

09. Ações executadas por engano

Capítulo VIII da edição inglesa autorizada de A. A. Brill, 1914

Darei outra passagem da obra de Meringer e Mayer.

"Lapsos na fala não ficam completamente sozinhos. Eles se assemelham aos erros que muitas vezes ocorrem em nossas outras atividades e são tolaamente chamados de "esquecimento".

Portanto, não sou o primeiro a presumir que há um sentido e um propósito por trás dos pequenos distúrbios funcionais da vida diária de pessoas saudáveis.

Eu formei aqui dois grupos de casos, todos esses casos em que o efeito defeituoso parece ser o elemento essencial - isto é, o desvio da intenção - denoto como ações mal executadas (Vergreifen); os outros, em que toda a ação parece inexpediente, eu chamo de "ações sintomáticas e aleatórias". Mas nenhuma linha distinta Se o lapso de fala, que é sem dúvida uma função motora, admite tal concepção, é natural transferir para os lapsos de nossas outras funções motoras a mesma expectativa. demarcação pode ser formada, na verdade, somos forçados a concluir que todas as divisões usadas neste tratado são de significado descritivo e contradizem a unidade interior da esfera de manifestação.

A compreensão psicológica de ações errôneas aparentemente ganha pouco em clareza quando a colocamos sob a cabeça de "ataxia", e especialmente sob "ataxia cortical". Vamos tentar rastrear os exemplos individuais para seus próprios determinantes. Para fazer isso, voltarei a recorrer a observações pessoais, as oportunidades para as quais não pude encontrar

muito frequentemente em mim mesmo.

(a) Nos anos passados, quando eu fazia mais ligações nas casas dos pacientes do que no momento, muitas vezes acontecia, quando eu estava diante de uma porta onde eu deveria ter batido ou tocado o sino, que eu puxaria a chave da minha própria casa do meu bolso, apenas para substituí-la, bastante abatida. Quando investiguei o que acontecia nas casas dos pacientes, tive que admitir que a ação defeituosa, tirando minha chave em vez de tocar o sino, significava pagar uma certa homenagem à casa onde o erro ocorreu. Era equivalente ao pensamento "Aqui me sinto em casa", como aconteceu apenas onde eu possuía o respeito do paciente. Naturalmente, eu nunca toquei minha própria campainha.

A ação defeituosa era, portanto, uma representação simbólica de um pensamento definido que não foi aceito conscientemente como sério, pois na realidade o neurologista está bem ciente de que o paciente o procura apenas enquanto espera ser beneficiado por ele, e que seu próprio interesse excessivamente quente por seu paciente é evidenciado apenas como um meio de psíquico Tratamento.

Uma repetição quase idêntica da minha experiência é descrita por A. Maeder. "Il est arrivé à chacun de sortir son trousseau, en arrivant à la porte d'un ami particulièrement cher, de se surprendre pour ainsi dire, en treïn d'ouvrir avec sa cle comme chez soi. Não é retardado, não é mau, não é?

Jones fala o seguinte sobre o uso de chaves: "O uso de chaves é uma fonte fértil de ocorrências deste tipo, das quais dois exemplos podem ser dados. Se eu estou perturbado no meio de algum trabalho em casa, tendo que ir

ao hospital para realizar algum trabalho de rotina, estou muito apto a me encontrar tentando abrir a porta do meu laboratório lá com a chave da minha mesa em casa, embora as duas chaves sejam bem diferentes uma da outra. O erro demonstra inconscientemente onde eu preferiria estar no momento.

"Alguns anos atrás eu estava agindo em uma posição subordinada em uma determinada instituição, cuja porta da frente estava trancada, para que fosse necessário ligar para admissão. Em várias ocasiões, me vi tentando abrir a porta com a chave da minha casa. Cada um dos funcionários visitantes permanentes, dos quais eu aspirava ser membro, recebeu uma chave para evitar o problema de ter que esperar na porta. Meu erro assim expressava o desejo de estar em pé de igualdade e estar em casa."

Uma experiência semelhante é relatada pelo Dr. Hans Sachs de Viena: "Eu sempre carrego duas chaves comigo, uma para a porta do meu escritório e outra para minha residência. Eles não são facilmente trocados, já que a chave do escritório é pelo menos três vezes maior que a da minha casa. Além disso, carrego o primeiro no bolso da calça e o outro no bolso do colete. No entanto, muitas vezes aconteceu que notei ao chegar à porta que enquanto subia as escadas eu tinha tirado a chave errada. Eu decidi fazer um exame estatístico, como eu estava diariamente no mesmo estado emocional quando eu estava diante de ambas as portas, eu pensei que a troca das duas chaves deve mostrar uma tendência regular, se eles eram psicologicamente determinado diferentemente. Observação de ocorrências posteriores mostrou que eu regularmente tirava minha chave de casa antes da porta do escritório. Só em uma ocasião isso foi invertido, eu cheguei em casa cansado, sabendo que eu encontraria lá um convidado. Tentei abrir a

porta com a chave do escritório muito grande."

(b) Em uma certa hora duas vezes por dia durante seis anos eu estava acostumado a esperar pela admissão antes de uma porta na segunda história da mesma casa, e durante este longo período de tempo aconteceu duas vezes (dentro de um curto intervalo) que eu subi uma história mais alto. Na primeira dessas ocasiões eu estava em um sonho ambicioso, que me permitiu "montar sempre mais alto e mais alto". Na verdade, naquela época eu ouvi a porta em questão aberta enquanto eu colocava meu pé no primeiro passo do terceiro voo. Na outra ocasião, fui longe demais "envolto em pensamentos". Assim que me apercebi disso, voltei atrás e procurei arrebatar a fantasia dominante, descobri que estava irritado com uma crítica às minhas obras, em que a censura foi feita que eu "sempre fui longe demais", que eu substituí pela expressão menos respeitosa "alcançado demais".

(c) Por muitos anos, um martelo reflexo e uma bifurcação estavam lado a lado na minha mesa. Um dia eu corri no fim do meu horário de trabalho, como eu queria pegar um certo trem, e, apesar da luz do dia, colocar o garfo no bolso do meu casaco no lugar do martelo reflexo. Minha atenção foi chamada para o erro através do peso do objeto puxando para o meu bolso. Qualquer um desacostumado a refletir sobre tais ocorrências leves sem hesitação explicaria a ação defeituosa pela pressa do momento, e desculpe. Apesar disso, prefiro me perguntar por que peguei o garfo em vez do martelo. A pressa poderia ter sido um motivo para realizar a ação corretamente para não perder tempo com a correção.

"Quem pela última vez pegou o garfo?" foi a pergunta que imediatamente passou pela minha mente. Aconteceu que apenas alguns dias atrás uma criança idiota, cuja atenção às impressões sensoriais eu estava testando, tinha sido tão fascinada pela bifurcação que achei difícil tirá-la dele. Poderia significar, portanto, que eu era um idiota? Para ter certeza, assim parece, como o próximo pensamento que se associou com o martelo foi chamar (Hebreu para "ass").

Mas qual era o significado dessa linguagem abusiva? Temos que investigar a situação. Eu corri para uma consulta em um lugar na ferrovia ocidental para ver um paciente que, de acordo com a anamnese que recebi por carta, tinha caído de uma varanda alguns meses antes, e desde então tinha sido incapaz de andar. O médico que me convidou escreveu que ainda não sabia se estava lidando com uma lesão na coluna ou neurose traumática. Histeria. Era isso que eu devia decidir. Isso poderia ser um lembrete para ser particularmente cuidadoso neste delicado diagnóstico diferencial. Como é, meus colegas acham que histeria é diagnosticada descuidadamente em assuntos mais sérios. Mas o abuso ainda não é justificado. Sim, a próxima associação foi que a pequena estação ferroviária é o mesmo lugar em que, alguns anos antes, eu vi um jovem que, após uma certa experiência emocional, não podia andar corretamente. Na época, diagnostiquei sua doença como histeria, e depois o coloquei sob tratamento psíquico, mas depois descobri que meu diagnóstico não estava incorreto nem correto. Um grande número de sintomas do paciente estavam histéricos, e rapidamente desapareceram no curso do tratamento. Mas atrás destes havia um remanescente visível que não poderia ser alcançado pela terapia, e poderia ser encaminhado apenas para uma

esclerose múltipla. Aqueles que viram o paciente depois de mim não tiveram dificuldade em reconhecer o afeto orgânico. Eu dificilmente poderia ter agido ou julgado de forma diferente, ainda assim a impressão era de um erro grave; a promessa de uma cura que eu tinha dado a ele naturalmente não poderia ser mantida.

O erro em agarrar a bifurcação em vez do martelo poderia, portanto, ser traduzido nas seguintes palavras: "Seu tolo, seu idiota, recomponha-se desta vez, e tenha cuidado para não diagnosticar novamente um caso de histeria onde há uma doença incurável, como você fez neste lugar anos atrás no caso do pobre homem!" E felizmente por Esta pequena análise, mesmo que infelizmente para o meu humor, este mesmo homem, agora tendo uma marcha muito espástica, tinha sido ao meu escritório alguns dias antes, um dia após o exame da criança idiota.

Observamos que desta vez é a voz da autocrítica que se torna perceptível através do erro de compreender. A ação erradamente executada é especialmente adequada para expressar auto-repreensão. O erro atual tenta representar o erro que foi cometido em outro lugar.

(d) É bastante óbvio que agarrar a coisa errada também pode servir uma série de outros propósitos obscuros. Aqui está um primeiro exemplo: É muito raro que eu quebre alguma coisa. Não sou particularmente destreza, mas em virtude da integridade anatômica do meu aparelho nervoso e muscular, aparentemente não há motivos em mim para movimentos tão estranhos com resultados indesejáveis. Não me lembro de nenhum objeto em minha casa que eu tenha quebrado. Devido à estreiteza do meu estudo, muitas vezes foi necessário que eu trabalhasse na posição mais

desconfortável entre meus numerosos objetos antigos de argila e pedra, dos quais eu tenho uma pequena coleção. É verdade que os espectadores expressaram medo para que eu derrube algo e o quebre. Mas nunca aconteceu. Então por que escovei para o chão a tampa do meu simples tinteiro para que quebrasse em pedaços?

Meu estande de tinta é feito de um pedaço plano de mármore que é escavado para a recepção do tinteiro de vidro; o tinteiro tem uma tampa de mármore com um botão da mesma pedra. Um círculo de estatuetas de bronze com pequenas figuras de terracota é colocado atrás deste estande de tinta. Eu me sentei na mesa para escrever, fiz um movimento para fora notavelmente estranho com a mão segurando o porta caneta, e assim varri a tampa do suporte de tinta, que já estava na mesa, para o chão.

Não é difícil encontrar a explicação. Algumas horas antes de minha irmã estar na sala para ver minhas novas aquisições. Ela os achou muito bonitos, e então comentou: "Agora a mesa realmente parece muito bem, só que o estande de tinta não combina. Você deve ter uma mais bonita." Eu acompanhei minha irmã e não voltei por várias horas. Mas então, como parece, eu executei a execução da banca de tinta condenada.

Será que concluo pelas palavras da minha irmã que ela pretendia me apresentar com um tinteiro mais bonito na próxima ocasião festiva, e eu quebrei o velho para forçá-la a cumprir sua intenção? Se assim for, então meu movimento de balanço foi apenas aparentemente estranho, na realidade foi muito habilidoso e projetado, como ele entendia como evitar todos os objetos valiosos localizados perto dele.

É verdade que na superfície estes parecem mostrar algo violento e irregular, semelhante aos movimentos espástico-atáxicos, mas, ao exame, parecem ser dominados por alguma intenção, Eu realmente acredito que devemos aceitar esta explicação para uma série de movimentos estranhos aparentemente acidentais. e eles realizam seu objetivo com uma certeza que geralmente não pode ser creditada a movimentos arbitrários conscientes. Em ambas as características, a força, bem como o objetivo certo, eles mostram além de uma semelhança com as manifestações motoras da neurose histérica, e em parte também com as realizações motoras do sonambulismo, que aqui, assim como aqui, apontam para a mesma modificação desconhecida das funções de inervação.

Nos últimos anos, desde que tenho coletado tais observações, aconteceu várias vezes que eu quebrei e quebrei objetos de algum valor, mas o exame desses casos me convenceu que nunca foi o resultado de acidente ou da minha involuntária incógnita. Assim, uma manhã, enquanto estava no meu roupão de banho e chinelos de palha, segui um impulso repentino ao passar por um quarto, e lancei um chinelo do meu pé contra a parede, de modo que ele derrubou uma bela Vênus de mármore do seu suporte. Enquanto caía em pedaços, recitei o seguinte verso de Busch:

"Ach! Morre Venus ist perdü - [47] Klickeradoms!

Naquela manhã fui informado de que havia uma grande melhora, eu sei que tinha dito a mim mesmo, "Depois de tudo que ela vai viver." Meu ataque de loucura destrutiva serviu, portanto, como expressão de um sentimento grato pelo destino, Essa loucura e minha calma ao ver o dano é explicada na situação então existente. Nós tínhamos uma pessoa muito

doente na família, de cuja recuperação eu pessoalmente desesperava. e me deu a oportunidade de realizar um "ato de sacrifício", como se eu tivesse jurado, "Se ela ficar bem, darei isso ou aquilo como sacrifício." Que eu escolhi a Vênus de Médici como este sacrifício foi apenas homenagem galante ao convalescente. Mas mesmo hoje ainda é incompreensível para mim que eu decidi tão rapidamente, mirando tão precisamente, e não atingiu nenhum outro objeto na proximidade.

Outro rompimento, em que usei um porta caneta caindo da minha mão, também significou um sacrifício, mas desta vez foi uma oferta piedosa para evitar algum mal. Uma vez eu me permiti censurar um amigo verdadeiro e digno por nenhuma outra razão além de certas manifestações que interpretei de sua atividade inconsciente. Ele me escreveu uma carta na qual me pediu para não tratar meus amigos pela psicanálise. Eu tive que admitir que ele estava certo e apaziguado com minha resposta. Enquanto escrevia esta carta eu tinha diante de mim minha última aquisição - uma pequena, bonita figura egípcia vidrada. Eu quebrei da maneira mencionada, e então imediatamente soube que eu tinha causado esta travessura para evitar uma maior. Felizmente, tanto a amizade quanto a figura poderiam ser tão cimentadas que a ruptura não seria notada.

Um terceiro caso de ruptura tinha uma conexão menos séria, era apenas uma "execução" disfarçada para usar uma expressão do Auch Einer de Th. Vischer, de um objeto que não mais se adequava ao meu gosto. Por um bom tempo eu tinha carregado uma bengala com uma alça de prata; por nenhuma culpa minha a placa de prata fina foi danificada e mal reparada. Logo depois que a bengala foi devolvida eu alegremente usei o cabo para angular para a perna de um dos meus filhos. Dessa forma, naturalmente

quebrou, e eu me livrei dele.

A indiferença com que aceitamos o dano resultante em todos esses casos pode certamente ser tomada como evidência para a existência de um propósito inconsciente em sua execução.

(e) Como às vezes pode ser demonstrado pela análise, a queda de objetos ou a inversão e quebra do mesmo são muito frequentemente utilizados como a expressão de fluxos inconscientes de pensamento, Mas, mais frequentemente, eles servem para representar os significados supersticiosos ou estranhos conectados com eles em ditos populares. Os significados ligados ao derramamento de sal, a derrubada de uma taça de vinho, o furamento de uma faca caída no chão, e assim por diante, são bem conhecidos. Discutirei mais tarde o direito de investigar tais interpretações supersticiosas, aqui devo simplesmente observar que os atos incômodos individuais não têm de modo algum o mesmo significado, mas, dependendo das circunstâncias, servem para representar agora este ou aquele propósito.

Recentemente passamos por um período em minha casa durante o qual um número incomum de pratos de vidro e porcelana foram quebrados. Eu mesmo contribuí para esse dano. Este pequeno endêmico foi facilmente explicado pelo fato de que precedeu o noivado público da minha filha mais velha. Em tais festividades é costume quebrar alguns pratos e pronunciar ao mesmo tempo alguma expressão de felicidade. Este costume pode significar um sacrifício ou expressar qualquer outro sentido simbólico.

Quando os servos destroem objetos frágeis através de derrubá-los, certamente não pensamos em primeiro lugar em um motivo psicológico

para isso; ainda assim, alguns motivos obscuros não são improváveis mesmo aqui. Por outro lado, pessoas da mesma educação e origem empregadas em instituições científicas muitas vezes se distinguem por grande destreza e confiabilidade no manuseio de objetos delicados, Nada está mais longe do ignorante do que a apreciação da arte e das obras de arte. Nossos servos são dominados por uma hostilidade tola contra essas produções, especialmente quando os objetos, cujo valor eles não percebem, se tornam uma fonte de muito trabalho para eles. assim que começarem a se identificar com seus mestres e se considerarem uma parte essencial da equipe.

Vou acrescentar aqui o relatório de um jovem engenheiro mecânico, que dá alguma visão do mecanismo de coisas prejudiciais.

"Algum tempo atrás eu trabalhei com muitos outros no laboratório do ensino médio em uma série de experimentos complicados sobre o assunto da elasticidade. Foi um trabalho que fizemos por nossa própria vontade, mas acabou que tomou mais do nosso tempo do que esperávamos. Um dia, enquanto ia ao laboratório com F., ele reclamou de perder tanto tempo, especialmente neste dia, quando tinha tantas outras coisas para fazer em casa. Eu só poderia concordar com ele, e ele acrescentou meio brincando, aludindo a um incidente da semana anterior: "Vamos esperar que a máquina se recuse a trabalhar, para que possamos interromper o experimento e ir para casa mais cedo."

"Ao organizar o trabalho, aconteceu que F. foi atribuído à regulação da válvula de pressão, ou seja, era seu dever abrir cuidadosamente a válvula e deixar o fluido sob pressão fluir do acumulador para o cilindro da prensa

hidráulica. O líder do experimento ficou no manômetro e chamou um alto 'Pare!' quando a pressão máxima foi atingida. A este comando F. agarrou a válvula e a girou com toda sua força - para a esquerda (todas as válvulas, sem exceção, estão fechadas à direita). Isso causou uma pressão total repentina no acumulador da imprensa, e como não havia saída, o tubo de conexão estourou. Este foi um acidente muito insignificante para a máquina, mas o suficiente para nos forçar a parar nosso trabalho para o dia e ir para casa.

"É característico, além disso, que algum tempo depois, ao discutir esta ocorrência, meu amigo F. não se lembrava da observação que eu me lembro positivamente dele ter feito."

Da mesma forma, cair, dar um passo em falso, ou escorregar nem sempre precisa ser interpretado como um aborto acidental de uma ação motora. O duplo significado linguístico dessas expressões aponta para diversas fantasias ocultas, que podem se apresentar através da renúncia ao equilíbrio corporal. Naquela época eu já tinha a impressão de que essas condições tinham uma conexão diferente, que a queda já era uma preparação da neurose, Lembro-me de uma série de doenças nervosas mais leves em mulheres e meninas que apareceram depois de caírem sem ferimentos, e que foram concebidas como histeria traumática como resultado do choque da queda. e uma expressão das mesmas fantasias inconscientes de conteúdo sexual que podem ser tomadas como as forças moventes por trás dos sintomas. Não era isso que queria dizer no provérbio que diz: "Quando uma donzela cai, ela cai de costas?"

Também podemos adicionar a esses erros o caso de quem dá a um mendigo uma peça de ouro no lugar de um cobre ou uma moeda de prata. A solução de tal mau tratamento é simples: é um ato de sacrifício projetado para atenuar o destino, para evitar o mal, e assim por diante. Se ouvirmos uma mãe carinhosa ou tia expressar preocupação com a saúde de uma criança, diretamente antes de dar um passeio durante o qual ela demonstra sua caridade, ao contrário de seu hábito habitual, não podemos mais duvidar da sensação deste acidente aparentemente indesejável. Desta forma, nossos atos defeituosos tornam possível a prática de todos esses costumes piedosos e supersticiosos que devem evitar a luz da consciência, por causa dos esforços contra eles de nossa razão incrédula.

(f) Que ações acidentais são realmente intencionais não encontrarão maior credibilidade em qualquer outra esfera do que na atividade sexual, onde a fronteira entre a intenção e acidente dificilmente parece discernível. Que um movimento aparentemente desajeitado pode ser usado de uma forma mais refinada para fins sexuais, posso verificar por um bom exemplo de minha própria experiência. Na casa de um amigo conheci uma jovem visitante que me empolgou com um sentimento de carinho que eu havia acreditado extinto, colocando-me assim em um humor jovial, loquaz e complacente. Naquela época eu me esforcei para descobrir como isso aconteceu, como um ano antes dessa mesma garota não me impressionou.

Como o tio da garota, um homem muito velho, entrou no quarto, nós dois pulamos de pé para trazer uma cadeira que estava no canto. Ela era mais ágil do que eu e também mais próxima do objeto, de modo que ela foi a primeira a tomar posse da cadeira. Ela carregou com as costas para ela, segurando as duas mãos na borda do assento. Quando cheguei lá mais

tarde e não desisti da reivindicação de carregar a cadeira, de repente fiquei de costas dela, e com meus dois braços abraçando-a por trás, e por um momento minhas mãos tocaram no colo dela. Eu naturalmente resolvi a situação tão rápido quanto aconteceu. Nem ocorreu a ninguém o quão destrezamente me aproveitei desse movimento estranho.

Ocasionalmente eu tive que admitir a mim mesmo que o irritante, estranho saindo da rua, onde por alguns segundos um passo aqui e ali, mas sempre na mesma direção que a outra pessoa, até que finalmente ambos param de se enfrentar, que este "barrar o caminho" repete uma conduta mal educada, provocante de tempos anteriores e esconde propósitos eróticos sob a máscara de constrangimento. Pela minha psicanálise de neuróticos, sei que a chamada ingenuidade de jovens e crianças é muitas vezes apenas uma máscara, empregada para que o sujeito possa dizer ou fazer o indecente sem restrições.

W. Stekel relatou observações semelhantes em relação a si mesmo: "Eu entrei em uma casa e ofereci minha mão direita para a anfitriã. De uma forma notável, eu soltei o arco que segurava seu vestido de manhã solto. Eu estava consciente de nenhuma intenção desonrosa, ainda assim eu executei este movimento estranho com a agilidade de um malabarista."

(g) Os efeitos que resultam de erros de pessoas normais são, em regra, de natureza inofensiva. Só por isso seria particularmente interessante descobrir se os erros de grande importância, que poderiam ser seguidos por resultados sérios, como, por exemplo, os de médicos ou farmacêuticos, estão dentro do alcance do nosso ponto de vista.

Como raramente estou em posição de lidar com assuntos médicos ativos, só posso relatar um erro da minha própria experiência. Tratei uma mulher muito velha, que visitei duas vezes por dia por vários anos. Minhas atividades médicas foram limitadas a dois atos, que eu realizei durante minhas visitas matinais, eu derrubei algumas gotas de loção nos olhos dela e dei uma injeção hipodérmica de morfina. Eu preparava regularmente duas garrafas - uma azul, contendo a loção ocular, e uma branca, contendo a solução de morfina. Ao cumprir esses deveres, meus pensamentos estavam ocupados com outra coisa, pois haviam sido repetidos tantas vezes que a atenção agia como se fosse livre. Certa manhã notei que o autômato funcionava errado, eu tinha colocado o conta-gotas no branco em vez de na garrafa azul, e tinha caído nos olhos a morfina em vez da loção. Fiquei muito assustada, mas depois me acalmei através do reflexo de algumas gotas de 2%. A solução de morfina não faria nenhum mal, mesmo que fosse deixada no saco conjuntival. A causa do susto pertencia a outro lugar.

Eu tinha ficado impressionado com um sonho que um jovem tinha me dito na noite anterior, cujo conteúdo poderia ser explicado apenas com base em relações sexuais com sua própria mãe. Ao tentar analisar o pequeno erro, pensei na frase "apreender a velha por engano", que apontava o caminho curto para a solução. Jocasta me pareceu concordar com a suposição de que, ao estar apaixonado pela mãe, nunca lidamos com a personalidade atual, mas com sua memória jovem, herdada de nossa infância. Tais incongruências sempre se mostram onde uma fantasia flutuando entre dois períodos é tornada consciente, e então está ligada a um período definido.

No fundo de pensamentos desse tipo, cheguei ao meu paciente com mais de 90 anos, devo ter estado bem no caminho para entender o caráter

universal da fábula do dipo como a correlação do destino que o oráculo pronuncia, pois cometi um erro em referência ou sobre a velha. Aqui, novamente, o erro foi inofensivo, dos dois possíveis erros, tomar a solução de morfina para o olho, ou a loção para a injeção, escolhi o menos prejudicial. A questão ainda permanece em aberto se nos erros em lidar com coisas que podem causar sérios danos podemos assumir uma intenção inconsciente como nos casos aqui discutidos.

O seguinte caso da experiência de Brill corrobora a suposição de que mesmo erros graves são determinados por intenções inconscientes: "Um médico recebeu um telegrama informando-o que seu tio idoso estava muito doente. Apesar de importantes assuntos familiares em casa, ele imediatamente reparou para aquela cidade distante porque seu tio era realmente seu pai, que cuidava dele desde que ele tinha um ano e meio, quando seu próprio pai tinha morrido. Ao chegar lá, ele encontrou seu tio sofrendo de pneumonia, e, como o velho era um octogenário, os médicos não tinham esperança para sua recuperação. "Era simplesmente uma questão de um ou dois dias", foi o veredicto do médico local. Apesar de ser um médico proeminente em uma cidade grande, ele se recusou a cooperar no tratamento, pois descobriu que o caso foi devidamente gerenciado pelo médico local, e ele não poderia sugerir nada para melhorar as coisas.

Como a morte era esperada diariamente, ele decidiu permanecer até o fim. Ele esperou alguns dias, mas o homem doente lutou duro, e embora não houvesse nenhuma questão de recuperação, por causa das muitas novas complicações que surgiram, a morte parecia ser adiada por um tempo. Uma noite antes de se aposentar, ele foi para a enfermaria e tirou o pulso do tio. Como estava muito fraco, ele decidiu não esperar pelo médico, e

administrou uma injeção hipodérmica. O paciente piorou rapidamente e morreu em poucas horas. Havia algo estranho nos últimos sintomas, e mais tarde tentando substituir o tubo de comprimidos hipodérmicas no caso, ele descobriu para sua consternação que ele tinha tirado o tubo errado, e em vez de uma pequena dose de digitalis ele tinha dado uma grande dose de hioscina.

"Este caso foi relacionado a mim pelo médico depois que ele leu meu artigo sobre o Complexo Dipus.(49) Concordamos que este erro foi determinado não só pela sua impaciência para chegar em casa para seu filho doente, mas também por um velho ressentimento e hostilidade inconsciente para com seu tio (pai)."

Sabe-se que nos casos mais graves de psicose, às vezes encontramos automutilações como sintomas da doença. Que o conflito psíquico pode acabar em suicídio nunca pode ser excluído nestes casos. Assim, sei por experiência própria, que algum dia apoiarei com exemplos convincentes, que muitos ferimentos aparentemente acidentais que acontecem a tais pacientes são realmente auto-infligidos. Isso é causado pelo fato de que há uma tendência constantemente à autopunição, geralmente expressando-se em auto-repreensão, ou contribuindo para a formação de um sintoma, que habilmente faz uso de uma situação externa. A situação externa necessária pode acidentalmente se apresentar ou a tendência de punição pode ajudá-la até que o caminho esteja aberto para o efeito prejudicial desejado.

Tais ocorrências não são raras mesmo em casos de gravidade moderada, e eles traem a parte da intenção inconsciente através de uma série de características especiais - por exemplo, através da presença

impressionante da mente que os pacientes mostram nos acidentes fingidos.(50)

Vou relatar exaustivamente um no lugar de muitos exemplos da minha experiência profissional. Uma jovem quebrou a perna abaixo do joelho em um acidente de carruagem para que ela estivesse acamada por semanas. A parte marcante foi a falta de qualquer manifestação de dor e a calma com que ela teve seu infortúnio. Esta calamidade introduziu uma longa e grave doença neurótica, da qual ela foi finalmente curada pela psicoterapia. Durante o tratamento, descobri as circunstâncias do acidente, bem como certas impressões que o precederam. Uma noite ela deu uma exposição de um de seus talentos diante deste círculo íntimo, ela dançou artisticamente o "can Can", para o grande prazer de seus parentes, mas para o grande aborrecimento de seu marido, que depois sussurrou para ela, A jovem com seu marido ciumento passou algum tempo na fazenda de sua irmã casada, em companhia de seus numerosos outros irmãos e irmãs com suas esposas e maridos. "Outra vez você se comportou como uma prostituta." As palavras fizeram efeito, deixaremos indeciso se foi só por causa da dança. Naquela noite ela estava inquieto enquanto dormia, e na próxima, decidiu sair para dirigir. Ela escolheu os cavalos, recusando uma equipe e exigindo outra. Sua irmã mais nova queria ter seu bebê com sua enfermeira acompanhá-la, mas ela se opôs veementemente. Durante a viagem ela estava nervosa, ela lembrou ao cocheiro que os cavalos estavam ficando nervosos, e como os animais agitados realmente produziram uma dificuldade momentânea ela pulou da carruagem com medo e quebrou a perna, enquanto os restantes na carruagem foram ilesos. Embora após a divulgação desses detalhes, dificilmente possamos duvidar que este

acidente foi realmente inventado, não podemos deixar de admirar a habilidade que forçou o acidente a aplicar uma punição tão adequada ao crime. Pois como aconteceu "pode" dançar com ela tornou-se impossível por muito tempo.

Quando um membro da minha família reclama que ele ou ela mordeu a língua dele, machucou o dedo dela, e assim por diante, em vez da simpatia esperada eu coloquei a pergunta: "Por que você fez isso?" Mas eu apertei muito o meu polegar, Quanto às lesões auto-infligidas de minha própria experiência, não posso relatar nada em tempos calmos, mas em condições extraordinárias não me considero incapaz de tais atos. depois de um paciente jovem me conhecer durante o tratamento com sua intenção (naturalmente não ser levado a sério) de casar com minha filha mais velha, enquanto eu sabia que ela estava então em um hospital privado em perigo extremo de perder sua vida.

Um dos meus rapazes, cujo temperamento vivo não era capaz de colocar dificuldades na gestão de cuidar dele em sua doença, teve um ataque de raiva uma manhã porque ele foi ordenado a permanecer na cama durante a manhã, e ameaçou se matar: Uma saída sugerida pelos jornais. À noite ele me mostrou um inchaço no lado do peito que foi o resultado de bater contra a maçaneta da porta. Para minha pergunta irônica por que ele fez isso, e o que ele quis dizer com isso, a criança de onze anos explicou, "Essa foi minha tentativa de suicídio que eu ameacei esta manhã." No entanto, não acredito que minhas opiniões sobre feridas auto-infligidas eram acessíveis aos meus filhos naquela época.

Quem acredita na ocorrência de lesões autoinfligidas semi-intencionais - se esta expressão estranha for permitida - ficará preparado para aceitar através dela o fato de que, além de suicídio intencional consciente, também existe aniquilação semi-intencional - com Intenção inconsciente, que é capaz de usar uma ameaça contra a vida e mascará-la como um acidente casual. Esse mecanismo não é raro. Pois a tendência à autodestruição existe em muito mais pessoas do que naqueles que a completam. Lesões auto-infligidas são, como regra geral, um compromisso entre este impulso e as forças que trabalham contra ele, e mesmo onde realmente se trata de suicídio a inclinação existe há muito tempo com menos força ou como uma tendência inconsciente e reprimida.

Mesmo suicídio conscientemente cometido escolhe seu tempo, meios e oportunidade; É muito natural que o suicídio inconsciente espere um motivo para assumir uma parte da causa e, assim, libertá-la de sua opressão, tomando as forças defensivas da pessoa. (51) Estas não são de modo algum discussões ociosas que eu aqui trago; Mais de um caso de infortúnio aparentemente acidental (em um cavalo ou fora de uma carruagem) tornou-se conhecido para mim cujas circunstâncias circundantes justificaram a suspeita de suicídio.

Por exemplo, durante uma corrida de cavalos um dos cavaleiros caiu de seu cavalo e ficou tão gravemente ferido que alguns dias depois ele sucumbiu aos seus ferimentos. Seu comportamento após recuperar a consciência foi notável de mais de uma forma, e sua conduta anterior ao acidente foi ainda mais notável. Ele estava muito deprimido com a morte de sua amada mãe, tinha feitiços de choro na sociedade de seus companheiros, e para seu amigo de confiança tinha falado do *tædium vitæ*. Ele queria deixar o

serviço para participar de uma guerra na África que não tinha interesse por ele.(52) Anteriormente, um cavaleiro aguçado, ele tinha escapado mais tarde, sempre que possível. Finalmente, antes da corrida de cavalos, da qual ele não podia se retirar, ele expressou um triste pressentimento, que mais esperado à luz de nossa concepção se tornou realidade. Pode-se argumentar que é bastante compreensível sem qualquer outra causa que uma pessoa em tal estado de depressão nervosa não pode controlar um cavalo, bem como em dias normais. Concordo com isso, mas gostaria de procurar o mecanismo dessa inibição motora através da "nervosidade" na intenção de autodestruição aqui enfatizada.

O Dr. Ferenczi me deixou para publicar a análise de uma lesão aparentemente acidental ao atirar, que ele explicou como uma tentativa inconsciente de suicídio. Só posso concordar com sua dedução:

"J. Ad., 22 anos, carpinteiro, me visitou no dia 18 de janeiro de 1908. Ele queria saber se a bala que perfurou seu templo esquerdo 20 de março de 1907, poderia ou deveria ser removida por operação. Além de ocasionais, não muito graves, dores de cabeça, ele se sentiu muito bem, também o exame objetivo não mostrou nada além da ferida de pó característica na têmpora esquerda, de modo que eu aconselhei contra uma operação. Quando questionado sobre as circunstâncias do caso ele afirmou que se feriu acidentalmente. Ele estava brincando com o revólver do irmão, e acreditando que não estava carregado ele apertou com a mão esquerda contra a têmpora esquerda (ele não é canhoto), colocou o dedo no gatilho, e o tiro disparou. Havia três balas no revólver.

"Perguntei-lhe como veio carregar o revólver, e ele respondeu que foi na hora do recrutamento do seu exército, que ele o levou para a pousada na noite anterior porque ele temia lutas. No exame do exército, ele foi considerado incapaz de servir por causa de varizes, o que causou muita mortificação. Ele foi para casa e brincou com o revólver. Ele não tinha intenção de se machucar, mas o acidente ocorreu. Ao questionar se ele estava satisfeito com sua fortuna, ele respondeu com um suspiro, e relatou um caso de amor com uma garota que o amava em troca, mas mesmo assim o deixou. Ela emigrou para a América por pura avareza. Ele queria segui-la, mas seus pais o impediram. Sua amada partiu em 20 de janeiro de 1907, apenas dois meses antes do acidente.

Apesar de todos esses elementos suspeitos o paciente insistiu que o tiro foi um acidente. Eu estava firmemente convencido, no entanto, que a negligência em descobrir se o revólver estava carregado antes de ele começar a brincar com ele, bem como a lesão auto-infligida, foram psicologicamente determinados. Ele ainda estava sob os efeitos deprimentes do infeliz caso de amor, e aparentemente queria "esquecer tudo" no exército. Quando esta esperança, também, foi tirada dele ele recorreu a brincar com a arma - isto é, a uma tentativa inconsciente de suicídio. O fato de que ele não segurou o revólver na direita, mas na mão esquerda fala conclusivamente a favor do fato de que ele era realmente apenas 'brincando' - isto é, ele não queria conscientemente cometer suicídio."

Outra análise de uma ferida aparentemente acidental auto-infligida, detalhada para mim por um observador, lembra o ditado: "Aquele que cava um poço para os outros cai em si mesmo."(53)

"A Sra. X, pertencente a uma boa família de classe média, é casada e tem três filhos. Ela está um pouco nervosa, mas nunca precisou de qualquer tratamento extenuante, já que poderia adaptar-se suficientemente à vida. Um dia, ela sofreu uma desfiguração, embora transitória, do seu rosto da seguinte forma: Ela tropeçou em uma rua que estava em processo de reparo e bateu seu rosto contra a parede da casa. Depois que ela se acalmou, perguntei: 'Mas por que você caiu de tal maneira?' Ela respondeu que pouco antes deste acidente ela avisou seu marido, que sofria por alguns meses de uma afeição conjunta, para ter muito cuidado na rua, Todo o rosto estava machucado, as pálpebras azuis e oedematosas, e como ela temia que algo acontecesse com seus olhos ela mandou chamar o médico. e ela muitas vezes teve a experiência de que de alguma forma notável essas coisas lhe ocorreram contra a qual ela advertiu os outros.

"Não fiquei satisfeito com isso como a determinação de seu acidente, e perguntei se ela não tinha mais nada para me dizer. "Sim, pouco antes do acidente ela notou uma bela foto em uma loja do outro lado da rua, que ela de repente desejou como um ornamento para seu berçário, e quis comprá-lo imediatamente. Então ela atravessou a loja sem olhar para a rua, tropeçou em um monte de pedras, e caiu com o rosto contra a parede sem fazer o menor esforço para se proteger com as mãos. A intenção de comprar o filme foi imediatamente esquecida, e ela voltou para casa apressada.

Mas por que você não foi mais cuidadoso? Eu perguntei.

"Oh!" ela respondeu, "talvez tenha sido apenas um castigo para aquele episódio que eu lhe confiei!"

"Este episódio ainda te incomoda?"

"Sim, mais tarde eu me arrependi muito, me considerei perverso, criminoso e imoral, mas na época eu estava quase louco de nervosismo."

"Ela se referiu a um aborto que foi iniciado por um charlatão e teve que ser concluído por um ginecologista. Este aborto foi iniciado com o consentimento de seu marido, como ambos desejavam, por causa de suas circunstâncias pecuniárias, ser poupado de ser adicionalmente abençoado com crianças.

Ela disse: "Muitas vezes eu me censurava com as palavras: "Você realmente matou seu filho", e temia que tal crime não pudesse permanecer impune. Agora que você me garantiu que não há nada de errado com meus olhos, estou completamente certo de que já fui suficientemente punido.

No momento em que ela correu para a loja para comprar o quadro a memória de toda esta história, com seus medos (já bastante ativo em seu inconsciente na época em que ela avisou seu marido), tornou-se esmagadora e talvez poderia encontrar expressão em palavras como estas: "Este acidente, portanto, foi, por um lado, uma retribuição por seu pecado, mas, por outro lado, pode ter servido como uma fuga de uma punição mais terrível que ela temia por muitos meses. Mas por que você quer um ornamento para o berçário? - você que mandou matar seu filho! Você é um assassino! O grande castigo certamente está se aproximando!

"Este pensamento não se tornou consciente, mas em vez disso ela fez uso da situação - posso dizer do momento psicológico - para utilizar de forma comum o monte de pedras para infligir a si mesma este castigo. Foi por

essa razão que ela nem tentou estender os braços enquanto caía e não estava muito assustada. O segundo, e provavelmente menor, determinante do acidente foi obviamente a auto punição para seu desejo inconsciente de se livrar do marido, que foi cúmplice do crime neste caso. Isso foi traído por seu aviso absolutamente supérfluo para ter muito cuidado na rua por causa das pedras. Porque, só porque seu marido tinha uma perna fraca, ele era muito cuidadoso em andar."

Se tal raiva contra a própria integridade e a própria vida pode ser escondida por trás de aparente constrangimento acidental e insuficiência motora, então não é um grande passo em frente para entender a possibilidade de transferir a mesma concepção para erros que põem seriamente em risco a vida e a saúde dos outros. O que posso apresentar como evidência para a validade desta concepção foi tirado da minha experiência com neuróticos, e, portanto, não atende totalmente as exigências desta situação. Vou relatar um caso em que não foi uma ação erradamente executada, mas o que pode ser mais apropriadamente chamado de uma ação simbólica ou casual que me deu a pista que mais tarde tornou possível a solução do conflito do paciente.

Uma vez me comprometi a melhorar as relações matrimoniais de um homem muito inteligente, cujas diferenças com sua terna esposa jovem poderia certamente ser atribuída a causas reais, mas como ele mesmo admitiu não poderia ser completamente explicado através deles. Ele se ocupava continuamente com o pensamento de uma separação, que ele repetidamente rejeitou porque amava muito seus dois filhos pequenos. Apesar disso, ele sempre voltava àquela resolução e não procurava meios para tornar a situação suportável para si mesmo. Tal inquietação de um

conflito serviu para me provar que havia motivos inconscientes e reprimidos que forçavam os pensamentos conscientes conflitantes, e nesses casos eu sempre me comprometo a acabar com o conflito por análise psíquica. Um dia o homem me contou uma pequena ocorrência que o assustou extremamente. Ele estava se divertindo com a criança mais velha, de longe seu favorito. Ele jogou-o alto no ar e repetiu este lançamento até que finalmente ele o empurrou tão alto que sua cabeça quase atingiu o enorme lustre de gás. Quase, mas não exatamente, ou dizer "quase!" Nada aconteceu com a criança, exceto que ficou tonto de medo. O pai ficou transfixado com a criança em seus braços, enquanto a mãe se fundiu em um ataque histérico. A facilidade particular deste movimento descuidado, com a reação violenta nos pais, sugeriu-me olhar para este acidente como uma ação simbólica que deu expressão a uma má intenção para com a criança amada.

Então foi fácil supor que este homem, tão pouco satisfeito com sua esposa naquele momento, poderia ter pensado: "Se este pequeno ser por quem eu não tenho nenhuma consideração que deve morrer, Eu poderia remover a contradição da verdadeira ternura deste pai para seu filho, referindo o impulso de feri-lo para o momento em que era o único, e tão pequeno que, ainda assim, o pai não tinha oportunidade para tern interesse nele. Eu estaria livre e poderia me separar da minha esposa." O desejo pela morte deste ser amado deve ter continuado inconscientemente. Daqui foi fácil encontrar o caminho para a fixação inconsciente deste desejo.

Havia, de fato, um poderoso determinante em uma memória da infância do paciente: referia-se à morte de um irmãozinho, que a mãe colocou à negligência de seu pai, e que levou a sérias brigas com ameaças de

separação entre os pais. O curso contínuo da vida do meu paciente, bem como o sucesso terapêutico confirmaram minha análise.

10. Ações sintomáticas e casuais

Capítulo IX da edição inglesa autorizada de A. A. Brill, 1914

As ações descritas até agora, nas quais reconhecemos a execução de uma intenção inconsciente, apareceram como perturbações de outras ações não intencionadas, e se esconderam sob o pretexto de constrangimento. Ações de acaso, que agora vamos discutir, diferem de ações errôneas realizadas apenas porque eles desprezam o apoio de uma intenção consciente e realmente não precisam de pretexto. Eles parecem independentes e são aceitos porque não se lhes dá crédito com nenhum objetivo ou propósito. Nós os executamos "sem pensar em nada deles", "por mero acaso", "só para manter as mãos ocupadas", e nos sentimos confiantes de que tal informação será suficiente se alguém perguntar sobre seu significado. A fim de desfrutar da vantagem desta posição excepcional estas ações que não afirmam mais constrangimento como uma desculpa devem preencher certas condições: não devem ser impressionantes, e seus efeitos devem ser insignificantes.

Recolhi um grande número de tais "ações de chance" de mim e dos outros, e depois de investigar completamente os exemplos individuais, acredito que o nome "ações sintomáticas" é mais adequado. Eles dão expressão a algo que o próprio ator não suspeita neles, e que, como regra geral, ele não tem intenção de transmitir aos outros, mas visa manter para si mesmo. Como os outros fenômenos considerados até agora, eles fazem parte dos sintomas.

A saída mais rica de tal chance ou ações sintomáticas é, acima de tudo, obtida no tratamento psicanalítico de neuróticos. Não posso negar a mim

mesmo o prazer de mostrar por dois exemplos desta natureza quão longe e quão delicadamente a determinação dessas ocorrências são influenciadas por pensamentos inconscientes. A linha de demarcação entre as ações sintomáticas e as ações erroneamente realizadas é tão indefinida que eu poderia ter eliminado esses exemplos no capítulo anterior.

(a) Durante a análise uma jovem mulher reproduziu esta idéia que de repente lhe ocorreu. Ontem, enquanto cortava as unhas, ela cortou a carne enquanto aparava a cutícula. Isso é de tão pouco interesse que perguntamos por que é lembrado e mencionado, e por isso chegamos à conclusão de que lidamos com uma ação sintomática. Foi realmente o dedo sobre o qual o anel de casamento é usado que foi ferido por este leve constrangimento. Aconteceu, além disso, no dia do casamento dela, que assim dá à lesão da pele delicada um significado muito definido e facilmente adivinhado. Ao mesmo tempo, ela também relatou um sonho que aludia ao constrangimento de seu marido e sua anestesia como mulher. Mas por que ela feriu o dedo anelar da mão esquerda quando o anel de casamento está usado à direita? Seu marido é um jurista, um "Doctor of Laws" (Doktor der Rechte, literalmente um Doutor de Direitos), e seu afeto secreto como uma menina pertencia a um médico que era chamado de Doktor der Linke (literalmente Doutor de Esquerda). Aliás, um casamento canhoto tem um significado definitivo.

(b) Uma jovem solteira relata: "Ontem, sem querer, rasguei uma nota de cem dólares em dois pedaços e dei metade para uma mulher que estava me visitando. Isso também é uma ação sintomática?" Depois de uma investigação mais aprofundada, a questão da nota de cem dólares suscitou as seguintes associações: Ela dedicou uma parte de seu tempo e sua

fortuna ao trabalho de caridade. Junto com outra mulher ela estava cuidando da criação de um órfão. Os cem dólares foram a contribuição enviada por aquela mulher, que ela envolveu em um envelope e depositou provisoriamente em seu escritório.

O visitante era uma mulher proeminente com quem ela estava associada em outro ato de caridade. Esta mulher queria anotar os nomes de uma série de pessoas a quem poderia pedir ajuda caritativa. Não havia papel, então minha paciente pegou o envelope da mesa dela, e sem pensar no seu conteúdo rasgou-o em duas partes, uma das quais ela guardou, para ter uma lista duplicada de nomes, e deu a outra para seu visitante.

Observe a inofensão desta ocorrência sem rumo. Sabe-se que uma nota de cem dólares não sofre perda de valor quando é rasgada, desde que todas as peças sejam produzidas. Que a mulher não jogaria fora o pedaço de papel era assumido pela importância dos nomes nele, e havia tão pouca dúvida de que ela devolveria o conteúdo valioso assim que percebesse.

Mas a que pensamento inconsciente deveria essa ação casual, que foi possível através do esquecimento, dar expressão? O visitante neste caso tinha uma relação muito definida com meu paciente e comigo. Foi ela que me recomendou como médica para a garota que sofre, e se não estou enganado, minha paciente se considerou em dívida com esse conselho. Esta nota de cem dólares talvez represente uma taxa pela mediação dela? Isso continuou enigmático.

Vários dias antes de uma mulher mediadora de um tipo diferente tinha perguntado a um parente se a graciosa jovem senhora queria fazer o conhecimento de um certo cavalheiro, e naquela manhã, algumas horas

antes da visita da mulher, a carta de cortejo do pretendente chegou, Mas outro material foi adicionado a este começo. dando ocasião para muita alegria. Quando, portanto, o visitante abriu a conversa com perguntas sobre a saúde do meu paciente, o último poderia muito bem ter pensado: "Você certamente me encontrou o médico certo, Mas se você pudesse me ajudar a obter o marido certo (e um filho) eu deveria ser ainda mais grato."

Ambos os mediadores se fundiram em um neste pensamento reprimido, e ela entregou ao visitante a taxa que sua fantasia estava pronta para dar ao outro. Esta resolução tornou-se perfeitamente convincente quando eu acrescentar que eu tinha dito a ela de tal chance ou ações sintomáticas apenas na noite anterior. Ela então aproveitou a próxima ocasião para produzir uma ação análoga.

Podemos realizar um agrupamento dessas chances extremamente frequentes e ações sintomáticas de acordo com sua ocorrência como habitual, regular sob certas circunstâncias, e como isoladas. O primeiro grupo (como brincar com a corrente de relógio, dedilhando a barba, e assim por diante), que pode quase servir como uma característica da pessoa em causa, está relacionado com os numerosos movimentos de tiques, e certamente merece ser tratado em conexão com o último. No segundo grupo eu coloco o jogo com a bengala, o rabiscar com o lápis, o jingling de moedas no bolso, massa amassando e outros materiais plásticos, todo tipo de manipulação de uma roupa, e muitas outras ações da mesma ordem.

Estas ocupações lúdicas durante o tratamento psíquico regularmente escondem sentido e significado ao qual outra expressão é negada.

Geralmente, a pessoa em questão não sabe nada sobre isso, ele não sabe se ele está fazendo a mesma coisa ou se ele tem imitado certas modificações em seu habitual tocar, e ele também não vê ou ouve os efeitos dessas ações. Por exemplo, ele não ouve o barulho que é produzido pelo jingling de moedas, e ele fica surpreso e incrédulo quando sua atenção é chamada para ele. De igual significado para o médico, e digno de sua observação, é tudo o que se faz com sua roupa muitas vezes sem perceber. Cada mudança no traje habitual, cada pequena negligência, como um botão desapertado, cada traço de exposição significa expressar algo que o usuário do vestuário não quer dizer diretamente, geralmente ele está completamente inconsciente dele.

A interpretação dessas ações insignificantes, bem como a prova de sua interpretação, pode ser demonstrada toda vez com certeza suficiente das circunstâncias circundantes durante o tratamento, dos temas em discussão, e das idéias que vêm à tona quando a atenção é direcionada para o aparente acidente. Por causa dessa conexão, não apoiarei minhas afirmações relatando exemplos com suas análises, mas menciono esses assuntos porque acredito que eles têm o mesmo significado em pessoas normais como em meus pacientes.

Não posso, no entanto, me abster de mostrar pelo menos um exemplo de como uma ação simbólica normalmente realizada pode estar ligada à parte mais íntima e importante da vida de um indivíduo normal.(54)

"Como o Professor Freud nos ensinou, o simbolismo na vida infantil do normal desempenha um papel maior do que se esperava de experiências psicanalíticas anteriores. Em vista disso, a seguinte breve análise pode ser

de interesse geral, especialmente por causa de seus aspectos médicos.

"Um médico reorganizando sua mobília em uma nova casa encontrou um estetoscópio de madeira, e, depois de parar para decidir onde ele deveria colocá-la, foi impelido a colocá-lo ao lado de sua escrita-desk em tal posição que estava exatamente entre sua cadeira e o reservado para seus pacientes. O ato em si foi certamente estranho, pois em primeiro lugar o estetoscópio reto não serviu para nada, pois ele invariavelmente usou um binaural, e em segundo lugar todos os seus aparelhos médicos e instrumentos foram sempre mantidos em gavetas, com a única exceção deste. No entanto, ele não pensou no assunto até que um dia ele foi avisado por um paciente que nunca tinha visto um estetoscópio de madeira, perguntando-lhe o que era. Ao ser informada, ela perguntou por que ele a mantinha lá. Ele respondeu de uma forma descartada que aquele lugar era tão bom quanto qualquer outro. Isso, no entanto, o fez pensar, e ele se perguntou se havia um motivo inconsciente em sua ação. Interessado no método psicanalítico, ele me pediu para investigar o assunto.

"A primeira lembrança que lhe ocorreu foi o fato de que quando um estudante de medicina tinha sido atingido pelo hábito que seu interno do hospital tinha de sempre carregar em sua mão um estetoscópio de madeira em suas visitas de enfermaria, embora ele nunca o usasse. Ele admirava muito este interno, e era muito ligado a ele. Mais tarde, quando ele mesmo se tornou interno ele contraiu o mesmo hábito, e se sentiria muito desconfortável se por engano ele saísse da sala sem ter o instrumento para balançar em sua mão. A falta de rumo do hábito foi demonstrada, não só pelo fato de que o único estetoscópio que ele usou foi um binaural, que ele carregava em seu bolso, mas também porque continuou quando ele era um

interno cirúrgico e nunca precisou de nenhum estetoscópio.

"A partir disso ficou evidente que a ideia do instrumento em questão tinha de alguma forma ou outro se investido com um significado psíquico maior do que normalmente pertence a ele - em outras palavras, que para o sujeito ele representava mais do que para outras pessoas. A ideia deve ter se associado inconscientemente a outra, que simbolizava, e da qual derivava sua plenitude adicional de significado. O desconforto que ele sentiu no hospital por perder o instrumento, e o alívio e a garantia da presença dele, estava relacionado com o que é conhecido como um 'complexo de castração', ou seja, um medo de infância, muitas vezes continuado em uma forma disfarçada na vida adulta, Eu evitarei o resto da análise dizendo o que esta idéia secundária era - ou seja, uma fállica; a forma como esta curiosa associação tinha sido formada será atualmente relacionada. para que uma parte privada de seu corpo não seja tirada dele, assim como muitas vezes eram os brinquedos. O medo era devido a ameaças paternas que seria cortado se ele não fosse um bom menino, particularmente em uma certa direção. Este é um complexo muito comum, e explica uma grande quantidade de nervosismo geral e falta de confiança em anos posteriores.

Ele tinha sido fortemente ligado a este médico quando criança, e durante a análise memórias há muito enterradas foram recuperadas de uma fantasia dupla que ele teve em seu quarto ano sobre o nascimento de uma irmã mais nova - ou seja, que ela era a criança (1) de si mesmo e sua mãe, O pai sendo rebaixado ao fundo, e (2) do médico e de si mesmo; nisto ele fez uma parte tanto masculina quanto feminina. (55) Na época, quando sua curiosidade estava sendo despertada pelo evento, "Então veio uma série de

memórias de infância relacionadas com seu médico de família. Ele não pôde deixar de notar a parte proeminente tomada pelo médico no processo, e a posição subordinada ocupada pelo pai: o significado disso para sua vida posterior será apontado atualmente.

Em primeiro lugar, a aparência física do instrumento - um tubo reto, rígido, oco, tendo uma pequena cúpula bulbosa em uma extremidade e uma larga base na outra - e o fato de ser a parte essencial da parafernália médica, "A associação estetoscópio foi formada através de muitas conexões. o instrumento com o qual o médico realizou seus feitos mágicos e interessantes, eram assuntos que atraíam sua atenção infantil. Ele tinha sido atingido pelo hábito do médico de carregar seu estetoscópio dentro de seu chapéu, ele achou interessante que o médico deve carregar seu instrumento principal escondido sobre sua pessoa, sempre útil quando ele foi ver pacientes, e que ele só tinha que tirar seu chapéu (ou seja, Ele teve seu peito examinado repetidamente pelo médico aos seis anos de idade, e distintamente se lembrou da sensação voluptuosa de sentir a cabeça do último perto dele pressionando o estetoscópio de madeira em seu peito, e do movimento respiratório rítmico e afro. uma parte de sua roupa) e 'puxá-lo para fora.' Aos oito anos, ficou impressionado ao ser informado por um garoto mais velho que era costume do médico ir para a cama com suas pacientes. É certo que o médico, que era jovem e bonito, era extremamente popular entre as mulheres do bairro, incluindo a própria mãe do sujeito. O médico e seu 'instrumento' eram, portanto, objetos de grande interesse durante toda sua infância.

"É provável que, como em muitos outros casos, identificação inconsciente com o médico da família tinha sido um motivo principal para determinar a

escolha do sujeito da profissão. Foi aqui duplamente condicionado (1) pela superioridade do médico em certas ocasiões interessantes para o pai, de quem o assunto era muito ciumento, e (2) pelo conhecimento do médico sobre tópicos proibidos (56) e sua oportunidade de indulgência ilícita. O sujeito admitiu que em várias ocasiões ele tinha experimentado tentações eróticas em relação às suas mulheres pacientes, ele tinha se apaixonado duas vezes por uma, e finalmente tinha casado uma.

"A próxima lembrança era de um sonho, claramente de natureza homossexual-masoquista; nele, um homem, que provou ser uma figura substituta do médico da família, atacou o sujeito com uma espada. A idéia de uma espada, como é tão frequente nos sonhos, representava a mesma idéia que foi mencionada acima para ser associada com a de um estetoscópio de madeira. O pensamento de uma espada lembrou o assunto da passagem em Nibelung Saga, onde Sigurd dorme com sua espada nua (Gram) entre ele e Brunhilda, um incidente que sempre atingiu sua imaginação.

O ato foi uma formação de compromisso, que serviu tanto para satisfazer em sua imaginação o desejo reprimido de entrar em relações mais próximas com um paciente atraente (interposição de falo), "O significado do ato sintomático finalmente ficou claro. O sujeito tinha colocado seu estetoscópio de madeira entre ele e seus pacientes, assim como Sigurd tinha colocado sua espada (um símbolo equivalente) entre ele e a donzela que ele não deveria tocar. e ao mesmo tempo para lembrá-lo que este desejo não era se tornar uma realidade (interposição de espada). Era, por assim dizer, um encanto contra ceder à tentação.

"Acrescento que a seguinte passagem de Richelieu de Lord Lytton causou uma grande impressão no menino:

Sob o domínio dos homens, a caneta é mais poderosa que a espada.

e que ele se tornou um escritor prolífico e usa uma enorme fonte de água. Quando perguntei o que ele precisava desta caneta, ele respondeu de uma forma característica: 'Tenho tanto a expressar.'

"Esta análise lembra-nos novamente as profundas visões que nos são oferecidas na vida psíquica através das ações 'inofensivas' e 'sem sentido', e quão cedo na vida a tendência à simbolização se desenvolve."

Também posso relatar uma experiência da minha prática psicoterapêutica em que a mão, brincando com uma massa de migalhas de pão, deu evidência de uma declaração eloquente. Meu paciente era um menino com menos de 13 anos, que estava muito histérico há dois anos. Finalmente o levei para tratamento psicanalítico, depois de uma longa estadia em uma instituição hidroterapêutica ter sido inútil. Minha suposição era que ele deve ter tido experiências sexuais, e que, correspondente à idade dele, ele tinha sido incomodado por questões sexuais, mas eu fui cauteloso em ajudá-lo com explicações como eu queria testar ainda mais minha suposição. Fiquei, portanto, curioso quanto à maneira como o material desejado se evidenciaria nele.

Um dia me ocorreu que ele estava enrolando algo entre os dedos de sua mão direita, ele iria colocá-lo em seu bolso e lá continuar brincando com ele, em seguida, iria tirá-lo novamente, e assim por diante. Eu não perguntei o que ele tinha na mão, mas quando ele abriu de repente sua

mão ele me mostrou. Eram migalhas de pão amassadas em massa. Na próxima sessão, ele trouxe novamente uma missa, e durante nossa conversa, embora seus olhos estivessem fechados, modelou uma figura com uma incrível rapidez que despertou meu interesse. Sem dúvida foi um manequim como os ídolos pré-históricos mais grosseiros, com uma cabeça, dois braços, duas pernas, e um apêndice entre as pernas que ele desenhou para um longo ponto.

Isso mal foi concluído quando ele amassado o manequim novamente: mais tarde ele permitiu que permanecesse, mas modelou um apêndice idêntico no plano das costas e em outras partes, a fim de velar o significado do primeiro. Eu queria mostrar a ele que eu o entendia, mas ao mesmo tempo eu queria privá-lo da evasão que ele não tinha pensado em nada enquanto formava ativamente esses números. Com essa intenção, de repente perguntei se ele se lembrava da história do rei romano que deu ao enviado de seu filho uma resposta pantomímica em seu jardim.

O garoto não queria lembrar o que deve ter aprendido muito mais recentemente do que eu. Ele perguntou se essa era a história do escravo em cujo crânio careca a resposta foi escrita. Eu disse a ele, "Não, isso pertencia à história grega", e disse o seguinte: "O rei Tarquinius Superbus induziu seu filho Sexto a roubar em uma cidade latina. O filho, que mais tarde obteve uma posição na cidade, enviou um mensageiro para o rei perguntando que passos ele deve dar a seguir. O rei não deu resposta, mas entrou em seu jardim, teve a pergunta repetida lá, e silenciosamente arrancou as cabeças das maiores e mais belas papoulas. Tudo o que o mensageiro podia fazer era relatar isso a Sextus, que entendia seu pai, e fez com que os cidadãos mais distintos da cidade fossem removidos por

assassinato."

Enquanto eu falava, o menino parou de amassar, e enquanto eu estava relatando o que o rei fazia em seu jardim, notei que nas palavras "silenciosamente golpeou" ele arrancou a cabeça do manequim com um movimento tão rápido quanto um raio. Ele, portanto, me entendeu, e mostrou que também foi entendido por mim. Agora eu poderia interrogá-lo diretamente, e dar-lhe a informação que ele desejava, e em pouco tempo a neurose chegou ao fim.

As ações sintomáticas que observamos em abundância inesgotável em pessoas saudáveis e nervosas são dignas de nosso interesse por mais de uma razão. Para o médico, muitas vezes servem como indicações valiosas para orientar-se em novas ou desconhecidas condições; para o observador atento, muitas vezes, traem tudo, ocasionalmente até mais do que ele se importa em saber. Aquele que conhece sua aplicação às vezes se sente como o Rei Salomão, que, de acordo com a lenda oriental, entendia a linguagem dos animais.

Um dia eu deveria examinar um jovem estranho na casa de sua mãe. Quando ele veio em minha direção, fiquei atraído por uma grande mancha em suas calças, que por suas bordas rígidas peculiares eu reconheci como uma produzida por Albumen. Depois de um momento de constrangimento, o jovem desculpou esta mancha, observando que estava rouco e, portanto, bebeu um ovo cru, e que algumas das claras escorregadias do ovo provavelmente caíram em suas roupas. O local suspeito foi assim explicado desta forma inofensiva, mas como sua mãe nos deixou em paz, eu lhe agradei por ter facilitado muito o diagnóstico para mim, Para confirmar

suas declarações ele mostrou a casca de ovo que ainda podia ser vista em um pequeno prato na sala. E sem mais procedimentos, tomei como tópico de nossa discussão sua confissão de que ele estava sofrendo dos efeitos da masturbação.

Outra vez eu chamei uma mulher tão rica quanto ela era mesquinha e tola, que tinha o hábito de dar ao médico a tarefa de trabalhar em seu caminho através de um monte de suas queixas antes que ele pudesse alcançar a causa simples de sua condição. Ajudei-a a pegá-las, mas interrompi a recitação de sua miséria, comentando: "Seu bom genro tem gasto tanto de seu dinheiro novamente?" Ela negou amargamente isso. Quando entrei, ela estava sentada em uma pequena mesa, envolvida em organizar dólares de prata em pequenas pilhas: quando ela se levantou, ela caiu algumas das moedas para o chão. Apenas para relatar alguns momentos depois a lamentável história do agravamento causado pelas extravagâncias de seu genro. E ela não me chamou desde então. Não posso afirmar que sempre se faz amigos daqueles a quem ele diz o significado de suas ações sintomáticas.

Aquele que observar seus companheiros enquanto está na mesa poderá verificar neles as ações sintomáticas mais agradáveis e instrutivas.

Dr. Hans Sachs relata o seguinte:

"Eu estava presente quando um casal de idosos, relacionado a mim, participou do jantar. A senhora teve problemas de estômago e foi forçada a seguir uma dieta rigorosa. Um assado foi colocado diante do marido, e ele pediu a sua esposa, que não tinha permissão para tomar esta comida, para lhe dar a mostarda. A esposa abriu o armário e pegou a pequena garrafa de

gotas de estômago, e colocou na mesa antes do marido. Entre a taça de mostarda em forma de barril e a pequena garrafa de gota não havia naturalmente nenhuma semelhança através da qual o tratamento errado poderia ser explicado, mas a esposa só notou o erro depois que seu marido ridicularizou chamou sua atenção para ele. O sentido desta ação sintomática não precisa de explicação."

Para um excelente exemplo deste tipo que foi muito habilmente utilizado pelo observador, estou em dívida com o Dr. Bernh. Dattner:

"Jantei em um restaurante com meu colega H., um médico de filosofia. Ele falou sobre a injustiça feita aos estudantes de estágio, e acrescentou que mesmo antes de terminar seus estudos ele foi colocado como secretário do embaixador, ou melhor, o extraordinário ministro plenipotenciário de Chili. Eu imediatamente entendi o sentido oculto desta ação sintomática, e observei para meu colega, que não estava familiarizado com a psicanálise, 'Você realmente permitiu que um pedaço de escolha escapasse de você.' Ele não percebeu, no entanto, que minhas palavras poderiam igualmente se referir a sua ação sintomática, e ele repetiu as mesmas palavras que eu proferi com uma peculiarmente agradável e surpreendente vívida, como se eu realmente tivesse tirado as palavras de sua boca: "Mas", acrescentou, "o ministro foi transferido depois, e eu não fiz nenhum esforço para atender o recém-nomeado." Ao proferir a última frase, ele estava levantando um pedaço de torta para a boca, mas ele deixou cair como se fosse por constrangimento. Foi realmente um bocado de escolha que eu permiti para fugir de mim. Ele então seguiu esta observação com uma descrição detalhada de sua desastrada, que lhe custou esta posição muito remunerada.

"O sentido dessa ação simbólica torna-se mais claro se lembrarmos que meu colega tinha escrúpulos sobre me dizer, quase um estranho perfeito, sobre sua precária situação material, E seu pensamento reprimido assumiu a máscara da ação sintomática que expressava simbolicamente o que era para ser escondido, e o orador assim ficou aliviado de seu inconsciente."

Que tirar ou levar coisas sem qualquer intenção aparente pode ser revelado pelos seguintes exemplos.

I. Dr. B. Dattner relata: "Um conhecido fez a primeira visita pós-casamento a uma amiga muito conceituada de sua juventude. Ele me contou sobre essa visita e expressou sua surpresa pelo fato de que ele falhou em sua resolução de visitá-la apenas por um curto período de tempo, e então relatou-me um estranho ato defeituoso que aconteceu com ele lá.

"O marido desse amigo, que participou da conversa, estava procurando uma caixa de fósforos que ele tinha certeza que estava na mesa quando chegou lá. Meu conhecido, também, olhou através de seus bolsos para verificar se ele não tinha colocado em seu bolso, mas sem sucesso. Algum tempo depois, ele realmente achou no bolso, e ficou impressionado com o fato de que havia apenas um fósforo na caixa.

"Um sonho alguns dias depois mostrando o simbolismo da caixa em referência ao amigo de sua juventude confirmou minha explicação. Com a ação sintomática que meu conhecido quis anunciar sua prioridade e a exclusividade de sua posse (continha apenas um jogo)."

Dr. Hans Sachs relata o seguinte: "Nosso cozinheiro gosta muito de um certo tipo de torta. Não há dúvida sobre isso, pois é o único tipo de massa

que ela sempre prepara bem. Primeiro pensamos que ela tinha algo para melhorar na torta, mas como ela não apareceu minha esposa tocou o sino e perguntou, 'Betty, o que aconteceu com a torta?' para que a menina respondeu, sem compreender a pergunta, Um domingo ela trouxe esta torta para a mesa, tirou-a da torta, e passou a remover os pratos usados no primeiro prato, mas no topo desta pilha ela colocou a torta, e desapareceu com ela na cozinha. Como assim? Tivemos que chamá-la a atenção para o fato de que ela levou a torta de volta para a cozinha. Ela tinha colocado na pilha de pratos, tirou, e colocou fora 'sem notar.'

"No dia seguinte, quando estávamos prestes a consumir o resto da torta, minha esposa notou que havia tanto dela quanto nós tínhamos deixado no dia anterior - isto é, a menina tinha desprezado comer a porção de seu prato favorito que era justamente dela. Questionou por que ela não comeu a torta, ela respondeu, um pouco envergonhada, que ela não se importava com ela.

"A atitude infantil é distintamente perceptível em ambas as ocasiões - primeiro a insaciável infantilidade em se recusar a compartilhar com qualquer um o objeto de seus desejos, em seguida, a reação de despeito que é tão infantil: 'Se você ressentir-se de mim, guarde-o para si mesmo, I want nothing of it.'"

Possibilidades ou ações sintomáticas que ocorrem em assuntos da vida conjugal têm muitas vezes um significado muito sério, e podem levar aqueles que não se preocupam com a psicologia do inconsciente a uma crença em presságios. Não é um começo auspicioso se uma jovem perder seu anel de casamento em seu tour de casamento, mesmo que fosse apenas

perdido e logo encontrado.

Conheço uma mulher, agora divorciada, que na gestão de seus negócios frequentemente assinou seu nome de solteira muitos anos antes de ela realmente retomá-lo.

Uma vez eu fui convidado de um casal recém-casado e ouvi a jovem rindo relatar sua última experiência, como, no dia em que sucedeu seu retorno da turnê de casamento, ela procurou sua irmã solteira para ir às compras com ela como em tempos antigos, enquanto o marido dela estava nos negócios. De repente ela notou um homem do outro lado da rua, cutucando sua irmã, ela disse: "Por quê, certamente é o Sr. L." Ela esqueceu que por algumas semanas este homem tinha sido seu marido. Fiquei resfriada com essa história, mas não ousei fazer inferências. A pequena história voltou para mim apenas alguns anos depois, depois que este casamento tinha terminado muito infeliz.

A seguinte observação, que poderia ter encontrado um lugar entre os exemplos de esquecimento, foi tirada de um trabalho notável publicado em francês por A. Maeder.(58)

"Une dame nous racontait récemment qu'elle avait oublié d'essayer sa robe de noce et s'en souvint la veille du mariage, à huit heures du soir, la couturière désespérait de voir sa cliente. Ce détail suffit à montrer que la noiva ne se sentait pas très heureuse de porter une robe d'épouse, elle cherchait à oublier cette représentation pénible. Elle est aujourd'hui... divorciada."

Uma amiga que aprendeu a observar sinais relacionados a mim que a grande atriz Eleanora Duse introduz uma ação sintomática em um de seus papéis que mostra muito bem a partir de que profundidade ela desenha sua atuação. É um drama lidando com adultério, ela acaba de discutir com o marido e agora está soliloquizando antes do sedutor aparecer. Durante este curto intervalo ela brinca com seu anel de casamento, ela puxa-lo, substitui-lo, e finalmente tirá-lo novamente. Ela agora está pronta para a outra.

Eu sei de um homem idoso que se casou com uma jovem, e em vez de começar de uma vez em sua turnê de casamento ele decidiu passar a noite em um hotel. Mal chegaram ao hotel, quando notou com medo que estava sem carteira, no qual tinha toda a soma para a turnê do casamento, deve ter perdido ou perdido. Ele ainda era capaz de chegar ao seu servo por telefone, o último encontrou o artigo perdido no casaco descartado para as roupas de viagem e trouxe-o para o hotel para o noivo esperando, que tinha assim entrado em seu casamento sem meios.

É consolador pensar que a "perda de objetos" pelas pessoas é apenas uma extensão insuspeita de uma ação sintomática, e assim é bem-vinda pelo menos à intenção secreta do perdedor. A perda de artigos valiosos serve como uma expressão de sentimentos diversos, que podem representar simbolicamente um pensamento reprimido - isto é, pode trazer de volta uma memória que se prefere não ouvir - ou pode representar um sacrifício para as forças obscuras do destino, Muitas vezes é apenas uma expressão de leve apreciação do artigo perdido, um desgosto secreto para o mesmo, ou talvez para a pessoa de quem veio, ou o desejo de perder este objeto foi transferido para ele de outros e mais importantes objetos através de

associação simbólica. O culto ainda não está completamente extinto, mesmo conosco.

Os seguintes exemplos ilustrarão estas declarações sobre a perda de objetos:

A análise suscitou os seguintes fatos: Um dia antes de receber uma carta muito desagradável de seu cunhado, cuja sentença final dizia: "No momento não tenho nem o desejo nem o tempo para ajudá-lo em seu descuido e preguiça." O efeito Dr. B. Dattner afirma: "Um colega me disse que perdeu seu lápis de aço que tinha há mais de dois anos, e que, por causa de sua qualidade superior, foi muito apreciado por ele. ligado a esta carta era tão poderoso que no dia seguinte ele prontamente sacrificou o lápis que era um presente deste cunhado para não ser sobrecarregado com seus favores."

Brill relata o seguinte exemplo: "Um médico fez exceção à seguinte declaração em meu livro, 'Nós nunca perdemos o que realmente queremos' (Psicanálise, suas Teorias e Aplicação Prática, p. 214). Sua esposa, que está muito interessada em assuntos psicológicos, leu com ele o capítulo sobre "Psicopatologia da vida cotidiana"; ambos ficaram muito impressionados com a novidade das ideias, e assim por diante, e estavam muito dispostos a aceitar a maioria das declarações. Ele não poderia, no entanto, concordar com a declaração acima dada porque, como ele disse para sua esposa, 'Eu certamente não queria perder minha faca'. Ele se referiu a uma faca valiosa dada a ele por sua esposa, que ele muito valorizada, cuja perda causou muita dor.

"Não demorou muito para sua esposa descobrir a solução para esta perda de forma a convencê-los da precisão da minha declaração. Quando ela lhe deu esta faca ele estava um pouco odiado em aceitá-la. Apesar de se considerar bastante emancipado, ele ainda assim entreteve alguma superstição sobre dar ou aceitar uma faca como um presente, porque é dito que uma faca corta a amizade. Ele até comentou isso para sua esposa, que só riu de sua superstição. Ele tinha a faca por anos antes de desaparecer.

"A análise trouxe à tona o fato de que o desaparecimento da faca estava diretamente ligado com um período em que houve brigas violentas entre ele e sua esposa, que ameaçaram terminar em separação. Eles viveram felizes juntos até que sua enteada (foi seu segundo casamento) veio morar com eles. Sua filha foi a causa de muitos mal-entendidos, e foi no auge dessas brigas que ele perdeu a faca.

"A atividade inconsciente é muito bem demonstrada nesta ação sintomática. Apesar de sua aparente liberdade da superstição, ele ainda acreditava inconscientemente que uma faca doada pode cortar a amizade entre as pessoas envolvidas. A perda dela foi simplesmente uma defesa inconsciente contra perder sua esposa, e ao sacrificar a faca ele tornou a proibição supersticioso impotente."

Em uma longa discussão e com a ajuda da análise de sonhos (60) Otto Rank deixou clara a tendência sacrificial com sua profunda motivação. Deve-se dizer que ações tão sintomáticas nos dão acesso à compreensão da vida psíquica íntima da pessoa.

Das muitas ações isoladas, vou relatar um exemplo que mostrou um significado mais profundo mesmo sem análise. Este exemplo explica

claramente as condições em que tais sintomas podem ser produzidos mais casualmente, e também mostra que uma observação de importância prática pode ser atribuída a ele. Durante uma turnê de verão aconteceu que eu tive que esperar vários dias em um certo lugar para a chegada de meus companheiros de viagem. Enquanto isso, conheci um jovem que também parecia solitário e estava disposto a se juntar a mim. Como morávamos no mesmo hotel, era natural que fizéssemos nossas refeições e caminhadas juntos.

Na tarde do terceiro dia, ele de repente me informou que esperava que sua esposa chegasse no trem expresso daquela noite. Meu interesse psicológico foi despertado agora, como já havia me atingido naquela manhã que meu companheiro rejeitou minha proposta de fazer uma longa excursão, e em nossa curta caminhada ele se opôs a um certo caminho como muito íngreme e perigoso. Durante nossa caminhada da tarde ele de repente pensou que eu deveria estar com fome e insistiu que eu não deveria atrasar minha refeição da noite por causa dele, que ele não iria cear antes da chegada de sua esposa. Eu entendi a dica e me sentei na mesa enquanto ele ia para a delegacia.

Na manhã seguinte nos conhecemos no hall de entrada do hotel. Ele me apresentou para sua esposa, e acrescentou, "Claro, você vai tomar café conosco?" Eu tive que atender primeiro a um pequeno assunto na próxima rua, mas assegurou-lhe que eu voltaria em breve. Mais tarde, quando entrei na sala de café da manhã, notei que o casal estava numa pequena mesa perto da janela, ambos sentados do mesmo lado. No lado oposto havia apenas uma cadeira, que estava coberta, no entanto, com o casaco grande e pesado de um homem. Eu entendi bem o significado desta

disposição não intencional, nem menos expressiva do casaco. Significava isto: "Não há lugar para você aqui, você é supérfluo agora."

O homem não percebeu que eu permanecia diante da mesa, sendo incapaz de tomar o assento, mas sua esposa notou isso, e rapidamente cutucou seu marido e sussurrou: "Por que, você cobriu o lugar do cavalheiro com seu casaco."

Estas e outras experiências semelhantes me fizeram pensar que as ações executadas sem querer devem inevitavelmente se tornar a fonte de mal-entendidos nas relações humanas. O autor do ato, que desconhece qualquer intenção associada, não leva em conta, e não se responsabiliza por isso. Por outro lado, a segunda parte, tendo utilizado regularmente até mesmo tais atos como os de seu parceiro para tirar conclusões sobre seu propósito e significado, reconhece mais dos processos psíquicos do estranho do que o último está pronto para admitir ou acreditar que ele transmitiu. Ele fica indignado quando essas conclusões tiradas de suas ações sintomáticas são mantidas até ele, ele as declara infundadas porque ele não vê qualquer intenção consciente em sua execução, e se queixa de ser mal interpretado pelo outro. Exames próximos mostram que tais mal-entendidos são baseados no fato de que a pessoa é muito boa observadora e entende demais. Quanto mais "nervosas" duas pessoas são, mais prontamente elas se darão causa para disputas, que são baseadas no fato de que uma como definitivamente nega sobre sua própria pessoa o que ele está certo de aceitar sobre a outra.

E esta é, de fato, a punição pela desonestidade interior à qual as pessoas concedem expressão sob o pretexto de "esquecer", de ações errôneas e emoções acidentais, um sentimento que eles fariam melhor para confessar

a si mesmos e aos outros quando eles não podem mais controlá-lo. De fato, pode-se afirmar que cada um está continuamente praticando psicanálise em seus vizinhos, e conseqüentemente aprende a conhecê-los melhor do que cada indivíduo conhece a si mesmo. A estrada que segue a admoestação leva ao estudo de comissões e omissões aparentemente casuais.

11. Erros

Capítulo X da edição inglesa autorizada de A. A. Brill, 1914

Falamos de "errar" em vez de "falsamente lembrar" onde o caráter da realidade objetiva é enfatizado no material psíquico a ser reproduzido - isto é, onde algo além de um fato da minha própria vida psíquica deve ser lembrado, Erros de memória distinguem-se do esquecimento e falsas lembranças através de uma única característica, a saber, que o erro (falsa lembrança) não é reconhecido como tal, mas encontra credibilidade. No entanto, o uso da expressão "erro" parece depender de outra condição. Ou melhor, algo que pode ser confirmado ou refutado através da memória dos outros. O inverso do erro na memória neste sentido é formado pela ignorância.

Em meu livro "A Interpretação dos Sonhos", (61) fui responsável por uma série de erros históricos, e acima de tudo, em fatos materiais, que fiquei espantado ao descobrir após a aparição do livro. Ao examinar mais de perto, descobri que eles não se originam da minha ignorância, mas podem ser rastreados a erros de memória explicáveis por meio de análise.

(a) Na página 361 eu indiquei como berço de Schiller a cidade de Marburg, um nome que se repete na Estíria. O erro é encontrado na análise de um sonho durante uma jornada noturna da qual fui despertado pelo maestro chamando o nome da estação Marburg. No conteúdo da investigação dos sonhos é feita a respeito de um livro de Schiller. Mas Schiller não nasceu na cidade universitária de Marburg, mas na cidade suábica de Marbach. Eu sempre soube disso.

(b) Na página 165, o pai de Hannibal chama-se Hasdrubal. Este erro foi particularmente irritante para mim, mas foi muito corroborante da minha concepção de tais erros. Poucos leitores do livro são melhor postados na história dos Barkides do que o autor que escreveu este erro e o esqueceu em três provas. O nome do pai de Aníbal era Hamilcar Barkas, Hasdrubal era o nome do irmão de Aníbal, bem como o de seu cunhado e antecessor no comando.

(c) Nas páginas 217 e 492 asseguro que Zeus emascula seu pai Kronos, e o lança do trono. Este horror eu tenho erroneamente avançado por uma geração, de acordo com a mitologia grega foi Kronos que cometeu isso em seu pai Uranos.

Como explicar que minha memória me forneceu material falso nesses pontos, enquanto geralmente coloca o material mais remoto e incomum à minha disposição, como os leitores de meus livros podem verificar? E, além disso, em três leituras cuidadosamente executadas, passei por cima desses erros como se estivesse cego.

Goethe disse sobre Lichtenberg: "Onde ele quebra uma piada, há um problema escondido." Da mesma forma podemos afirmar essas passagens citadas no meu livro: voltar a cada erro é uma repressão. Na análise dos sonhos ali relatados, fui compelido pela própria natureza do tema ao qual os pensamentos de sonho relacionavam, por um lado, a romper a análise em alguns lugares antes de ter chegado à sua conclusão, e, por outro lado, Mais precisamente afirmado: o erro esconde uma falsidade, uma desfiguração que é baseada em material reprimido. para remover um detalhe indiscreto através de uma ligeira desfiguração de seu contorno. Eu

não poderia agir diferente, e não tinha outra escolha se eu estivesse em tudo para oferecer exemplos e ilustrações. Minha posição restrita foi necessariamente provocada pela peculiaridade dos sonhos, que dão expressão a pensamentos reprimidos, ou a material que é incapaz de se tornar consciente. Apesar disso, diz-se que resta material suficiente para ofender as almas mais sensíveis. A desfiguração ou a dissimulação dos pensamentos que eu conheço não poderiam ser realizados sem deixar rastros. O que eu queria reprimir muitas vezes contra minha vontade se intrigou no que eu tomei, e se mostrou no assunto como um erro imperceptível. Na verdade, cada um dos três exemplos é baseado no mesmo tema: os erros são os resultados de pensamentos reprimidos que se ocupam com meu falecido pai.

Quem ler o sonho analisado na página 361 encontrará algumas partes reveladas, em algumas partes ele será capaz de adivinhar através de alusões que eu quebrei os pensamentos que conteriam uma crítica desfavorável ao meu pai. Na continuação desta linha de pensamentos e memórias há uma história irritante, em que livros e um amigo de negócios de meu pai, chamado Marburg, desempenham um papel; é o mesmo nome que o chamado fora do qual na estação ferroviária sul me despertou do sono. Eu queria suprimir este Sr. Marburg na análise de mim e meus leitores: ele vingou-se invadindo onde ele não pertence, e mudou o nome de nascimento de Schiller de Marbach para Marburg.

(ad b) O erro Hasdrubal no lugar de Hamilcar, o nome do irmão em vez do do pai, originou-se de uma associação que lidou com as fantasias de Hannibal de meus anos de faculdade e minha insatisfação com a conduta de meu pai para os inimigos de nossos Pessoas." Eu poderia ter continuado

e contado como minha atitude para com meu pai foi mudada por uma visita à Inglaterra, onde conheci meu meio-irmão, por um casamento anterior de meu pai. O filho mais velho do meu irmão tinha exatamente a minha idade. Assim, as relações de idade não eram um obstáculo para uma fantasia que pode ser afirmada assim: quão mais agradável seria se eu tivesse nascido filho de meu irmão em vez do filho de meu pai! Esta fantasia suprimida então falsificou o texto do meu livro no ponto em que eu terminei a análise, forçando-me a colocar o nome do irmão para o do pai.

A influência da memória deste mesmo irmão é responsável por eu ter avançado por uma geração o horror mitológico das divindades gregas. Uma das admoestações do meu irmão tem permanecido muito na minha memória. "Não se esqueça de uma coisa sobre sua conduta na vida", ele disse: "você não pertence à segunda, mas realmente à terceira geração de seu pai." Nosso pai havia se casado novamente em uma idade avançada, e, portanto, era um velho para seus filhos no segundo casamento. Cometo o erro mencionado onde discuto a piedade entre pais e filhos.

Várias vezes amigos e pacientes chamaram minha atenção para o fato de que ao relatar seus sonhos ou aludindo a eles em análises de sonhos, relacionei incorretamente as circunstâncias vividas por nós em comum. Estes também são erros históricos. Ao reexaminar tais casos individuais, descobri que minha lembrança dos fatos não era confiável apenas onde eu havia desfigurado ou escondido algo na análise. Aqui novamente temos um erro não observado como substituto para uma ocultação intencional ou repressão.

A partir desses erros, que se originam da repressão, devemos distinguir claramente aqueles que são baseados na ignorância real. Assim, por exemplo, era ignorância quando em minha excursão a Wachau eu acreditava que eu tinha passado o local de descanso do líder revolucionário Fischhof. Só o nome é comum nos dois lugares. Fischhof's Emmersdorf está localizado em Kärnthen. Mas eu não sabia de nada.

Respondi que os tinha prontos e fui à biblioteca buscá-los, embora a verdade do assunto fosse que eu tinha esquecido de procurá-los, já que eu não aprovava a jornada do meu paciente, encarando-o como uma interrupção desnecessária para o tratamento, Here is another embarrassing but instructive error, an example of temporary ignorance if you like. One day a patient reminded me to give him the two books on Venice which I had promised him, as he wished to use them in planning his Easter tour. e como perda material para o médico. Então eu fiz uma rápida pesquisa da biblioteca para os livros.

Um deles era Venedig als Kunstätte, e além disso eu imaginei que tinha um trabalho histórico de ordem semelhante. Certamente havia Die Mediceer (Os Médicis); eu os peguei e os trouxe até ele, então, envergonhado, confessei meu erro. Claro que eu sabia que os Medicis não tinham nada a ver com Veneza, mas por um curto período de tempo não me pareceu nada incorreto. Agora eu fui compelido a praticar a justiça, como eu tinha interpretado com tanta frequência as ações sintomáticas do meu paciente que eu poderia salvar meu prestígio apenas por ser honesto e admitir a ele os motivos secretos da minha aversão à sua viagem.

Pode causar espanto geral aprender o quanto mais forte é o impulso de dizer a verdade do que normalmente se supõe. Talvez seja um resultado da minha ocupação com a psicanálise que eu dificilmente possa mentir mais. Sempre que tento uma distorção sucumbi a um erro ou algum outro ato defeituoso, que trai minha desonestidade, como foi demonstrado neste e nos exemplos anteriores.

De todas as ações erradas o mecanismo do erro parece ser o mais superficial. Ou seja, a ocorrência do erro indica invariavelmente que a atividade mental em questão teve que lutar com alguma influência perturbadora, embora a natureza do erro não precise ser determinada pela qualidade da idéia perturbadora, que pode ter permanecido obscura. Não está fora de lugar acrescentar que o mesmo estado de coisas pode ser assumido em muitos casos simples de lapsos em falar e escrever. Pode-se admitir, no entanto, que lapsos em falar e escrever muitas vezes seguem as leis da similaridade e conveniência, ou a tendência à aceleração, Toda vez que fazemos um lapso em falar ou escrever podemos concluir que através de processos mentais veio uma perturbação que está além de nossa intenção. Sem permitir que o elemento perturbador deixe um traço de seu próprio caráter no erro resultante dos lapsos em falar ou escrever. É a capacidade de resposta do material linguístico que, a princípio, torna possível a determinação do erro, mas também limita o mesmo.

A fim de não me limitar exclusivamente a erros pessoais, vou relatar alguns exemplos que poderiam muito bem ter sido variado em "Lapses in Speech" ou em "Erroneously Carried-out Actions", mas como todas essas formas de ação defeituosa têm o mesmo valor que podem ter. be reported here.

(a) Eu proibi um paciente de falar ao telefone com sua amada, com quem ele mesmo estava disposto a romper todas as relações, como cada conversa só renovou a luta contra ela. Ele deveria escrever sua decisão final, embora houvesse algumas dificuldades no modo de entregar a carta para ela. Ele me visitou em uma hora para me dizer que tinha encontrado uma maneira de evitar essas dificuldades, e entre outras coisas ele me perguntou se ele poderia se referir a mim na minha capacidade profissional.

Às duas horas, enquanto ele estava envolvido na composição da carta de recusa, ele se interrompeu de repente, e disse para sua mãe, "Bem, eu esqueci de perguntar ao Professor se eu posso usar seu nome na carta." Ele correu para o telefone, conseguiu a conexão, "Posso falar com o professor depois do jantar?" Em resposta, ele ficou surpreso "Adolf, você enlouqueceu!" A voz que respondia foi a voz que, a meu comando, ele ouviu pela última vez. Ele simplesmente "cometeu um erro", e no lugar do número do médico tinha chamado o de sua amada.

(b) Durante as férias de verão, uma professora, um jovem pobre, mas excelente, cortejou a filha de um residente de verão, até que a menina se apaixonou apaixonadamente por ele, e até prevaleceu sobre sua família para enfrentar a aliança matrimonial apesar da diferença de posição e raça. Um dia, no entanto, o professor escreveu a seu irmão uma carta em que ele disse: "Pretty, a moça não é em tudo, mas ela é muito amável, e até agora tão bom. Mas se posso me decidir a casar com uma judia que ainda não sei dizer." Esta carta chegou às mãos da noiva, que pôs fim ao noivado, enquanto ao mesmo tempo seu irmão estava se perguntando sobre os protestos de amor dirigidos a ele. Meu informante me garantiu que foi um erro e não um truque astuto.

Estou familiarizado com outro caso em que uma mulher que estava insatisfeita com seu velho médico, e ainda não queria despejá-lo abertamente, realizou este propósito através do intercâmbio de cartas. Aqui, pelo menos, posso afirmar confiantemente que foi o erro e não a astúcia consciente que fez uso desta comédia familiar-motivo.

(c) Brill (63) fala de uma mulher que, perguntando sobre uma amiga em comum, erroneamente a chamou pelo nome de solteira. Sua atenção tendo sido direcionada para este erro, ela teve que admitir que ela não gostava do marido de sua amiga e nunca tinha sido satisfeita com seu casamento.

Maeder (64) relata um bom exemplo de como um desejo relutantemente reprimido pode ser satisfeito por meio de um "erro". Um colega queria desfrutar de seu dia de licença de ausência absolutamente sem perturbação, mas ele também sentiu que deveria ir para Lucerna para pagar uma chamada que ele não antecipou com qualquer prazer. Depois de longa reflexão, no entanto, ele concluiu a ir. Para o passatempo no trem ele leu os jornais diários. Viajou de Zurique a Arth Goldau, onde trocou de trem para Lucerna, o tempo todo absorto em ler. Atualmente, o condutor informou-o que estava no trem errado - isto é, ele tinha entrado no que estava retornando de Goldau para Zurique, enquanto sua passagem era para Lucerna.

Um truque muito parecido foi feito por mim recentemente. Eu tinha prometido ao meu irmão mais velho para lhe fazer uma visita longa em uma praia na Inglaterra; como o tempo era curto eu me senti obrigado a viajar pela rota mais curta e sem interrupção. Implorei por um dia de permanência na Holanda, mas ele achou que eu poderia parar lá na minha

viagem de volta. Assim, viajei de Munique até Colônia até Roterdão, Gancho da Holanda, onde tomaria o vapor à meia-noite até Harwich. Em Colônia tive que trocar de carro, deixei meu trem para entrar no Expresso de Roterdão, mas não foi encontrado. Eu perguntei a vários funcionários da ferrovia, foi enviado de uma plataforma para outra, entrou em um estado exagerado de desespero, e poderia facilmente considerar que durante esta pesquisa infrutífera eu provavelmente tinha perdido minha conexão.

Depois que isso foi confirmado, pensei se deveria ou não passar a noite em Colônia. Isso foi favorecido por um sentimento de piedade, pois de acordo com uma velha tradição familiar, meus ancestrais foram expulsos desta cidade durante uma perseguição aos judeus. Mas, eventualmente, tomei outra decisão, peguei um trem mais tarde para Rotterdam, onde cheguei tarde da noite e fui obrigado a passar um dia na Holanda. Não antes da próxima hora, enquanto coletava minhas impressões durante a viagem ferroviária na Inglaterra, eu definitivamente me lembrava que a poucos passos do lugar onde eu saí na estação ferroviária em Colônia, de fato, na mesma plataforma, eu tinha visto um grande sinal, Isso me trouxe o cumprimento de um desejo há muito inspirado, a visão das belas pinturas de Rembrandt em Haia e no Museu Real em Amsterdã. "Roterdão - Gancho da Holanda." Lá estava o trem em que eu deveria ter continuado minha jornada.

Se alguém não quiser assumir que, ao contrário das ordens do meu irmão, eu realmente tinha decidido admirar as fotos de Rembrandt a caminho dele, Então o fato de que apesar de claras direções eu corri e procurei outro trem deve ser designado como um "cego" incompreensível. Todo o resto, minha perplexidade bem atuada, O surgimento da intenção piedosa

de passar a noite em Colônia foi apenas um artifício para esconder minha resolução até que tivesse sido plenamente cumprida.

É possível que alguém não esteja inclinado a considerar a classe de erros que expliquei como muito numerosos ou particularmente significativos. Mas deixo à sua consideração se não há motivo para estender os mesmos pontos de vista aos erros de julgamento mais importantes, como evidenciado pelas pessoas na vida e na ciência. Apenas para as mentes mais seletas e equilibradas parece possível guardar a imagem percebida da realidade externa contra a distorção a que de outra forma está sujeita em seu trânsito através da individualidade psíquica de quem a percebe.

12. Atos falhos combinados

Capítulo XI da edição inglesa autorizada de A. A. Brill, 1914

Dois dos últimos exemplos mencionados, meu erro que transfere os Medici para Veneza e o do jovem que sabia como contornar um comando contra uma conversa ao telefone com sua amada, realmente não foram totalmente discutidos, como após cuidadosa consideração eles podem ser mostrados para representar uma união de esquecimento com um erro. Posso mostrar a mesma união ainda mais claramente em alguns outros exemplos.

(a) Um amigo me contou a seguinte experiência: "Alguns anos atrás eu concordei em ser eleito para o comitê de uma certa sociedade literária, como eu supunha que a organização poderia ser útil para mim em me ajudar na produção do meu drama. Embora pouco interessado, eu ia às reuniões regularmente toda sexta-feira. Alguns meses atrás, eu estava definitivamente certo de que um dos meus dramas seria apresentado no teatro em F., e desde então aconteceu regularmente que eu esqueci a reunião da associação. Enquanto lia os anúncios do programa, tinha vergonha do meu esquecimento. Eu me recriminei, achando que foi rude da minha parte ficar longe agora quando eu não mais precisava deles, e determinado que eu certamente não esqueceria a próxima sexta-feira. Sempre me lembrei desta resolução até que chegou a hora e eu estava diante da porta da sala de reuniões. Para minha surpresa estava trancada, a reunião já tinha terminado. Eu erreí meu dia, já era sábado!"

(b) O próximo exemplo é a combinação de uma ação sintomática com um caso de erro, que me alcançou por caminhos remotos, mas de uma fonte confiável.

Uma mulher viajou para Roma com seu cunhado, uma artista de renome. O visitante foi altamente honrado pelos moradores alemães de Roma, e entre outras coisas recebeu uma medalha de ouro de origem antiga. A mulher ficou triste porque seu cunhado não apreciou suficientemente o valor deste belo presente. Depois que ela voltou para casa ela descobriu em desfazer as malas que - sem saber como - ela tinha trazido a medalha para casa com ela. Ela imediatamente notificou seu cunhado disso por carta, e informou-lhe que ela iria enviá-lo de volta para Roma no dia seguinte. No dia seguinte, no entanto, a medalha foi tão apropriadamente mal colocada que não podia ser encontrada e não podia ser enviada de volta, e então ela percebeu o que significava sua "abertura mental", ou seja, que ela queria ficar com a medalha.

(c) Aqui estão alguns casos em que a ação falsificada se repete persistentemente, e ao mesmo tempo também muda seu modo de ação:

Devido a motivos desconhecidos, Jones (65) deixou uma carta por vários dias em sua mesa, esquecendo-se de publicá-la. Ele finalmente postou, mas foi devolvido para ele do Dead-letter Office porque ele esqueceu de endereçá-lo. Depois de se dirigir e postar uma segunda vez foi devolvido a ele, desta vez sem um selo. Ele foi forçado a reconhecer a oposição inconsciente ao envio da carta.

"Quão persistentemente a atividade inconsciente pode alcançar seu propósito se tiver motivo para impedir que uma resolução seja executada, e quão difícil é se proteger contra essa tendência, será ilustrado pelo seguinte incidente: (d) Um breve relato do Dr. Karl Weiss (Vienna) (66) de um caso de esquecer impressionantemente descreve o esforço fútil para

realizar algo em face da oposição. Um conhecido me pediu que lhe emprestasse um livro e o trouxesse no dia seguinte. Não pensei mais neste assunto, mas lembrei o seguinte antes com o mesmo sentimento de desagrado, e imediatamente disse a mim mesmo: 'Seu inconsciente cuidará para que você esqueça o livro, Eu imediatamente prometi, mas percebi um sentimento distinto de desagrado que eu não podia explicar na época. Mais tarde ficou claro para mim: esse conhecido me devia por anos uma quantia de dinheiro que ele evidentemente não tinha intenção de devolver. Mas você não quer parecer desobrigado e, portanto, fará tudo para não esquecê-lo. Cheguei em casa, embrulhei o livro em papel, e coloquei perto de mim na mesa enquanto escrevia algumas cartas.

"Um pouco mais tarde eu fui embora, mas depois de alguns passos eu me lembro que eu tinha deixado na mesa as cartas que eu queria postar. (A propósito, uma das cartas foi escrita para uma pessoa que me pediu para realizar algo desagradável.) Voltei, peguei as cartas e voltei. Enquanto estava no carro de rua me ocorreu que eu tinha me comprometido a comprar algo para minha esposa, e eu estava satisfeito com a idéia de que seria apenas um pequeno pacote. A associação, "pequeno pacote", de repente lembrou "livro" - e só então percebi que não tinha o livro comigo. Não só tinha esquecido quando saí de casa pela primeira vez, mas tinha esquecido novamente quando recebi as cartas perto das quais estava."

Um mecanismo semelhante é mostrado na seguinte observação de Otto Rank:

"Um homem escrupulosamente ordenado e pedantemente preciso relatou a seguinte ocorrência, que ele considerou bastante notável: Uma tarde na

rua, desejando saber o tempo, ele descobriu que tinha deixado seu relógio em casa, uma omissão que pelo que ele sabe nunca tinha ocorrido antes. Como ele tinha um compromisso em outro lugar e não tinha tempo para voltar para o relógio, ele fez uso de uma visita a uma amiga para pegar o relógio dela para a noite. Esta foi a maneira mais conveniente de sair do dilema, já que ele tinha um compromisso anterior para visitar esta senhora no dia seguinte. Assim, ele prometeu devolver o relógio dela naquele momento.

"Mas no dia seguinte, quando estava prestes a consumir isto, ele descobriu para sua surpresa que tinha deixado o relógio em casa, seu próprio relógio que tinha com ele. Ele então decidiu devolver a propriedade da senhora naquela mesma tarde, e até seguiu sua resolução. Mas ao desejar ver o tempo em deixá-la ele encontrou para sua tristeza e espanto que ele tinha novamente esquecido de tomar seu próprio relógio.

"A repetição dessa ação defeituosa parecia tão patológica para esse homem que estava ansioso para saber sua motivação psicológica, e quando questionado se ele experimentou algo desagradável no dia crítico do primeiro esquecimento, e em que conexão havia ocorrido, o motivo foi prontamente encontrado. Ele contou que conversou com a mãe depois do almoço, pouco antes de sair de casa. Ela lhe disse que um parente irresponsável, que já lhe tinha causado muita preocupação e perda de dinheiro, tinha penhorado seu relógio (do parente), e, como era necessário na casa, o parente tinha pedido dinheiro para redimi-lo. Este empréstimo quase "forçado" afetou nosso homem muito dolorosamente e trouxe de volta à sua memória todos os episódios desagradáveis perpetrados por este parente por muitos anos.

Primeiro, dá expressão a um fluxo de pensamento que corre talvez da seguinte forma: 'Eu não vou permitir que meu dinheiro seja extorquido desta forma, e se um relógio for necessário eu vou deixar o meu próprio em casa.' Mas como ele precisava para a noite para manter seu compromisso, "Sua ação sintomática, portanto, prova ser amplamente determinada. esta intenção só poderia ser trazida em um caminho inconsciente na forma de uma ação sintomática. Em segundo lugar, o esquecimento expressa um sentimento como o seguinte: "Este sacrifício eterno de dinheiro por este bom-para-nada é obrigado a arruinar-me completamente, para que eu terei que desistir de tudo." Embora a raiva, de acordo com o relatório deste homem, foi apenas momentâneo, a repetição da mesma ação sintomática mostra conclusivamente que no inconsciente continuou a agir mais intensamente, e pode ser equivalente à expressão consciente: Eu não consigo tirar essa história da minha cabeça. (68) Que o relógio da senhora deve mais tarde encontrar o mesmo destino não nos surpreenderá depois de saber essa atitude do inconsciente.

"Ainda pode haver outros motivos especiais que favorecem a transferência no relógio da mulher inocente. O motivo mais próximo é provavelmente que ele gostaria de mantê-lo como substituto de seu próprio relógio sacrificado, e que por isso ele esqueceu de devolvê-lo no dia seguinte. Além disso, o esquecimento do relógio da senhora lhe deu a desculpa para chamar o admirado uma segunda vez, pois ele foi obrigado a visitá-la de manhã em referência a outro assunto, Ele também poderia ter gostado de possuir este relógio como lembrança da senhora. E com o esquecimento do relógio ele parecia indicar que esta visita para a qual uma consulta havia sido feita há tanto tempo era muito boa para ele ser usado simplesmente

para o retorno de um relógio.

Ele obviamente pensou em evitar a aparência de superfluência que teria se destacado em contraste impressionante com a falta do parente, mas, por outro lado, ele usou isso como uma auto admoestação contra sua aparente intenção de se casar com esta senhora, "Duas vezes esquecendo seu próprio relógio e, assim, tornando possível a substituição do relógio da senhora fala para o fato de que nosso homem inconscientemente se esforçou para evitar carregar ambos os relógios ao mesmo tempo. lembrando-se que ele estava ligado à sua família (mãe) por obrigações indissolúvel.

"Finalmente, outra razão para o esquecimento do relógio da senhora pode ser procurada no fato de que na noite antes de ele, um solteirão, teve vergonha de ser visto com o relógio de uma dama por seus amigos, de modo que ele só olhou para ele furtivamente, e para evitar a repetição desta situação dolorosa ele não podia levar o relógio junto. Mas como ele foi obrigado a devolvê-lo, resultou aqui, também, uma ação sintomática realizada inconscientemente que provou ser uma formação de compromisso entre sentimentos emocionais conflitantes e uma vitória comprada caro da instância inconsciente."

Na mesma discussão Rank também prestou atenção à relação muito interessante de "ações e sonhos defeituosos", que, no entanto, não pode ser seguida aqui sem uma análise abrangente do sonho com o qual a ação defeituosa está ligada. Uma vez sonhei que tinha perdido meu livro de bolso. De manhã, enquanto me vestia, sentia falta dele, enquanto me despia na noite anterior ao sonho, esqueci de tirá-lo do bolso das calças e

colocá-lo em seu lugar habitual. Este esquecimento não era, portanto, desconhecido para mim, provavelmente para dar expressão a um pensamento inconsciente que estava pronto para aparecer no conteúdo dos sonhos.

Mas esta mudança na forma da ação defeituosa, que, no entanto, atinge o mesmo resultado, dá a impressão plástica de uma vontade trabalhando para um fim definitivo, Eu não quero afirmar que tais casos de ações defeituosas combinadas podem ensinar algo novo que nós já não vimos nos casos individuais. e de uma forma muito mais enérgica contradiz a ideia de que a ação defeituosa representa algo fortuito e não requer explicação. Não menos notável é o fato de que a intenção consciente falha completamente em verificar o sucesso da ação defeituosa. Apesar de tudo, meu amigo não fez sua visita ao encontro da sociedade literária, e a mulher achou impossível desistir da medalha. Aquele inconsciente algo que funcionou contra estas resoluções encontrou outra saída depois que a primeira estrada foi fechada para ele. Requer algo além da contra-resolução consciente para superar o motivo desconhecido, requer um trabalho psíquico que torna o desconhecido conhecido pela consciência.

13. Determinismo, acaso e crenças supersticiosas

Capítulo XII da edição inglesa autorizada de A. A. Brill, 1914

PONTOS DE VISTA.

Como resultado geral das discussões anteriores, devemos definir o seguinte princípio: Certas inadequações de nossas capacidades psíquicas, cujo caráter comum em breve será definitivamente determinado, e certas performances que aparentemente não são intencionalmente provam ser bem motivadas quando submetidas à investigação psicanalítica, e são determinados através da consciência de motivos desconhecidos.

Para pertencer a esta classe de fenômenos, uma ação psíquica defeituosa deve satisfazer as seguintes condições:

(a) Não deve exceder uma certa medida, que é firmemente estabelecida através de nossa estimativa, e é designada pela expressão "dentro dos limites normais".

(b) Deve evidenciar o caráter da perturbação momentânea e temporária. A mesma ação deve ter sido realizada anteriormente mais corretamente ou devemos sempre confiar em nós mesmos para executá-la mais corretamente; se formos corrigidos por outros devemos reconhecer imediatamente a verdade da correção e a incorreção de nossa ação psíquica.

(c) Se percebemos uma ação defeituosa, não devemos perceber em nós mesmos qualquer motivação da mesma, mas devemos tentar explicá-la

através de "inatenção" ou atribuí-la a um "acidente".

Assim, permanecem neste grupo os casos de esquecimento e os erros, apesar de melhor conhecimento, os lapsos em falar, ler, escrever, as ações erroneamente executadas, e as chamadas ações do acaso. As explicações desses processos psíquicos tão definidos estão conectadas com uma série de observações que podem, em parte, despertar mais interesse.

I. Abandonando uma parte de nossa capacidade psíquica como inexplicável através de idéias propositivas ignoramos os reinos do determinismo em nossa vida mental. Aqui, como em ainda outras esferas, o determinismo chega mais longe do que pensamos. No ano de 1900 li um ensaio publicado no *Zeit* escrito pelo historiador literário R. M. Meyer, no qual ele sustenta, e ilustra por exemplos, que é impossível compor tolices intencionalmente e arbitrariamente. Por algum tempo eu estive ciente de que é impossível pensar em um número, ou até mesmo de um nome, do próprio livre arbítrio. Se investigarmos esta aparente formação voluntária, digamos, de vários dígitos pronunciados em alegria irrestrita, ela sempre prova ser tão estritamente determinada que a determinação parece impossível. Vou agora brevemente discutir um exemplo de um primeiro nome "arbitrário escolhido", e então exaustivamente analisar um exemplo análogo de um número "impensavelmente pronunciado".

Enquanto preparava o histórico de um dos meus pacientes para publicação, considerei o primeiro nome que deveria dar a ela no artigo. Parecia haver uma grande escolha, é claro, alguns nomes foram imediatamente excluídos por mim, em primeiro lugar o nome real, em seguida, os nomes dos membros da minha família a que eu teria contestado, também alguns

nomes femininos tendo uma pronúncia especialmente peculiar. Mas, excluindo estes, não deveria haver necessidade de ficar intrigado sobre tal nome. Seria de se pensar, e eu mesmo supus, que uma multidão de nomes femininos seria colocada à minha disposição. Em vez disso, só um surgiu, nenhum outro além dele, era o nome Dora.

Perguntei sobre sua determinação: "Quem mais se chama Dora?" Eu queria rejeitar a próxima ideia como incrédula, me ocorreu que a enfermeira dos filhos da minha irmã se chamava Dora. Na mesa de jantar da minha irmã notei uma carta com o endereço, "Srta. Rosa W." Surpreendente, perguntei de quem era este nome, e fui informado que o nome certo da suposta Dora era realmente Rosa, e que ao aceitar a posição que ela tinha de deixar de lado o nome, Mas eu possuo tanto autocontrole, ou prática em análise, se quiser, que eu mantive firmemente a ideia e continuei. Então um pequeno incidente da noite anterior logo passou pela minha mente, o que trouxe a busca de determinação. Porque Rosa também se referia à minha irmã. Eu disse com piedade, "Pobres pessoas! Eles não podem nem reter seus próprios nomes!" Lembro-me agora que ao ouvir isso eu fiquei quieto por um momento e comecei a pensar em todos os tipos de assuntos sérios que se fundiram no obscuro, mas que agora eu poderia facilmente trazer para minha consciência. Assim, quando procurei um nome para uma pessoa que não podia reter seu próprio nome, ninguém mais, exceto "Dora" me ocorreu. A exclusividade aqui é baseada, além disso, em associações internas mais firmes, pois na história do meu paciente era um estranho na casa, a governanta, que exerceu uma influência decisiva no curso do tratamento.

Este pequeno incidente encontrou sua inesperada continuação muitos anos depois. Enquanto discutia em uma palestra a história publicada há muito tempo da garota chamada Dora me ocorreu que uma das minhas duas alunas tinha o próprio nome Dora que eu era obrigado a pronunciar tantas vezes nas diferentes associações do caso. Eu me virei para a jovem estudante, que eu conhecia pessoalmente, com as desculpas que eu realmente não tinha pensado que ela tinha o mesmo nome, e que eu estava pronto para substituí-lo em minha palestra por outro nome.

Eu estava agora confrontado com a tarefa de escolher rapidamente outro nome, e refletia que eu não devo agora escolher o primeiro nome da outra estudante, e assim dar um mau exemplo para a classe, que já eram bastante conversantes com a psicanálise. Fiquei feliz quando o nome "Erna" me ocorreu como substituto de Dora, e Erna eu usei no discurso. Depois da palestra eu me perguntei de onde o nome "Erna" poderia ter se originado, e tive que rir como eu observei que a temida possibilidade na escolha do nome substituto tinha acontecido, em parte pelo menos. O nome da outra senhora era Lucerna, da qual Erna fazia parte.

Em uma carta a um amigo eu o informei que eu tinha terminado de ler as folhas de prova de A Interpretação dos Sonhos, e que eu não tinha a intenção de fazer mais mudanças nela, "mesmo que contivesse 2.467 erros." Eu imediatamente tentei me explicar o número, e acrescentou esta pequena análise como um postscript à letra. Será melhor citá-lo agora como eu escrevi quando eu me peguei nesta transação:

"Adicionarei apressadamente outra contribuição para a Psicopatologia da vida cotidiana. Você encontrará na letra o número 2.467 como um jocose e

estimativa arbitrária do número de erros que podem ser encontrados no livro de sonhos. Eu queria escrever: não importa o tamanho do número, e este se apresentou. Mas não há nada arbitrário ou indeterminado na vida psíquica. Portanto, você irá supor corretamente que o inconsciente apressou-se a determinar o número que foi liberado pela consciência. Pouco antes disso eu tinha lido no jornal que o General E.M. tinha sido aposentado como Inspetor-Geral de Ordens. Deve saber que estou interessado neste homem. Enquanto eu estava servindo como estudante militar de medicina ele, em seguida, um coronel, uma vez entrou no hospital e disse ao médico: 'Você deve me fazer bem em oito dias, como eu tenho algum trabalho para fazer para o qual o Imperador está esperando.'

"Naquela época, decidi seguir a carreira deste homem, e pense, hoje em dia (1899) ele está no final, Inspetor-Geral de Ordens e já se aposentou. Eu queria descobrir em que tempo ele tinha coberto esta estrada, e presumi que eu o tinha visto no hospital em 1882. Isso faria 17 anos. Relatei isso à minha esposa, e ela comentou: "Então você também deveria estar aposentado." E eu protestei: 'O Senhor proíbe!' Depois desta conversa, sentei-me à mesa para escrever para você. O trem de pensamento anterior continuou, e por uma boa razão. Eu tinha uma lembrança definitiva das circunstâncias em minha mente. Eu tinha comemorado minha chegada de idade, meu 24o aniversário, na prisão militar (por estar ausente sem permissão). Portanto, devo tê-lo visto em 1880, o que faz 19 anos atrás. Então você tem o número 24 em 2.467! Agora pegue o número que representa minha idade, 43, e adicione 24 anos a ele e você terá 67! Ou seja, para a pergunta se eu queria me aposentar eu tinha expressado o desejo de trabalhar 24 anos mais. Obviamente estou irritado que no

intervalo durante o qual segui o Coronel M. Eu não tenho realizado muito eu mesmo, e ainda há uma espécie de triunfo no fato de que ele já está acabado, enquanto eu ainda tenho tudo antes de mim. Assim, podemos apenas dizer que nem mesmo o número 2.467 involuntariamente jogado fora carece de sua determinação do inconsciente."

Desde este primeiro exemplo de interpretação de uma escolha aparentemente arbitrária de um número, repeti um teste semelhante com o mesmo resultado, mas a maioria dos casos são de conteúdo tão íntimo que não se prestam a relatar.

É por isso que não hesitarei em acrescentar aqui uma análise muito interessante de um "número de chance" que o Dr. Alfred Adler (Vienna) recebeu de um homem "perfeitamente saudável" (69) A. escreveu-me: "Na noite passada devotei-me à psicopatologia da vida cotidiana, e eu teria lido tudo se não tivesse sido impedido por uma notável coincidência. Quando li que cada número que aparentemente conjuramos arbitrariamente em nossa consciência tem um significado definido, decidi testá-lo. O número 1.734 me ocorreu. As seguintes associações surgiram então: $1.734 \div 17 = 102$; $102 \div 17 = 6$. Separei o número em 17 e 34. Tenho 34 anos. Acredito que uma vez lhe disse que considero 34 o último ano da juventude, e por isso me senti infeliz no meu último aniversário. O fim do meu 17o ano foi o início de um período muito agradável e interessante do meu desenvolvimento. Divido minha vida em períodos de 17 anos. O que as divisões significam? O número 102 lembra o fato de que o volume 102 da Biblioteca Universal Reclam é a peça de Kotzebue Menschenhass und Reue (O ódio humano e arrependimento).

"Meu estado psíquico atual é 'o ódio humano e arrependimento'. No. 6 da U.L. (Eu sei muitos números de cor) é 'Schuld' de Mullner (Falha). Estou constantemente irritado com o pensamento de que é por culpa minha que não me tornei o que poderia ter sido com minhas habilidades.

"Então me perguntei: 'O que é o no 17 da ONU?' Mas eu não conseguia lembrar. Mas como eu sabia antes, presumi que queria esquecer esse número. Todo reflexo foi em vão. Eu queria continuar com minha leitura, mas só li mecanicamente sem entender uma palavra, pois fiquei irritado com o número 17. Eu apaguei a luz e continuei minha busca. Finalmente me ocorreu que o número 17 deve ser uma peça de Shakespeare. Mas qual deles? Pensei em Hero e Leander. Aparentemente uma tentativa estúpida da minha vontade de me distrair. Eu finalmente levantei e consultei o catálogo da ONU número 17 foi Macbeth! Para minha surpresa, tive que descobrir que não sabia nada da peça, apesar de não me interessar menos do que qualquer outro drama shakespeariano. Só pensei em assassinato, Lady Macbeth, bruxas, 'bom é feio', e que achei a versão de Schiller de Macbeth muito legal. Sem dúvida eu também queria esquecer a peça. Então me ocorreu que 17 e 34 podem ser divididos por 17 e resultar em 1 e 2. Números 1 e 2 da ONU é Fausto de Goethe. Antes eu achava muito de Fausto em mim."

Devemos lamentar que a discrição do médico não nos permitiu ver o significado das ideias. Adler observou que o homem não conseguiu a síntese de sua análise. Sua associação dificilmente valeria a pena relatar a menos que sua continuação nos desse algo que nos daria a chave para a compreensão do número 1.734 e toda a série de ideias.

Citando mais adiante: "Para ter certeza esta manhã eu tive uma experiência que fala muito pela correção da concepção freudiana. Minha esposa, que acordei durante a noite, perguntou o que eu queria com o catálogo da U.L. Eu contei a história. A isso eu imediatamente respondi: '17 refere-se ao que acabei de lhe dizer; além disso, Ela achou tudo muito interessante. Macbeth, o que me causou tantos problemas, ela simplesmente faleceu. Ela disse que nada lhe veio à mente quando pensou em um número. Eu respondi: 'Vamos tentar.' Ela nomeou o número 117. Eu lhe disse ontem que se uma esposa está no 82o ano e o marido está no 35o ano deve ser um grande mal-entendido. Nos últimos dias, tenho provocado minha esposa, afirmando que ela era uma mãe de 82 anos. $82 + 35 = 117$."

O homem que não sabia como determinar seu próprio número ao mesmo tempo encontrou a solução quando sua esposa nomeou um número que aparentemente foi arbitrariamente escolhido. De fato, a mulher entendia muito bem de que complexo o número de seu marido se originou, e escolheu seu próprio número do mesmo complexo, o que certamente era comum a ambos, como no caso dele, com suas idades relativas. Agora, achamos fácil interpretar o número que ocorreu ao homem. Como o Dr. Adler indica, ele expressou um desejo reprimido do marido que, totalmente desenvolvido, diria: "Para um homem de 34 anos como eu sou, apenas uma mulher de 17 seria adequada."

Para que não se pense muito levemente em tal "brincadeira", devo acrescentar que fui recentemente informado pelo Dr. Adler que um ano após a publicação desta análise o homem se divorciou de sua esposa.

Um cavalheiro que evidenciou uma parcialidade particular para os números 17 e 19 poderia especificar, após breve reflexão, que aos 17 anos ele alcançou a muito desejada liberdade acadêmica por ter sido admitido na universidade, que aos 19 ele fez sua primeira longa jornada, Adler dá uma explicação similar para a origem de números obsessivos. Também a escolha dos chamados "números favoritos" não é sem relação com a vida da pessoa em causa, e não falta um certo interesse psicológico. e logo depois fez sua primeira descoberta científica. Mas a fixação dessa preferência seguiu depois, depois de dois assuntos questionáveis, quando os mesmos números foram investidos de importância em sua "vida amorosa".

De fato, mesmo aqueles números que usamos em uma conexão particular extremamente frequentemente e com aparente arbitrariedade pode ser rastreado por análise a um significado inesperado. Assim, um dia atingiu um dos meus pacientes que ele gostava particularmente de dizer, "Eu já lhe disse isso de 17 a 36 vezes." E ele se perguntou se havia algum motivo para isso. Logo lhe ocorreu que ele nasceu no 27o dia do mês, e que seu irmão mais novo nasceu no 26o dia de outro mês, e ele tinha motivos para reclamar que o destino o havia roubado de tantos dos benefícios da vida apenas para conceder-lhes seu irmão mais novo. Assim, ele representou essa parcialidade do destino deduzindo 10 da data de seu nascimento e acrescentando-a à data do aniversário do irmão. Eu sou o mais velho e ainda sou tão "curto".

Vou demorar um pouco mais na análise dos números de chance, pois não sei de nenhuma outra observação individual que demonstraria tão prontamente a existência de processos de pensamento altamente

organizados, dos quais a consciência não tem conhecimento. Além disso, não há melhor exemplo de análise em que a sugestão da posição, uma acusação frequente, é tão distintamente fora de consideração. Vou, portanto, relatar a análise de um número de chance de um dos meus pacientes (com o seu consentimento), ao qual só vou acrescentar que ele é o mais novo de muitas crianças e que ele perdeu seu amado pai em sua juventude.

Enquanto de um humor particularmente feliz ele deixou o número 426.718 vir à sua mente, e colocou para si a pergunta: "Bem, o que isso traz à sua mente?" Primeiro veio uma piada que ele tinha ouvido: "Se sua catarra do nariz é tratada por um médico dura 42 dias, Se não for tratada dura 6 semanas." Isto corresponde ao primeiro dígito do número ($42 = 6 \times 7$). Durante a obstrução que seguiu esta primeira solução chamei sua atenção para o fato de que o número de seis dígitos selecionados por ele contém todos os primeiros números exceto 3 e 5. Ele encontrou imediatamente a continuação desta solução:

Éramos 7 crianças, eu era o mais novo. Número 3 na ordem das crianças corresponde a minha irmã A., e 5 a meu irmão L., ambos eram meus inimigos. Quando criança eu costumava rezar ao Senhor todas as noites para que Ele tirasse da minha vida esses dois espíritos atormentadores. Parece-me que eu cumpri para mim este desejo: '3' e '5,' o irmão malvado e a irmã odiada, são omitidos."

"Se o número representa suas irmãs e irmãos, que significado há para 18 no final? Você tinha apenas 7 anos."

"Muitas vezes pensei que, se meu pai tivesse vivido mais, eu não teria sido o filho mais novo. Se mais uma criança tivesse vindo, seríamos oito, e haveria uma criança mais nova, diante da qual eu poderia ter desempenhado o papel da mais velha."

Com isso o número foi explicado, mas ainda queríamos encontrar a conexão entre a primeira parte da interpretação e a parte seguinte. Isso veio muito rapidamente da condição necessária para os últimos dígitos - se o pai tivesse vivido mais tempo. $42 = 6 \times 7$ significa o ridículo dirigido contra os médicos que não podiam ajudar o pai, e desta forma expressa o desejo pela existência contínua do pai. Todo o número corresponde ao cumprimento de seus dois desejos em referência ao seu círculo familiar, ou seja, que tanto o irmão e irmã mais novos devem morrer e que outra criança deve segui-los. Ou, brevemente, se esses dois tivessem morrido no lugar do meu pai!

Outra análise dos números que eu pego de Jones. (72) Um cavalheiro de seu conhecido deixou o número 986 vir à sua mente, e desafiou-o a conectá-lo a qualquer coisa de interesse especial em sua mente. "Seis anos atrás, no dia mais quente que ele poderia lembrar, ele tinha visto uma piada em um jornal da noite, que afirmava que o termômetro tinha ficado em 98°F , evidentemente um exagero de 98°F . Estávamos na época sentados em frente a um fogo muito quente, do qual ele tinha acabado de recuar, e ele observou, provavelmente muito corretamente, que o calor tinha despertado sua memória adormecida. No entanto, eu estava curioso para saber por que esta memória tinha persistido com tal vívida a ponto de ser tão prontamente trazido para fora, para com a maioria das pessoas que certamente teria sido esquecido além da memória, a menos que tivesse se

associado com alguma outra experiência mental de maior significado.

"Ele me disse que ao ler a piada ele tinha rido descaradamente, e que em muitas ocasiões subsequentes ele tinha lembrado com grande prazer. Como a piada era obviamente de natureza extremamente tênue, isso fortaleceu minha expectativa de que mais estava para trás. Seu próximo pensamento foi a reflexão geral que a concepção de calor sempre o impressionou muito, que o calor era a coisa mais importante no universo, a fonte de toda a vida, e assim por diante. Esta atitude notável de um jovem bastante prosaico certamente precisava de alguma explicação, então pedi-lhe para continuar suas associações livres. O próximo pensamento foi de uma pilha de fábrica que ele podia ver de sua janela do quarto. O calor, a chama, a fonte da vida, o desperdício de energia vital que emana de um tubo vertical e oco - não era difícil de adivinhar de tais associações que as idéias de calor e fogo estavam inconscientemente ligadas em sua mente com a idéia de amor, como é tão frequente no pensamento simbólico, Ele muitas vezes ficava de noite observando a chama e fumaça saindo dela, e refletindo sobre este deplorável desperdício de energia. e que havia um forte complexo de masturbação presente, uma conclusão que ele atualmente confirmou."

Aqueles que desejam ter uma boa impressão do modo como o material de números se torna elaborado no pensamento inconsciente, me refiro a dois artigos de Jung(73) e Jones.(74)

Na análise pessoal deste tipo duas coisas foram especialmente impressionantes. Primeiro, a absoluta certeza sonâmbulo com a qual ataquei o ponto objetivo desconhecido, fundindo-me em uma linha

matemática de pensamento, que se estendeu de repente ao número procurado, e a rapidez com que todo o trabalho subsequente foi realizado. Em segundo lugar, o fato de que os números estavam sempre à disposição da minha mente inconsciente, quando na verdade eu sou um matemático pobre e acho muito difícil lembrar conscientemente anos, números de casas, e coisas assim. Além disso, nessas operações mentais inconscientes com figuras, eu encontrei uma tendência à superstição, cuja origem havia muito tempo permaneceu desconhecida para mim.

Não nos surpreenderá descobrir que não só números, mas também ocorrências mentais de diferentes tipos de palavras provam regularmente que a investigação analítica está bem determinada.

Brill relata: "Enquanto trabalhava na edição inglesa deste livro, certa manhã fui tomado pela estranha palavra 'Cardillac'. Concentrado no trabalho, recusei-me a principio a prestar atenção a ela; mas, como costuma acontecer, simplesmente não consegui fazer outra coisa. 'Cardillac' permanecia constantemente em minha mente. Percebendo que minha recusa em reconhecê-la era apenas uma resistência, decidi analisá-la. Ocorreram-me as seguintes associações: Cardillac, cardácco, carrefour, Cadillac."

"Cardiac lembrou-se da cardalgia - mágoa - um amigo médico que recentemente me disse confidencialmente que temia ter algum afeto cardíaco porque tinha sofrido alguns ataques de dor na região de seu coração. Conhecendo-o tão bem, eu imediatamente rejeitei sua teoria, e disse-lhe que seus ataques eram de caráter neurótico, e que suas outras aparentes doenças físicas eram também apenas a expressão de sua

neurose.

"Acrescento que, pouco antes de me contar sobre seu problema cardíaco, ele falou de um assunto de interesse vital para ele, que de repente não deu em nada. Sendo um homem de ambições ilimitadas, ele estava muito deprimido porque ultimamente ele tinha sofrido muitos inversos semelhantes. Seus conflitos neuróticos, no entanto, tinham se manifestado alguns meses antes desta desgraça. Logo após a morte de seu pai deixou um grande negócio em suas mãos. Como o negócio poderia ser continuado apenas sob a gestão do meu amigo, ele era incapaz de decidir se entrar na vida comercial ou continuar sua carreira escolhida. Sua grande ambição era se tornar um médico de sucesso, e embora tivesse praticado medicina com sucesso por muitos anos, ele não estava totalmente satisfeito com as flutuações financeiras de sua renda profissional. Por outro lado, o negócio de seu pai lhe prometeu um retorno garantido, embora limitado. Em resumo, ele estava em uma travessia e não sabia para que lado virar.

"Então lembrei a palavra *carrefour*, que é o francês para 'cruzar', e me ocorreu que, enquanto trabalhava em um hospital em Paris, eu morava perto do '*Carrefour St. Lazarre*'. E agora eu podia entender que relação todas essas associações tinham para mim.

"Quando decidi deixar o Hospital Estadual, tomei a decisão, primeiro, porque queria me casar, e, segundo, porque queria entrar na clínica privada. Isso trouxe um novo problema. Embora meu serviço hospitalar tenha sido um sucesso absoluto, a julgar por promoções e assim por diante, me senti como um grande número de outros na mesma situação, ou seja, que meu treinamento não era adequado para a prática privada.

Especializar-se em trabalho mental era um empreendimento ousado para alguém sem dinheiro e conexões sociais. Eu também senti que o melhor que eu poderia fazer para os pacientes se eles viessem em meu caminho seria enviá-los para um dos hospitais, como eu tinha pouca confiança no tratamento em casa em voga. Apesar dos enormes avanços feitos nos últimos anos no trabalho mental, o especialista está quase indefeso quando é confrontado com o caso médio de insanidade. Do grande exército de distúrbios mentais mais leves, os chamados casos de fronteira, que compõem a maior parte da clínica e trabalho privado e que pertencem legitimamente ao especialista mental, eu sabia muito pouco, como esses pacientes raramente, ou nunca, vieram para o hospital estadual, Isso pode ser parcialmente atribuído ao fato de que tais casos são trazidos para ele depois que eles desenvolveram completamente a psicose quando o tratamento hospitalar é imperativo. E o que eu sabia sobre o tratamento da neurastenia e da psicostenia não me levou a ter mais esperança de sucesso na prática privada.

"Foi nesse estado de espírito que eu vim para Paris, onde eu esperava aprender o suficiente sobre as psiconeuroses para me permitir continuar minha especialidade na prática privada, e ainda sentir que eu poderia fazer algo para meus pacientes. O que vi em Paris não ajudou a mudar meu estado de espírito. Lá, também, a maioria do trabalho foi direcionado para tecidos mortos. Os aspectos mentais, como tal, receberam pouca atenção. Estava pensando seriamente em desistir do meu trabalho mental por outra especialidade. Como pode ser visto, fui confrontado com uma situação semelhante à do meu amigo médico. Eu também estava em uma travessia e não sabia para que lado virar. Meu suspense logo acabou. Um dia recebi

uma carta do meu amigo professor Peterson, que, a propósito, foi responsável pela minha entrada no serviço hospitalar estadual. Nesta carta ele me aconselhou a não desistir do meu trabalho, e sugeriu a clínica psiquiátrica de Zurique, onde ele pensou que eu poderia encontrar o que eu queria.

"Mas o que Cadillac significa? Cadillac é o nome de um hotel e de um automóvel. Poucos dias antes, em um lugar no campo, meu amigo médico e eu estávamos tentando contratar um automóvel, mas não havia nenhum. Ambos expressamos o desejo de possuir um automóvel - novamente uma ambição não realizada. Também lembrei que o 'Carrefour St. Lazarre' sempre me impressionou como sendo uma das vias mais movimentadas de Paris. Estava sempre congestionado com automóveis. Cadillac também lembrou que há poucos dias no caminho para minha clínica eu notei uma grande placa sobre um prédio que anunciou que em um certo dia 'este edifício seria ocupado pelo Cadillac', etc. Isso me fez pensar no Hotel Cadillac, mas à segunda vista percebi que se referia ao carro Cadillac. Houve uma súbita obstrução aqui por alguns momentos. A palavra Cadillac reapareceu e por associação sólida ocorreu-me o catálogo de palavras. Esta palavra trouxe de volta uma ocorrência muito mortificante de origem recente, cujo motivo é novamente a ambição arruinada.

"Quando alguém deseja relatar qualquer auto-análise ele deve estar preparado para expor muitos assuntos íntimos de sua própria vida. Qualquer um lendo cuidadosamente as obras do Professor Freud não pode deixar de se familiarizar intimamente com ele e sua família. Muitas vezes me perguntam por pessoas que afirmam ter lido e estudado as obras de Freud, tais como: "Quantos anos tem Freud?" Quantas crianças ele tem?

Sempre que ouço estas ou perguntas semelhantes, sei que o interrogador mentiu quando fez essas afirmações, ou, para ser mais caridoso, que é um leitor muito descuidado e superficial. Todas essas perguntas e muitas mais são respondidas nas obras de Freud. Auto-análises são autobiografias por excelência, mas enquanto o autobiógrafo pode, por razões definidas consciente e inconscientemente, esconder muitos fatos de sua vida, o auto-analista não só diz a verdade conscientemente, mas traz à luz toda sua personalidade íntima. É por essas razões que se acha muito desagradável relatar suas próprias análises. No entanto, como frequentemente relatamos as produções inconscientes de nossos pacientes, é justo que nos sacrifiquemos no altar da publicidade quando a ocasião exige. Este é o meu pedido de desculpas por ter colocado alguns dos meus assuntos pessoais no leitor, e por ser obrigado a continuar um pouco mais na mesma tensão.

"Antes de divagar com as últimas observações, mencionei que a palavra Cadillac trouxe o catálogo da associação sonora. Esta associação trouxe outra época importante na minha vida com a qual o Professor Peterson está conectado. Não preciso dizer que fiquei muito satisfeito em ser tão honrado, em primeiro lugar porque era a realização de uma ambição que eu ousava entreter apenas sob estados eufóricos especiais, e, em segundo lugar, Em maio passado fui informado pelo secretário da faculdade que fui nomeado chefe de clínica do departamento de psiquiatria. Foi uma compensação pelas muitas críticas não merecidas daqueles que estão cegamente e desrazoavelmente opondo-se a alguns dos meus trabalhos. Logo depois, liguei para o estenógrafo da faculdade e falei com ela sobre uma correção a ser feita em meu nome como foi impressa no catálogo. Por alguma razão desconhecida (talvez preconceito racial) esta estenógrafa,

uma dama de companhia, deve ter me incomodado. Por cerca de três anos eu repetidamente pedi para ela fazer essa correção, mas ela não tinha prestado atenção a mim. Para ter certeza que ela sempre prometeu atender a isso, mas o erro permaneceu sem correção.

"Quando a vi em maio passado, lembrei-lhe novamente desta correção, e também chamei a atenção dela para o fato de que, como eu tinha sido nomeado chefe de clínica, eu estava especialmente ansioso para ter meu nome corretamente impresso no catálogo. Ela pediu desculpas por sua negligência e me garantiu que tudo deveria ser como eu pedi. Imagine minha surpresa e tristeza ao receber o novo catálogo, descobri que enquanto a correção tinha sido feita em meu nome, eu não estava listado como chefe de clínica. Deve-se notar que, como gravador da faculdade, era seu dever saber todas essas coisas assim que elas passassem.(75) Quando ela finalmente descobriu que eu estava certo ela estava muito apologética e me informou que ela iria imediatamente escrever para o superintendente da clínica para Quando perguntei sobre isso, ela ficou confusa, ela disse que não sabia que eu tinha sido nomeado chefe de clínica. Ela teve que consultar as atas da faculdade, escritas por ela mesma, antes de ser convencida disso. Informe-o da minha consulta, algo que ela deveria ter feito meses antes. Claro que não ganhei nada com seus arrependimentos e desculpas. O catálogo foi publicado e aqueles que o leram não acharam meu nome no lugar desejado. Sou chefe de clínica, na verdade, mas não em nome. Além disso, como os compromissos são feitos apenas por um ano, é bem provável que minha grande ambição nunca será realmente realizada.

"Assim, o obsessivo neologismo cardillac, que é uma condensação de cardíaco, Cadillac, e catálogo, contém alguns dos esforços mais

importantes da minha experiência médica. Quando eu estava quase no final desta análise, de repente me lembrei de um sonho contendo este cardillac de neologismo em que meu desejo foi realizado. Meu nome apareceu em seu devido lugar no catálogo. A pessoa que me mostrou no sonho foi o Professor Peterson. Cerca de cinco anos depois, enquanto eu estava no estado de indecisão que eu descrevi, foi o professor Peterson que me aconselhou a ir à clínica de psiquiatria em Zurique, onde através de Bleuler e Jung eu comecei a conhecer o professor Freud e suas obras, Foi quando eu estava na primeira 'cruzada' depois de me formar na faculdade de medicina que o professor Peterson me pediu para entrar no serviço hospitalar. E também foi através da recomendação do Dr. Peterson que eu fui elevado à minha posição atual."

Estou em dívida com o Dr. Hitschman pela solução de outro caso em que uma linha de poesia repetidamente se intrigou na mente em um determinado lugar sem mostrar qualquer vestígio de sua origem e relação.

Relacionado pelo Dr. E.: "Seis anos atrás eu viajei de Biarritz para San Sebastian. A estrada de ferro cruza o Bidassao - um rio que aqui forma a fronteira entre França e Espanha. Na ponte um tem uma vista esplêndida, de um lado do vale largo e dos Pirineus e do outro do mar. Era um belo dia de verão, tudo estava cheio de sol e luz. Eu estava de férias e satisfeita com minha viagem à Espanha. De repente, as seguintes palavras vieram a mim: "Mas a alma já está livre, flutuando sobre um mar de luz."

"Naquela época eu estava tentando lembrar de onde essas linhas vieram, mas eu não conseguia lembrar, a julgar pelo ritmo, as palavras devem ser parte de algum poema, que, no entanto, totalmente escapou da minha

memória. Mais tarde, quando o verso veio à minha mente repetidamente, perguntei a muitas pessoas sobre isso sem receber qualquer informação.

"No ano passado atravessei a mesma ponte na minha viagem de volta da Espanha. Era uma noite muito escura e chovia. Olhei pela janela para saber se já tínhamos chegado à estação fronteiriça e notei que estávamos na ponte de Bidassao. Imediatamente o verso acima mencionado voltou à minha memória e novamente não consegui lembrar sua origem.

"Em casa, meses depois, encontrei os poemas de Uhland. Eu abri o volume e meu olhar caiu sobre o verso: 'Mas a alma já está livre, flutuando sobre um mar de luz', que foram as linhas finais do poema intitulado 'O Peregrino'. Eu li o poema e me lembrei vagamente que o conhecia há muitos anos. A cena da ação está na Espanha, e esta me pareceu ser a única relação entre o verso citado e o lugar na viagem de trem descrita por mim. Eu estava apenas metade satisfeito com minha descoberta e mecanicamente continuou a virar as páginas do livro. Ao virar a próxima página encontrei um poema cujo título era 'Bidassao Bridge'.

"Posso acrescentar que o conteúdo deste poema me pareceu ainda mais estranho que o do primeiro, e que seu primeiro verso dizia:

"Na ponte de Bidassao está um santo cinzento com a idade, abençoa à direita a montanha espanhola, à esquerda abençoa a terra francesa."

II. Este entendimento da determinação de nomes, números e palavras aparentemente arbitrariamente selecionados talvez possa contribuir para a solução de outro problema. Como se sabe, muitas pessoas argumentam contra a suposição de um determinismo psíquico absoluto referindo-se a

um sentimento intenso de convicção de que há um livre arbítrio. Este sentimento de convicção existe, mas não é incompatível com a crença no determinismo. Como todos os sentimentos normais, deve ser justificado por algo. Mas, até onde eu posso observar, não se manifesta em decisões importantes e pesadas, nessas ocasiões tem-se muito mais a sensação de uma compulsão psíquica e de bom grado cai sobre ela. "Aqui estou, não posso fazer mais nada."

Por outro lado, é em decisões triviais e indiferentes que se sente certo de que poderia ter agido de forma diferente, que agiu de livre e espontânea vontade, e sem motivos. De nossas análises, portanto, não precisamos contestar o direito da convicção de que há um livre arbítrio. Se distinguirmos a consciência da motivação inconsciente, então somos informados pelo sentimento de convicção de que a motivação consciente não se estende sobre todas as nossas resoluções motoras. *Minima non curat prætor*. O que é assim deixado livre de um lado recebe seu motivo do outro lado, do inconsciente, e o determinismo no reino psíquico é assim realizado ininterruptamente.(76)

Embora o pensamento consciente deva ser totalmente ignorante da motivação das ações defeituosas descritas acima, ainda assim seria desejável descobrir uma prova psicológica de sua existência; de fato, III. razões obtidas através de um conhecimento mais profundo do inconsciente tornam provável que tais provas sejam descobertas em algum lugar. Por uma questão de fato fenômenos podem ser demonstrados em duas esferas que parecem corresponder a um inconsciente e, portanto, a um conhecimento deslocado desses motivos.

(a) É uma característica impressionante e geralmente reconhecida no comportamento dos paranóicos, que eles atribuem o maior significado aos detalhes triviais no comportamento dos outros. Detalhes que são geralmente ignorados por outros eles interpretam e utilizam como base de conclusões de longo alcance. Por exemplo, o último paranoico visto por mim concluiu que havia uma compreensão geral entre as pessoas de seu ambiente, porque na sua partida da estação ferroviária eles fizeram uma determinada moção com uma mão. Outro notou como as pessoas andavam na rua, como eles brandiam suas bengalas, e coisas assim.(77)

A categoria do acidental, sem necessidade de motivação, que a pessoa normal deixa passar como parte de suas próprias atividades psíquicas e ações defeituosas, é assim rejeitada pelos paranóicos na aplicação às manifestações psíquicas aos outros. Muitas coisas se confundem com a consciência na paranóia que em pessoas normais e neuróticas só pode ser demonstrada através da psicanálise como existente em seu inconsciente. Tudo o que ele observa nos outros é cheio de significado, tudo é explicável. Mas como ele chegou a ver dessa maneira? Provavelmente aqui como em tantos outros casos, ele projeta na vida mental dos outros o que existe em sua própria atividade inconsciente. percebe algo que escapa da pessoa normal, vê mais claro do que uma capacidade intelectual normal, mas seu conhecimento torna-se inútil quando imputa aos outros o estado de coisas que reconhece. Espero que não me esperem justificar toda interpretação paranóica. Mas o ponto que concedemos à paranóia nesta concepção de ações aleatórias facilitará para nós o entendimento psicológico da convicção que o paranóico atribui a todas essas interpretações. Há certamente alguma verdade nisso, mesmo nossos erros de julgamento, que

não são designados como mórbidos, adquirem seu sentimento de convicção da mesma forma. Este sentimento justifica-se por uma certa parte do errôneo trem de pensamento ou para a origem de sua origem, e mais tarde vamos estender-lhe as relações restantes.

(b) Os fenômenos da superstição fornecem outra indicação da motivação inconsciente em acaso e ações defeituosas. Vou me tornar claro através da discussão de uma simples experiência que me deu o ponto de partida para essas reflexões.

Tendo retornado das férias, meus pensamentos imediatamente se voltaram para os pacientes com os quais eu deveria ocupar-me no início do trabalho do meu ano. Minha primeira visita foi a uma senhora muito velha (veja acima) para quem eu tinha duas vezes por dia realizado os mesmos serviços profissionais por muitos anos. Devido a esta monotonia pensamentos inconscientes muitas vezes encontraram expressão no caminho para o paciente e durante a minha ocupação com ela. Ela tinha mais de noventa anos, portanto, era pertinente perguntar-se no início de cada ano quanto mais ela viveria.

No dia em que falo, estava com pressa e levei uma carruagem para casa dela. Todos os cocheiros na cabine perto da minha casa sabiam o endereço da velha, como cada um deles sempre me levava até lá. Este dia aconteceu que o motorista não parou na frente de sua casa, mas antes de um do mesmo número em uma rua paralela perto e realmente semelhante. Notei o erro e censurei o cocheiro, que se desculpou por isso.

É importante quando me levam para uma casa onde a velha não pode ser encontrada? Certamente não para mim, mas se eu fosse supersticioso, eu

deveria ver um presságio neste incidente, um sinal de destino que este seria o último ano para a velha. Muitos presságios que foram preservados pela história não foram fundados em simbolismo melhor. Claro, eu explico o incidente como um acidente sem mais significado.

O caso teria sido completamente diferente se eu viesse a pé e, "absorvido em pensamento" ou "através de distração", eu tivesse ido para a casa na rua paralela em vez da correta. Eu não explicaria isso como um acidente, mas como uma ação com intenção inconsciente exigindo interpretação. Minha explicação para esse "lapso em andar" provavelmente seria que eu esperava que logo chegaria a hora em que eu não deveria mais conhecer a velha.

Eu, portanto, difere de uma pessoa supersticiosa da seguinte forma:

Eu não acredito que uma ocorrência em que minha vida mental não toma parte pode me ensinar nada escondido sobre a futura formação da realidade; mas eu acredito que uma manifestação não intencional de minha própria atividade mental certamente contém algo escondido que pertence apenas à minha vida mental - isto é, eu acredito em (real) chance exterior, mas não em (psíquico) acidentes internos. Com a pessoa supersticiosa o caso é invertido: ele não sabe nada sobre o motivo de sua chance e ações defeituosas, ele acredita na existência de contingências psíquicas; portanto, ele está inclinado a atribuir significado ao acaso externo, que se manifesta em real ocorrência, e ver no acidente um meio de expressão para algo escondido fora dele. Há duas diferenças entre mim e a pessoa supersticiosa: primeiro, ele projeta o motivo para o exterior, enquanto eu o procuro em mim mesmo; segundo, ele explica o acidente por um evento

que eu rastreio para um pensamento. O que ele considera oculto corresponde ao inconsciente comigo, e a compulsão de não deixar o acaso passar como chance, mas de explicar como comum para nós dois.

Assim, admito que essa ignorância consciente e conhecimento inconsciente da motivação da acidentalidade psíquica é uma das raízes psíquicas da superstição. Porque a pessoa supersticiosa não sabe nada sobre a motivação de suas próprias ações acidentais, e porque o fato dessa motivação se esforça por um lugar em seu reconhecimento, ele é compelido a se livrar delas deslocando-as para o mundo exterior. Se tal conexão existe dificilmente pode ser limitada a este caso. Na verdade, acredito que uma grande parte da concepção mitológica do mundo que atinge as religiões mais modernas não passa de psicologia projetada para o mundo exterior. A percepção fraca (a percepção endo-psíquica, por assim dizer) de fatores psíquicos e relações(79) do inconsciente foi tomada como um modelo na construção de uma realidade transcendental, que está destinada a ser transformada novamente pela ciência em psicologia do inconsciente.

É difícil de expressar em outros termos, a analogia com a paranóia deve vir em nosso auxílio. Arriscamo-nos a explicar desta forma os mitos do paraíso e a queda do homem, de Deus, do bem e do mal, da imortalidade, ou seja, transformar metafísica em metapsicologia. A lacuna entre o deslocamento do paranóico e o da superstição é mais estreita do que parece à primeira vista. Quando os seres humanos começaram a pensar, eles foram obviamente compelidos a explicar o mundo exterior em um sentido antropomórfico por uma multidão de personalidades à sua própria imagem; os acidentes que eles explicaram supersticialmente eram assim ações e

expressões de pessoas. Nesse sentido, eles se comportavam como paranóicos, que tiravam conclusões de sinais insignificantes que os outros lhes dão, e como todas as pessoas normais que justamente tomam as ações não intencionais de seus semelhantes como base para a estimativa de seus personagens. Somente em nossa filosofia moderna, mas de modo algum terminada, visões da vida parecem tão fora de lugar: na visão da vida dos tempos e nações pré-científicas, era justificada e consistente.

O romano que desistiu de um compromisso importante porque avistou um bando de aves mal-intencionado estava relativamente certo, sua ação era consistente com seus princípios. Mas se ele se retirou de um empreendimento porque ele tinha tropeçado em seu limiar (un Romain retournerait), ele era absolutamente superior até mesmo para nós incrédulos. Ele era um psicólogo melhor do que estamos nos esforçando para nos tornar. Pois seu tropeço poderia demonstrar-lhe a existência de uma dúvida, uma contracorrente interna cuja força poderia enfraquecer o poder de sua intenção no momento de sua execução. Pois só concentrando todas as forças psíquicas no objetivo desejado pode-se garantir o sucesso perfeito. Como Schiller's Tell, que hesitou tanto tempo em atirar a maçã da cabeça de seu filho, responde à pergunta do oficial de justiça por que ele se forneceu uma segunda flecha?

"Com a segunda flecha eu teria perfurado você se eu tivesse atingido minha querida criança - e realmente, eu não deveria ter falhado em alcançá-lo."

IV. Quem teve a oportunidade de estudar os sentimentos psíquicos ocultos das pessoas por meio da psicanálise também pode dizer algo novo sobre a

qualidade dos motivos inconscientes, que se expressam em superstição. A maior parte da superstição significa medo do mal iminente, e aquele que sempre desejou o mal aos outros, mas por causa de uma boa criação reprimiu o mesmo no inconsciente, Pessoas nervosas com pensamentos compulsivos e estados compulsivos, que são muitas vezes muito inteligentes, mostram claramente que a superstição se origina de impulsos hostis e cruéis reprimidos. Será particularmente capaz de esperar punição por tal mal inconsciente na forma de uma desgraça ameaçando-o de fora.

Se admitirmos que de forma alguma esgotamos a psicologia da superstição nessas observações, devemos, por outro lado, ao menos tocar na questão de saber se as raízes reais da superstição devem ser completamente negadas, se realmente não há presságios, sonhos proféticos, Experiências telepáticas, manifestações de forças sobrenaturais, e coisas assim. Agora estou longe de repudiar sem nada mais, todos esses fenômenos, sobre os quais possuímos tantas observações minutas, mesmo de homens de destaque intelectual, e que certamente devem constituir uma base para uma investigação mais aprofundada. Podemos até esperar que algumas dessas observações sejam explicadas pelo nosso conhecimento atual dos processos psíquicos inconscientes sem necessitar de mudanças radicais em nosso aspecto atual. Se ainda outros fenômenos, como, por exemplo, aqueles mantidos pelos espíritas, devem ser provados, então devemos considerar a modificação de nossas "leis" como exigido pela nova experiência, sem se confundir com relação à relação das coisas deste mundo.

No âmbito dessas análises, só posso responder as perguntas aqui propostas subjetivamente, ou seja, de acordo com minha experiência pessoal.

Lamento confessar que pertenço àquela classe de indignos indivíduos diante dos quais os espíritos cessam suas atividades e o sobrenatural desaparece, de modo que nunca estive em posição de experimentar algo pessoal que estimulasse a crença no milagre. Como todo mundo, eu tive presságios e infortúnios, mas os dois se evadiram, de modo que nada seguia o presságio, e o infortúnio me surpreendeu sem avisar. Quando, como jovem, eu morava sozinho em uma cidade estranha, eu freqüentemente ouvia meu nome de repente pronunciado por uma voz inconfundível, querida, e então eu fiz uma nota do exato momento da alucinação, a fim de perguntar cuidadosamente a quem em casa o que havia acontecido naquela época. Não foi nada de mais. Por outro lado, eu mais tarde trabalhei entre meus pacientes calmamente e sem presságio enquanto meu filho quase sangrou até a morte. Nem nunca fui capaz de reconhecer como fenômeno irreal nenhum dos pressentimentos reportados por meus pacientes.

A crença em sonhos proféticos conta muitos adeptos, porque pode ser apoiada pelo fato de que algumas coisas realmente acontecem no futuro como foram preditas anteriormente pelo desejo do sonho. Mas nisto há pouco a se admirar, como muitos desvios de alcance podem ser regularmente demonstrados entre um sonho e a realização que a credulidade do sonhador prefere negligenciar.

Um bom exemplo, que pode ser justamente chamado de profético, foi uma vez trazido a mim para análise exaustiva por um paciente inteligente e amante da verdade. Ela relatou que uma vez sonhou que tinha encontrado um ex-amigo e médico de família em frente a uma certa loja em uma certa rua, e na manhã seguinte, quando ela foi para a cidade, ela realmente o

conheceu no lugar chamado no sonho. Posso observar que o significado desta maravilhosa coincidência não foi provado ser devido a qualquer evento subsequente, ou seja, não poderia ser justificado através de futuras ocorrências.

O exame cuidadoso definitivamente estabeleceu o fato de que não havia provas de que a mulher recordava o sonho na manhã seguinte à noite do sonho, isto é, antes da caminhada e antes da reunião. Ela não poderia oferecer nenhuma objeção quando este estado de coisas foi apresentado de uma forma que roubou este episódio de tudo milagroso, deixando apenas um problema psicológico interessante. Uma manhã ela tinha caminhado por esta mesma rua, tinha conhecido seu antigo médico de família antes daquela certa loja, e ao vê-lo recebeu a convicção de que na noite anterior ela tinha sonhado com esta reunião neste lugar.

A análise mostrou então com grande probabilidade como ela chegou a esta convicção, para a qual, de acordo com a regra geral, não podemos negar um certo direito de crédito. Um encontro em um lugar definido seguindo uma expectativa anterior realmente descreve o fato de um encontro. O velho médico da família despertou sua memória dos velhos tempos, quando encontros com uma terceira pessoa, também amigo do médico, eram de grande importância para ela. Se eu pudesse relatar mais detalhadamente as circunstâncias aqui diante de nós, eu poderia facilmente mostrar que a ilusão do sonho profético à vista do amigo dos tempos antigos é equivalente ao seguinte discurso: Desde aquela época ela tinha continuado suas relações com este cavalheiro, e um dia antes do sonho mencionado ela tinha esperado por ele em vão. quando eu nunca tive que esperar em vão por N. quando tínhamos marcado uma reunião."

Eu observei em mim mesmo um exemplo simples e facilmente explicado, que é provavelmente um bom modelo para ocorrências semelhantes daquelas "incidentes notáveis" em que encontramos uma pessoa de quem estávamos apenas pensando. Durante uma caminhada pelo interior da cidade alguns dias após o título de "Professor" ter sido concedido a mim, que carrega consigo uma grande quantidade de prestígio, mesmo em cidades monárquicas, meus pensamentos subitamente se fundiram em uma fantasia de vingança infantil contra um certo casal. Alguns meses antes eles me ligaram para ver sua filha que sofria de uma manifestação compulsiva interessante após a aparição de um sonho. Eu me interessei muito pelo caso, cuja gênese eu acreditava que poderia supor, mas os pais eram desfavoráveis ao meu tratamento, e me deram a entender que eles pensavam em se candidatar a uma autoridade estrangeira que curava por meio do hipnotismo. O título não mudou minha habilidade, se você não pudesse me usar quando eu era instrutor você poderia se dar bem sem mim agora que sou professor." Neste momento minha fantasia foi interrompida por um alto "Boa noite, Eu agora imaginava que depois do fracasso desta tentativa, os pais me imploraram para retomar meu tratamento, que eles agora tinham total confiança em mim, etc. Mas eu respondi: "Agora que me tornei professor, você tem confiança em mim. "Professor!" e enquanto eu olhava lá em cima, passei pelo mesmo casal em quem eu tinha acabado de me vingar.

Eu estava caminhando em direção a este casal em uma rua reta, quase deserta, olhando apressadamente a uma distância de talvez vinte passos de mim, eu tinha espiado e percebido suas personalidades imponentes, mas esta percepção, seguindo o modelo de uma alucinação negativa, O próximo

reflexo destruiu a aparência do milagroso. foi deixada de lado por certos motivos emocionalmente acentuados e então se afirmou na fantasia aparentemente espontânea emergente.

Uma experiência similar é relatada por Brill, que também lança alguma luz sobre a natureza da telepatia.

"Enquanto estava absorto em conversar durante nosso habitual jantar de domingo em um dos grandes restaurantes de Nova York, de repente parei e, de forma irrelevante, observei para minha esposa, 'Eu me pergunto como Dr. R. está fazendo em Pittsburg. Ela olhou para mim muito espantada e disse: 'Por quê, isso é exatamente o que eu estive pensando nos últimos segundos! Ou você transferiu esse pensamento para mim ou eu o transferei para você. Como pode explicar esse estranho fenômeno? Tive que admitir que não podia oferecer solução. Nossa conversa durante todo o jantar não mostrou a associação mais remota ao Dr. R., nem, até onde nossas memórias foram, se tivéssemos ouvido ou falado dele por algum tempo. Sendo céptico, recusei admitir que havia algo misterioso nisso, embora interiormente me sentisse bastante incerto. Para ser franco, fiquei um pouco confuso.

"Mas não permanecemos muito tempo nesse estado de espírito, pois olhando para o vestiário ficamos surpresos ao ver o Dr. R. Embora uma inspeção mais próxima mostrasse nosso erro, ambos ficamos impressionados com a notável semelhança deste estranho com o Dr. R. Da posição do vestiário fomos forçados a concluir que este estranho tinha passado por nossa mesa. Absorvidos em nossa conversa, não o notamos conscientemente, mas a imagem visual despertou a associação de seu

duplo, Dr. R. Que ambos deveríamos ter experimentado o mesmo pensamento também é bastante natural. A última palavra do nosso amigo foi o fato de que ele tinha começado a praticar em Pittsburg, e, sabendo das vicissitudes que assolavam o principiante, era natural imaginar como a sorte sorria para ele.

"O que prometeu ser uma manifestação sobrenatural foi assim facilmente explicado em uma base normal, mas se não tivéssemos notado o estranho antes de deixar o restaurante, teria sido impossível excluir o misterioso. Atrevo-me a dizer que tais mecanismos simples estão no fundo das manifestações telepáticas mais complicadas, pelo menos, tal tem sido minha experiência em todos os casos acessíveis à investigação."

Outra "solução de um aparente presságio" foi relatada por Otto Rank(80):

"Algum tempo atrás, eu tinha experimentado uma variação notável daquela coincidência peculiar em que se encontra uma pessoa que está apenas ocupando seus pensamentos. Pouco antes do Natal, fui ao Banco Austro-Húngaro para obter dez novas coroas de prata destinadas a presentes de Natal. Pensei comigo mesmo: "Os oficiais terão muito tempo para minhas novas coroas, naturalmente serei rápido, vou anotar as notas para serem trocadas e dizer: Absorvido em fantasias ambiciosas que lidavam com o contraste do meu mísero significado com as enormes somas na banca, eu me transformei na rua estreita para o banco. Na frente da porta vi um carro e muitas pessoas entrando e saindo. "Por favor me dê ouro." Percebi meu erro de uma vez, eu deveria ter pedido prata e acordado das minhas fantasias.

"Eu estava agora a poucos passos da entrada, e notei um jovem vindo em minha direção que parecia familiar, mas que eu não poderia definitivamente identificar por causa da minha miope. Quando ele chegou mais perto eu o reconheci como um colega de classe do meu irmão cujo nome era Gold e de cujo irmão, um jornalista conhecido, eu tinha grandes expectativas no início da minha carreira literária. Mas essas expectativas não se materializaram, e com elas havia desaparecido o esperado sucesso material com que minhas fantasias se ocupavam a caminho do banco. Assim, devo ter percebido inconscientemente a aproximação do Sr. Ouro, que se impressionou na minha consciência enquanto eu sonhava com sucesso material, e assim me fez pedir ao caixa ouro em vez da prata inferior. Mas, por outro lado, o fato paradoxal de que meu inconsciente foi capaz de perceber um objeto muito antes de ser reconhecido pelo olho pode em parte ser explicado pela complexa prontidão (Komplexbereitschaft) de Bleuler. Pois minha mente estava sintonizada com o material, e, ao contrário do meu melhor conhecimento, ele guiou meus passos desde o início até edifícios onde ouro e papel foram trocados."

Para a categoria do maravilhoso e estranho, podemos também acrescentar aquele estranho sentimento que percebemos em certos momentos e situações, quando parece que já tínhamos tido exatamente a mesma experiência, ou antes nos encontramos na mesma situação. Sei que só sigo a expressão coloquial solta quando designo aquilo que nos estimula em momentos como um "sentir". Nós, sem dúvida, lidamos com um julgamento, e, de fato, com um julgamento de cognição. No entanto, nunca somos bem sucedidos em nossos esforços para recordar claramente essas experiências e situações anteriores. têm um caráter peculiar a si mesmos,

e além disso, não devemos ignorar o fato de que nunca lembramos o que estamos procurando.

Não sei se esse fenômeno de Déjà vu foi oferecido como prova de uma antiga existência psíquica do indivíduo, mas é certo que psicólogos se interessaram por ele, e tentaram resolver o enigma de várias maneiras especulativas. Nenhuma das explicações tentativas propostas parece certa para mim, porque ninguém leva em conta nada além das manifestações acompanhantes e as condições favoráveis do fenômeno. Esses processos psíquicos que, segundo minha observação, são os únicos responsáveis pela explicação do Déjà vu - ou seja, as fantasias inconscientes - são geralmente negligenciados pelos psicólogos até hoje.

Acredito que é errado designar o sentimento de ter experimentado algo antes como uma ilusão. Pelo contrário, em tais momentos algo é realmente tocado que já experimentamos, só que não podemos conscientemente lembrar o último porque nunca foi consciente. Em suma, o sentimento de Déjà vu corresponde à memória de uma fantasia inconsciente. Existem fantasias inconscientes (ou sonhos do dia) assim como existem criações conscientes semelhantes, que cada um sabe por experiência pessoal.

Eu percebo que o objeto é digno de estudo mais minucioso, mas eu vou aqui dar a análise de apenas um caso de Déjà vu em que o sentimento foi caracterizado por particular intensidade e persistência. Uma mulher de trinta e sete anos afirmou que se lembrava claramente de que aos doze anos e meio ela fez sua primeira visita a alguns amigos da escola no país, e quando ela entrou no jardim ela imediatamente tinha a sensação de ter estado lá antes. Esse sentimento se repetia quando ela passava pelas salas

de estar, de modo que ela acreditava que sabia de antemão o quão grande era o quarto ao lado, que visões se poderia ter ao olhar para fora dele, etc. Mas a crença de que esse sentimento de reconhecimento poderia ter sua fonte em uma visita anterior à casa e ao jardim, talvez uma visita feita na primeira infância, foi absolutamente excluída e refutada por declarações de seus pais. A mulher que relatou isso não procurou nenhuma explicação psicológica, mas viu na aparência deste sentimento uma referência profética à importância que esses amigos mais tarde assumiram em sua vida emocional. Levando em consideração, no entanto, a circunstância em que este fenômeno se apresentou a ela, encontramos o caminho para outra concepção.

Quando ela decidiu esta visita ela sabia que essas garotas tinham um único irmão, que estava seriamente doente. No decorrer da visita ela realmente o viu. Ela o encontrou muito mal, e pensou para si mesma que ele logo morreria. Ela acreditava que seu irmão estava participando desta visita ao país, imaginava que esta era sua primeira longa jornada desde sua doença; ainda assim, sua memória era notavelmente indistinta em relação a estes pontos, enquanto todos os outros detalhes, Mas aconteceu que seu único irmão teve um ataque sério de difteria alguns meses antes, e durante sua doença ela viveu por semanas com parentes longe de sua casa parental. e particularmente o vestido que ela usava naquele dia, permaneceu muito claramente diante de seus olhos.

Para os iniciados não será difícil concluir a partir destas sugestões que a expectativa da morte do irmão tinha desempenhado um grande papel na mente da menina naquele momento, e que ou nunca se tornou consciente ou foi reprimida energeticamente após a questão favorável da doença. Ela

pode ter conscientemente lembrado que tinha vivido uma situação semelhante alguns meses antes, mas em vez de lembrar o que foi inibido através da repressão ela transferiu o sentimento de memória para a localidade, para o jardim, e a casa, Sob outras circunstâncias, ela teria sido compelida a usar outro vestido, ou seja, roupas de luto. Ela encontrou a situação análoga na casa de seus amigos, seu único irmão estava em perigo de uma morte precoce, um evento que realmente aconteceu pouco tempo depois. e fundiu-o no reconhecimento fausse que ela já tinha visto tudo exatamente como era.

Pelo fato da repressão podemos concluir que a antiga expectativa da morte de seu irmão não estava longe de evidenciar o caráter de uma fantasia. Ela teria se tornado a única filha. Em sua neurose posterior ela sofreu da forma mais intensa do medo de perder seus pais, por trás do qual a análise revelou, como de costume, o desejo inconsciente do mesmo conteúdo.

Minha própria experiência de Déjà vu posso traçar de uma maneira semelhante à constelação emocional do momento. Isso pode ser expresso da seguinte forma: "Isso seria outra ocasião para despertar certas fantasias (inconscientes e desconhecidas) que foram formadas em mim em um momento ou outro como um desejo de melhorar minha situação."(81)

Recentemente, quando tive a oportunidade de recitar a um colega de uma mudança filosófica, alguns exemplos de esquecimento de nomes, com suas análises, ele apressou-se a responder: V. mas comigo o esquecimento de um nome procede de uma maneira diferente." Evidentemente, não se pode descartar esta questão tão simples como aquela, não acredito que meu colega tenha pensado em uma análise para esquecer um nome, nem

poderia dizer como o processo diferiu nele. Mas sua observação, no entanto, toca em um problema que muitos estariam inclinados a colocar em primeiro plano. Does the solution given for faulty and chance actions apply in general or only in particular cases, and if only in the latter, what are the conditions under which it may also be employed in the explanation of the other phenomena?

Em resposta a esta pergunta, minhas experiências me deixam na mão. Eu só posso pedir para não considerar as conexões demonstradas como raras, pois por mais que eu tenha feito o teste em mim e com meus pacientes, foi definitivamente demonstrado exatamente como nos exemplos relatados, ou havia pelo menos boas razões para supor isso. Não se deve ficar surpreso, no entanto, quando não se consegue sempre encontrar o significado oculto da ação sintomática, já que a quantidade de resistências internas que vão contra a solução deve ser considerada um fator decisivo. Também nem sempre é possível explicar cada sonho individual de si mesmo ou de pacientes. Para fundamentar a validade geral da teoria, basta se alguém pode penetrar apenas uma certa distância nas associações ocultas. O sonho que se revela refratário quando a solução é tentada no dia seguinte pode ser roubado de seu segredo uma semana ou um mês depois, quando os fatores psíquicos que lutam uns contra os outros foram reduzidos como consequência de uma mudança real que entretanto ocorreu. Portanto, seria errado afirmar de todos os casos que resistem à análise que eles são causados por outro mecanismo psíquico do que o aqui revelado; tal suposição requer mais do que provas negativas; além disso, a prontidão para acreditar em uma explicação diferente de ações defeituosas e sintomáticas, que provavelmente existe universalmente em todas as

peças normais, não prova nada; é obviamente uma expressão das mesmas forças psíquicas que produziram o segredo, O mesmo se aplica à solução de ações defeituosas e sintomáticas. que, portanto, se esforça para proteger e lutar contra sua elucidação.

Por outro lado, não devemos ignorar o fato de que os pensamentos e sentimentos reprimidos não são independentes em alcançar expressão em ações sintomáticas e defeituosas. A possibilidade técnica de tal ajuste das inervações deve ser fornecida independentemente delas, e isso é então de bom grado utilizado pela intenção do material reprimido de vir à expressão consciente. Se nas determinações de ações defeituosas e sintomáticas separarmos o motivo inconsciente de suas relações fisiológicas e psicofísicas coativas, a questão permanece em aberto se ainda existem outros fatores dentro dos limites normais que, como o motivo inconsciente, No caso de ações linguísticas defeituosas, uma tentativa foi feita por filósofos e filólogos para verificar através de observações minutas quais relações estruturais e funcionais entram ao serviço de tal intenção. e em seu lugar pode produzir ações defeituosas e sintomáticas no caminho das relações. Não é minha tarefa responder essa pergunta.

VI. Desde a discussão dos erros de fala, temos nos contentado em demonstrar que ações defeituosas têm um motivo oculto, e através da psicanálise, traçamos nosso caminho até o conhecimento de sua motivação. A natureza geral e as peculiaridades dos fatores psíquicos trazidos à expressão nessas ações defeituosas que até agora deixamos quase sem consideração; de qualquer forma, não tentamos defini-los com mais precisão ou examinar em sua legalidade. Nem vamos agora tentar uma elucidação completa do assunto, como os primeiros passos já nos

ensinaram que é mais viável entrar nesta estrutura de outro lado. Aqui podemos colocar algumas perguntas que citarei na ordem deles. (1) Qual é o conteúdo e a origem dos pensamentos e sentimentos que se mostram através de ações defeituosas e aleatórias? (2) Quais são as condições que forçam um pensamento ou um sentimento a fazer uso dessas ocorrências como um meio de expressão e colocá-lo em posição de fazê-lo? (3) Podem associações constantes e definidas ser demonstradas entre a maneira da ação defeituosa e as qualidades trazidas à expressão através dela?

Começarei reunindo algum material para responder à última pergunta. Na discussão dos exemplos de erros de fala, achamos necessário ir além do conteúdo do discurso pretendido, e tivemos que procurar a causa do distúrbio de fala fora da intenção. No exemplo que parecia mais simples e transparente era uma sonoridade semelhante, mas concepção diferente do mesmo pensamento, O último era bastante claro em uma série de casos, e era conhecido pela consciência do orador. que perturbava sua expressão sem que ninguém pudesse dizer por que um sucumbiu e o outro veio à superfície (Contaminações de Meringer e Mayers).

Em um segundo grupo de casos uma concepção sucumbiu a um motivo que, no entanto, não se mostrou forte o suficiente para causar submersão completa. A concepção que foi retida foi claramente apresentada à consciência.

O pensamento perturbador está ligado ao perturbado através de uma associação de pensamentos (perturbação através da contradição interior), ou é substancialmente estranho para ele, Somente do terceiro grupo podemos afirmar sem reservas que o pensamento perturbador difere do

pretendido, e é óbvio que ele pode estabelecer uma distinção essencial. e apenas a palavra perturbada está ligada com o pensamento perturbador através de uma surpreendente associação externa, que é frequentemente inconsciente.

Nos exemplos que dei de minhas psicanalises, descobriu-se que todo o discurso está sob a influência de pensamentos que se tornaram ativos simultaneamente, ou sob pensamentos absolutamente inconscientes que se traem através da própria perturbação, ou que evidenciam uma influência indireta tornando possível que as partes individuais da fala inconscientemente intencionada se perturbem. Os pensamentos retidos ou inconscientes dos quais os distúrbios na fala emanam são de origem mais variada. Uma pesquisa geral não revela nenhuma direção definitiva.

Exames comparativos de exemplos de erros na leitura e escrita levam às mesmas conclusões. Casos isolados, como em erros de fala, parecem dever sua origem a um trabalho de condensação sem motivação (por exemplo, o *Apel*). Mas devemos ficar felizes em saber se condições especiais não devem ser cumpridas para que tal condensação, que é considerada regular no trabalho dos sonhos e defeituoso em nossos pensamentos acordados, ocorra. Nenhuma informação sobre isso pode ser obtida dos próprios exemplos. Mas me recuso a concluir que não existem condições, como, por exemplo, o relaxamento da atenção consciente, pois aprendi em outro lugar que ações automáticas são caracterizadas especialmente pela correção e confiabilidade. Eu prefiro enfatizar o fato de que aqui, como tantas vezes na biologia, são as relações normais, ou aquelas que se aproximam do normal, que são objetos menos favoráveis para investigação do que o patológico. O que permanece obscuro na explicação destes

distúrbios mais simples será, de acordo com minha expectativa, esclarecido através da explicação de distúrbios mais graves.

Também erros na leitura e escrita não faltam exemplos em que a motivação mais remota e complicada pode ser reconhecida.

Não há dúvida de que os distúrbios das funções de fala ocorrem mais facilmente e fazem menos demanda nas forças perturbadoras do que em outros atos psíquicos.

(Para distinguir este esquecimento dos outros nós designamos *sensu strictiori* o esquecimento de nomes próprios e palavras estrangeiras, como nos Capítulos I e II, como "derrapantes"; Mas um está em um terreno diferente quando se trata do exame do esquecimento no sentido literal, ou seja, o esquecimento de experiências passadas. e o esquecimento das resoluções como "omissões". As principais condições do processo normal de esquecimento são desconhecidas. (82) Também somos lembrados do fato de que nem tudo é esquecido o que acreditamos ser. Nossa explicação aqui trata apenas dos casos em que o esquecimento desperta nosso espanto, na medida em que infringe a regra de que o sem importância é esquecido, enquanto o importante assunto é guardado pela memória. A análise desses exemplos de esquecimento que parecem exigir uma explicação especial mostra que o motivo do esquecimento é sempre uma falta de vontade de lembrar algo que pode evocar sentimentos dolorosos. Chegamos à conjectura de que esse motivo luta universalmente pela expressão na vida psíquica, mas é inibido através de outras forças contrárias de se manifestar regularmente. A extensão e o significado deste desgosto de lembrar impressões dolorosas parece merecer a investigação

psicológica mais meticulosa. A questão de quais condições especiais tornam possível o esquecimento universalmente resistente em casos individuais não pode ser resolvido através desta associação adicional.

Um fator diferente entra em primeiro plano no esquecimento das resoluções, o suposto conflito que resulta na repressão da dolorosa memória torna-se tangível, e na análise dos exemplos reconhece-se regularmente uma contra-vontade que se opõe mas não põe fim à resolução. Como em anteriores atos defeituosos, nós também reconhecemos dois tipos de processo psíquico: A contra-vontade ou se volta diretamente contra a resolução (intenções de alguma consequência) ou é substancialmente estranha à própria resolução e estabelece sua conexão com ela através de uma associação externa (em resoluções quase indiferentes).

O mesmo conflito governa os fenômenos de ações mal executadas. O impulso que se manifesta nos distúrbios da ação é frequentemente um contra-impulso. Ainda mais frequentemente é um impulso estranho que só utiliza a oportunidade de se expressar através de uma perturbação na execução da ação. Os casos em que o distúrbio é resultado de uma contradição interna são os mais significativos, e também lidam com as atividades mais importantes.

O conflito interno na chance ou ações sintomáticas se fundem no fundo. Essas expressões motoras que são menos pensadas, ou são completamente ignoradas pela consciência, servem como a expressão de inúmeros sentimentos inconscientes ou contidos. Na maior parte representam simbolicamente desejos e fantasmas.

A primeira pergunta (sobre a origem dos pensamentos e emoções que encontram expressão em ações defeituosas) podemos responder dizendo que em uma série de casos a origem dos pensamentos perturbadores pode ser facilmente rastreada para emoções reprimidas da vida psíquica. Mesmo em pessoas saudáveis egotistas, ciumentos e sentimentos hostis e impulsos, sobrecarregados pela pressão da educação moral, muitas vezes utilizam o caminho de ações defeituosas para expressar de alguma forma sua força inegavelmente existente, que não é reconhecida pelas instâncias psíquicas superiores. Permitir que essas ações defeituosas e aleatórias continuem corresponde, em grande parte, a uma tolerância confortável do não moral. As múltiplas correntes sexuais não desempenham papel insignificante nesses sentimentos reprimidos. Que eles aparecem tão raramente nos pensamentos revelados pelas análises de meus exemplos é simplesmente uma questão de coincidência. Como eu empreendi as análises de numerosos exemplos de minha própria vida psíquica, a seleção foi parcial do primeiro, e teve como objetivo a exclusão de questões sexuais. Outras vezes parecia que os pensamentos perturbadores se originavam da mais inofensiva objeção e consideração.

Chegamos agora à resposta à segunda pergunta - ou seja, que condições psicológicas são responsáveis pelo fato de que um pensamento deve buscar expressão, não em sua forma completa, mas, por assim dizer, em forma parasitária, como uma modificação e perturbação de outro. Dos exemplos mais marcantes de ações defeituosas é óbvio que este determinante deve ser procurado em uma relação com a capacidade consciente, ou no caráter mais ou menos firmemente pronunciado do material "reprimido". A tendência de esquecer algo porque é cansativo, ou porque o pensamento

em questão não pertence realmente ao assunto pretendido - estes sentimentos parecem tocar o mesmo papel como motivos para a supressão de um pensamento (que mais tarde depende da expressão do distúrbio de outro), Mas um exame desta série de exemplos mostra que este personagem consiste em muitos elementos indistintos. como a condenação moral de um sentimento emocional rebelde, ou como a origem de absolutamente inconsciente treina o pensamento. Uma visão sobre a natureza geral da condição de falhas e ações aleatórias não pode ser obtida desta forma.

No entanto, esta investigação nos dá um único fato significativo, quanto mais inofensiva a motivação do ato defeituoso, menos desagradável, e, portanto, menos incapaz de consciência, o pensamento ao qual ele dá expressão é; Quanto mais fácil também se torna a solução do fenômeno depois de termos voltado nossa atenção para ele. Os casos mais simples de erros de fala são imediatamente notados e corrigidos espontaneamente. Quando se lida com a motivação através de sentimentos reprimidos realmente a solução requer uma análise meticulosa, que às vezes pode atacar as dificuldades ou acabar mal.

Justifica-se, portanto, tomar o resultado desta última investigação como uma indicação do fato de que a explicação satisfatória das determinações psicológicas das ações defeituosas e aleatórias deve ser adquirida de outra forma e de outra fonte. O leitor indulgente pode, portanto, ver nestas discussões a demonstração das superfícies de fratura em que este tema evoluiu artificialmente de uma conexão mais ampla.

O mecanismo das ações erradas e aleatórias, como aprendemos a conhecê-la através da aplicação da análise, mostra nos pontos mais essenciais um acordo com o mecanismo de formação de sonhos, VII. Apenas algumas palavras para indicar a direção dessa conexão mais ampla. que eu discuti no capítulo "O Trabalho do Sonho" do meu livro sobre a interpretação dos sonhos. As incongruências, absurdos e erros no conteúdo do sonho em virtude do qual o sonho é mal reconhecido como uma realização psíquica originam-se da mesma forma - para ter certeza, através do uso mais livre do material existente - como o erro comum da nossa vida cotidiana; aqui, Aqui, como lá, encontra-se a condensação e a formação de compromisso ("contaminações"; além disso, a situação é a mesma, já que pensamentos inconscientes encontram expressão como modificações de outros pensamentos de formas incomuns e através de associações externas. como lá, o aparecimento da função incorreta é explicado através da interferência peculiar de duas ou mais ações corretas.

Uma conclusão importante pode ser tirada desta combinação: o modo de operação peculiar, cuja função mais marcante reconhecemos no conteúdo dos sonhos, Não devemos ser julgados apenas pelo estado de sono da vida psíquica quando possuímos provas abundantes de sua atividade durante o estado de vigília na forma de ações defeituosas. A mesma conexão também nos proíbe de assumir que esses processos psíquicos que nos impressionam como anormais e estranhos são determinados pela decadência profunda da atividade psíquica ou pelo estado mórbido da função.

A correta compreensão deste estranho trabalho psíquico que permite que as ações defeituosas se originem como as imagens de sonho só será possível depois de termos descoberto que os sintomas psiconeuróticos,

particularmente as formações psíquicas de histeria e neurose de compulsão, Repita em seus mecanismos todas as características essenciais deste modo de operação. A continuação de nossa investigação teria que começar agora.

Ainda há outro interesse especial para nós em considerar as ações defeituosas, aleatórias e sintomáticas à luz desta última analogia. Se os compararmos com a função das psiconeuroses e os sintomas neuróticos, duas afirmações frequentemente recorrentes ganham sentido e apoio, a saber, que a fronteira entre os estados nervosos, normais e anormais é indistinta, e que estamos todos um pouco nervosos. Independentemente de toda experiência médica, pode-se perceber vários tipos de nervosismo tão pouco sugerido, os formas frustram as neuroses. Pode haver casos em que apenas alguns sintomas aparecem, ou eles podem se manifestar raramente ou de forma leve, a extensão pode ser transferida para o número, intensidade, ou para o surto temporal da manifestação mórbida. O tipo de transição, cujas manifestações mórbidas vêm sob a forma de ações defeituosas e sintomáticas, caracteriza-se pelo fato de que os sintomas são transformados em atividades psíquicas menos importantes, Também pode acontecer que apenas este tipo, que forma a transição mais frequente entre saúde e doença, pode nunca ser descoberto. enquanto tudo que pode reivindicar um valor psíquico maior permanece livre de distúrbios. Quando os sintomas são eliminados de uma forma inversa - isto é, quando aparecem nas atividades individuais e sociais mais importantes de uma forma para perturbar as funções de nutrição e relações sexuais, vida profissional e social - tal disposição é encontrada nos casos severos de neuroses, e é talvez mais característica desta última do que a

multiplicidade ou vivência das manifestações mórbidas.

Mas o caráter comum dos casos mais brandos, bem como dos mais severos, para os quais as ações defeituosas e aleatórias contribuem, reside na capacidade de referenciar os fenômenos ao material indesejado, reprimido, psíquico, que, embora afastado da consciência, não é, no entanto, roubado de toda a capacidade de se expressar.

14. Notas da fonte

Notas preservadas da edição inglesa pública

[Nota 1: Monatschrift f. Psychiatrie.]

Essa é a maneira usual de trazer ideias ocultas para a consciência. Cf. Interpretação dos Sonhos, pp. 83-4, traduzido por A. A. Brill, The Macmillan Company, Nova York, e Allen, Londres.]

Quando mais tarde perguntei ao meu companheiro se em seu esforço para lembrar a palavra esquecida que ele não pensou em alguma substituição, ele me informou que estava a princípio tentando a colocar um ab no verso: Observação mais fina reduz um pouco o contraste entre as análises de Signorelli e Aliquis no que diz respeito às lembranças substitutivas. Aqui, também, o esquecimento parece ser acompanhado por formações substitutivas. Nostris ab ossibus (talvez a parte desarticulada do a-liquis) e que mais tarde a palavra exoriare se intruiu com particular distinção e persistência. Sendo cético, ele acrescentou que foi aparentemente devido ao fato de que foi a primeira palavra do verso. Mas quando eu pedi para ele concentrar sua atenção nas associações para exoriare ele me deu a palavra exorcismo. Isso me faz pensar que o reforço da exoriare na reprodução tem realmente o valor de tal substituição. Provavelmente veio através da associação exorcismo dos nomes dos santos. No entanto, esses são refinamentos sobre os quais nenhum valor precisa ser colocado. Parece agora bastante possível que o aparecimento de qualquer tipo de lembrança substitutiva seja um sinal constante - talvez apenas característico e enganador - do esquecimento intencional motivado pela repressão. Assim, no exemplo Signorelli, enquanto o nome do pintor permanecesse

inacessível para mim, eu tinha mais do que uma clara memória visual do ciclo de seus afrescos, e da imagem de si mesmo no canto; Esta substituição também pode existir no reforço de um elemento semelhante à coisa esquecida, mesmo onde nomes substitutivos incorretos não aparecem. Pelo menos foi mais intenso do que qualquer outra memória visual. Em outro caso, também relatado em minha redação de 1898, eu tinha esquecido irremediavelmente o nome da rua e endereço relacionado com uma visita desagradável em uma cidade estranha, mas - como se para zombar de mim - o número da casa parecia especialmente vívido, Considerando que a memória dos números geralmente me causa a maior dificuldade.

Não estou totalmente convencido da falta de uma conexão interior entre os dois fluxos de pensamento no caso de Signorelli. Ao se seguir cuidadosamente o pensamento reprimido sobre o tema da morte e da vida sexual, surge uma ideia que mostra uma relação próxima com o tema dos afrescos de Orvieto.

A Psicologia da Demência Præcox, traduzida por F. Peterson e A. A. Brill.

A Psicologia da Demência Præcox, p. 45.

[Nota 7: Zentralb. f. Psychoanalyse, I. 9, 1911.]

[Nota 8: "Analyse eines Falles von Namenvergessen," Zentralb. F. Psychoanalyse, Jahrg. 11, Heft 2, 1911.]

[Nota 9: Publicado no Monatschrift f. Psychiatrie u. Neurologie, 1899.]

"Enquête sur les premières souvenirs de l'enfance", L'Année psychologique, iii., 1897.

[Nota 11: "Estudo de Memórias Primitivas," Revisão Psicológica, 1901.]

[Nota 12: Eu asseguro isso como resultado de certas investigações feitas por mim mesmo.]

[Nota 13: Os exemplos são dados pelo editor.]

[Footnote 14: Aqueles que estão interessados são referidos a pp. 62, 73, e 97 do trabalho do autor.]

[Nota 15: Neue Freie Presse, 23 de agosto de 1900: "Wie man sich versprechen kann."]

[Nota 16: Völker psicologie, vol. i., pt. i., p. 371, etc., 1900.]

[Nota 17: Itálicos são meus.]

Acontece que ela estava sob a influência de pensamentos inconscientes sobre gravidez e prevenção da concepção. Com as palavras "cale-se como uma faca de bolso", que ela proferiu conscientemente como uma queixa, ela quis descrever a posição da criança no útero. A palavra "aprender" na minha observação lembrou-lhe o nome (S. Ernst) da conhecida empresa de Viena em Kärthner Strasse, que costumava anunciar a venda de artigos para a prevenção da concepção.

Erros parecidos com o Oficial 666 foram recentemente relatados por outros analistas.

[Footnote 20: Pode-se observar que os aristocratas, em particular, muitas vezes distorcem os nomes dos médicos que consultam, dos quais podemos concluir que interiormente eles os desprezam, apesar da cortesia com que eles não querem cumprimentá-los. Citarei aqui algumas excelentes

observações sobre o esquecimento dos nomes dos trabalhos do professor E. Jones, de Toronto:

"Poucas pessoas podem evitar sentir uma pontada de ressentimento quando descobrem que seu nome foi esquecido, particularmente se for por alguém com quem esperavam ou esperavam que fosse lembrado. Eles instintivamente percebem que se tivessem causado uma maior impressão na mente da pessoa, certamente teria lembrado deles novamente, pois o nome é parte integrante da personalidade. Da mesma forma, poucas coisas são mais lisonjeiras para a maioria das pessoas do que encontrar-se endereçado pelo nome por um grande personagem onde dificilmente poderiam ter antecipado. Napoleão, como a maioria dos líderes, era um mestre desta arte. No meio da campanha desastrosa da França em 1814, ele deu uma incrível prova de sua memória nesta direção. Quando em uma cidade perto de Craonne, ele se lembrou que tinha conhecido o prefeito, De Bussy, há mais de vinte anos no Regimento La Fère. O encantado De Bussy imediatamente se jogou em seu serviço com zelo extraordinário. Por outro lado, não há maneira mais segura de afrontar alguém do que fingindo esquecer seu nome, a insinuação é assim transmitida que a pessoa é tão sem importância aos nossos olhos que não podemos nos preocupar em lembrar seu nome. Este dispositivo é frequentemente explorado na literatura. Na fumaça de Turgentev (p. 255) ocorre a seguinte passagem: "Então você ainda acha Baden divertido, Sr. Litvinov." Ratmirov sempre proferiu o sobrenome de Litvinov com hesitação, toda vez, como se ele tivesse esquecido, e não poderia de imediato lembrá-lo. 107), escreve: "O governador convidou Kirsanov e Bazarov para seu baile, e em poucos minutos convidou-os uma segunda vez, considerando-os como irmãos, e

chamando-os de Kisarov." Aqui o esquecimento de que ele tinha falado com eles, o erro nos nomes, Desta forma, assim como pelo esplendor de seu chapéu em saudá-lo, ele quis insultar seu orgulho." O mesmo autor, em seus pais e crianças (p. e a incapacidade de distinguir entre os dois jovens, constituem o culminar da depreciação. Falsificação de um nome tem o mesmo significado que esquecê-lo; é apenas um passo em direção à completa amnésia."]

[Footnote 21: Zentralb. f. Psychoanalyse, ii., Jahrg. I. Cf. também Psicanálise de Brill: suas teorias e aplicação prática, p. 202. Saunders, Filadélfia e Londres.]

Jones, artigos sobre psicanálise, p. 60.

[Nota 23:

"Aquilo que se concebe bem enuncia-se claramente, e as palavras para dizê-lo chegam facilmente."

Boileau, Arte poética.]

A Interpretação dos Sonhos, p. 208.

Bleuler, Affektivität, Suggestibilität, Paranoia, p. 121, Halle Marhold, 1906.

Uma situação semelhante ocorre em Julius César, iii. Três.

"Cinna. Na verdade, meu nome é Cinna.

"BURGHER. Rasgue-o em pedaços! Ele é um conspirador.

"Cinna. Sou Cinna, a poeta, não Cinna, a conspiradora.

"BURGHER. Não importa, o nome dele é Cinna, arranque o nome do seu coração e deixe-o ir.

O álcool etílico é, claro, o nome químico para o álcool comum.

Jones, Psicanálise, p. 66.

Zentralbl. f. Psychoanalyse, i. 12

No decorrer da conferência, os detalhes da primeira visita anterior retornaram à consciência.

[Nota 31: Brill, loc. cit., p. 197.]

Nos anamneses que os pais dão sobre suas filhas neuróticas, dificilmente é possível distinguir com qualquer grau de certeza a porção esquecida daquela escondida. Se perguntarmos a uma pessoa se ela sofreu de infecção luética há dez ou quinze anos, somos capazes de esquecer que psicicamente o paciente olhou para esta doença de uma forma totalmente diferente do que em, digamos, um ataque agudo de reumatismo. para qualquer coisa que fique no caminho do futuro casamento da garota é sistematicamente reservado pelos pais, ou seja, torna-se reprimido. Um homem que recentemente perdeu sua amada esposa por um afeto dos pulmões relatou-me o seguinte caso de enganar o médico, que só pode ser explicado pela teoria de tal esquecimento. "Como a pleurite da minha pobre esposa não tinha desaparecido depois de muitas semanas, Dr. P. Foi chamado em consulta. Enquanto pegava o histórico, ele perguntava entre outros... se havia problemas pulmonares na família da minha esposa. Minha esposa negou tais casos, e nem eu me lembrava de nenhum. Enquanto Dr. P. "Sim, até mesmo para Landgersdorf, onde meu pobre

irmão está enterrado, é uma longa viagem." Este irmão morreu há cerca de 15 anos, depois de ter sofrido por anos de tuberculose. Minha esposa gostava muito dele, e muitas vezes falava sobre ele. De fato, lembro-me que quando sua doença foi diagnosticada como pleurisia ela estava muito preocupada e tristemente comentou: 'Meu irmão também morreu de problemas pulmonares.' Mas a memória estava tão reprimida que mesmo depois da conversa acima citada sobre a viagem a L. Um médico cuja esposa sofria de alguma doença abdominal obscura disse a ela: "É reconfortante pensar que não houve tuberculose em sua família." Ela se virou para ele e disse: "Você esqueceu que minha mãe morreu de tuberculose, Ela não encontrou nenhuma ocasião para corrigir suas informações sobre as doenças em sua família. Eu mesmo fiquei impressionado com esse esquecimento no momento em que ela começou a falar sobre Landgersdorf." Uma experiência perfeitamente análoga é relatada por Ernest Jones em seu trabalho. e que minha irmã se recuperou dela só depois de ter sido entregue pelos médicos?"]

Durante os dias em que escrevi pela primeira vez estas páginas, aconteceu-me um caso quase incrível de esquecimento. Em 1o de janeiro examinei minhas anotações para poder enviar minhas contas. No mês de junho encontrei o nome M-I, e não consegui lembrar a pessoa a quem pertencia. Minha surpresa aumentou quando observei dos meus livros que tratei o caso em um sanatório, e que por semanas eu tinha chamado o paciente diariamente. Um paciente tratado nessas condições raramente é esquecido por um médico em seis meses. Eu me perguntei se poderia ter sido um homem - um parético - um caso sem interesse? Finalmente, a nota sobre a taxa recebida trouxe à minha memória todo o conhecimento que se

esforçou para iludi-la. Eu era uma menina de quatorze anos, o caso mais notável dos meus últimos anos, um caso que me ensinou uma lição que eu provavelmente nunca esquecerei, um caso cujo resultado me deu muitas horas dolorosas. The child became afflicted with an unmistakable hysteria, which quickly and thoroughly improved under my care. After this improvement the child was taken away from me by the parents. She still complained of abdominal pains which had played the part in the hysterical symptoms. Two months later she died of sarcoma of the abdominal glands. The hysteria, to which she was greatly predisposed, took the tumour-formation as a provocative agent, and I, fascinated by the tumultuous but harmless manifestations of hysteria, perhaps overlooked the first sign of the insidious and incurable disease.]

"Zur Psychologie des Vergessens bei Geistes- und Nervenkranken", Archiv. f. Kriminal-Anthropologie u. Kriminalistik, von H. Recolheu recentemente alguns autores que percebem o valor da influência dos fatores afetivos na memória, e que mais ou menos claramente reconhecem que uma luta defensiva contra a dor pode levar ao esquecimento. Mas nenhum de nós foi capaz de representar este fenômeno e sua determinação psicológica tão exaustivamente, e ao mesmo tempo como efetivamente, como Nietzsche em um de seus aforismos (Jenesits von Gut und Böse, ii., Hauptstück 68): "Eu fiz isso", diz minha memória. "Eu não poderia ter feito isso", diz meu orgulho, e permanece inexorável. Finalmente, minha memória rende.

Cf. Hans Gross, Kriminal Psychologie, 1898.

Na autobiografia de Darwin encontra-se a seguinte passagem que equivale a crédito à sua honestidade científica e sua perspicácia psicológica: Darwin

ao esquecer. me deparei, o que se opôs aos meus resultados gerais, para fazer um memorando dele sem falta e imediatamente, pois eu tinha encontrado por experiência que tais fatos e pensamentos eram muito mais aptos para escapar da memória do que favoráveis" (citado por Jones, loc. cit., p. 38).]

Cf. Bernheim, *Neue Studien über Hypnotismus, Sugestão e Psicoterapia*, 1892.

Jovens da educação que podem passar no exame e pagar por sua manutenção servem um em vez de dois anos de serviço obrigatório.

Em Bernard Shaw's *César e Cleópatra*, a indiferença de César a Cleópatra é retratada por ele estar irritado ao deixar o Egito por ter esquecido de fazer algo. Ele finalmente se lembrou do que havia esquecido - de se despedir de Cleópatra - isso, com certeza, está de acordo com a verdade histórica. Que pouco César pensou na princesinha egípcia! Citado de Jones, loc. cit., p. 50.]

As mulheres, com sua boa compreensão dos processos mentais inconscientes, são, como regra, mais capazes de se ofender quando não as reconhecemos na rua, e, portanto, não as cumprimentam, do que aceitar a explicação mais óbvia, a saber, Que o dilatatório é míope ou tão absorto em pensar que ele não os viu. Eles concluíram que certamente teriam sido notados se tivessem sido considerados de alguma consequência.]

Dr. Ferenczi relata que ele mesmo era uma pessoa distraída, e era considerado peculiar por seus amigos devido à frequência e estranheza de sua falha. Mas os sinais desta desatenção desapareceram quase todos

desde que ele começou a praticar psicanálise com pacientes, e foi forçado a voltar sua atenção para a análise de seu próprio ego. Ele acredita que se renuncia a essas falhas quando se aprende a se estender por muitas responsabilidades. Ele, portanto, justamente sustenta que a distração é um estado que depende de complexos inconscientes, e é curável pela psicanálise. Um dia ele estava se censurando por ter cometido um erro técnico na psicanálise de um paciente, e neste dia todas as suas antigas distrações reapareceram. Ele tropeçou enquanto caminhava na rua (uma representação daquele falso pas no tratamento), ele esqueceu seu livro de bolso em casa, ele era um centavo curto em sua passagem de carro, ele não abotoou corretamente suas roupas, etc.]

E. Jones comenta sobre isso: "Muitas vezes a resistência é de uma ordem geral. Assim, um homem ocupado esquece-se de enviar uma carta que lhe foi confiada - para seu leve aborrecimento - por sua esposa, assim como ele pode 'esquecê-la' para cumprir suas ordens de compras.

Por causa da unidade do tema, eu posso divergir da classificação aceita, e acrescentar que a memória humana evidencia uma parcialidade particular em relação ao dinheiro. Quando a influência livre é dada a uma intenção avareza fora dos sérios interesses da vida, quando é entregue no espírito da diversão, como no jogo de cartas, então encontramos que os homens mais honrados mostram uma inclinação para erros, erros na memória e contas, Falsas reminiscências de já ter pago algo são muitas vezes muito obstinadas, como eu sei por experiência pessoal. e sem perceber como, eles se encontram envolvidos em pequenas fraudes. Tais liberdades dependem em grande parte também do caráter psiquicamente refrescante da peça. O ditado de que podemos aprender o caráter de uma pessoa pode

ser admitido se pudermos adicionar "o caráter reprimido". Se os garçons cometerem erros involuntários, devem-se ao mesmo mecanismo. Entre os comerciantes, podemos frequentemente observar um certo atraso no pagamento de somas de dinheiro, em pagamentos de contas e coisas assim, o que não traz lucro ao proprietário e só pode ser entendido psicologicamente como a expressão de uma contra-vontade contra dar dinheiro. Brill resume isso com agudeza epigramática: "Nós somos mais aptos a errar cartas contendo contas do que cheques" (Brill, *Psychanalysis, suas Teorias e Aplicação Prática*, p. 197).

Tradução:

Uma segunda publicação de Meringer me mostrou mais tarde como eu era injusto com este autor quando lhe atribuí tanta compreensão.

Jones, loc. cit., p. 79.

A Vênus de Medici está perdida!

O sonho do Dipus como eu não chamaria, porque contém a chave para o entendimento da lenda do Rei Dipus. No texto de Sófocles a relação de tal sonho é colocada na boca de Jocasta (cf. *Interpretação dos Sonhos*, pp. 222-4, etc.).

New York Medical Journal, setembro de 1912. Reimpresso em grande forma como Capítulo X de *Psiquiatria, etc.*, Saunders, Filadélfia.]

A lesão auto-infligida que não tende inteiramente para a auto-aniquilação não tem outra escolha em nosso atual estado civilizatório a não ser se esconder atrás do acidente, ou romper em uma simulação de doença espontânea. Antigamente, era um sinal habitual de luto, em outras vezes se

expressava em idéias de piedade e renúncia ao mundo.]

O caso é idêntico a um ataque sexual contra uma mulher, em que o ataque do homem não pode ser afastado através da força muscular total da mulher porque uma parte dos sentimentos inconscientes do que atacou o encontra com aceitação pronta. Para ter certeza, diz-se que tal situação paralisa a força de uma mulher; só precisamos adicionar as razões para esta paralisia. Na medida em que a sentença inteligente de Sancho Panza, que ele pronunciou como governador de sua ilha, é psicologicamente injusta (Don Quixote, vol. ii. cap. xlv). Uma mulher levou perante o juiz um homem que deveria tê-la roubado de sua honra pela força da violência. Sancho indemnified her with a full purse which he took from the accused, but after the departure of the woman he gave the accused permission to follow her and snatch the purse from her. Both returned wrestling, the woman priding herself that the villain was unable to possess himself of the purse. Thereupon Sancho spoke: "Had you shown yourself so stout and valiant to defend your body (nay, but half so much) as you have done to defend your purse, the strength of Hercules could not have forced you."]

É evidente que a situação de um campo de batalha é tal que cumpre a exigência de uma intenção suicida consciente que, no entanto, evita o caminho direto. Cf. em Wallenstein as palavras do capitão sueco sobre a morte de Max Piccolomini: "Eles dizem que ele queria morrer."

Selbstbestrafung wegen Abortus von Dr. J. E. G. van Emden, Haag (Holanda), Zentralb. f. Psychoanalyse, ii. 12.

[Nota 54: "Beitrag zur Symbolik im Alltag von Ernest Jones," Zentralb. f. Psychoanalyse, i. 3, 1911.]

Pesquisa psicanalítica, com a penetração da amnésia infantil, mostrou que essa aparente precocidade é uma ocorrência menos anormal do que era suposto.

O termo "questões médicas" é um termo comum para "questões sexuais".

[Footnote 57: Cf. Oldham "Eu uso minha caneta como os outros fazem sua espada."]

"Contribuição à psicologia da vie quotidienne", Arch. des psychologie, T. vi. 1906.

Aqui está outra pequena coleção de várias ações sintomáticas em pessoas normais e neuróticas. Um colega idoso que não gosta de perder nas cartas teve que pagar uma noite uma grande soma de dinheiro em consequência de suas perdas, ele fez isso sem reclamar, mas com um temperamento peculiar. Isso seria facilmente traduzido nas palavras: "Vocês ladrões, vocês me saquearam muito bem." Um homem que sofre de impotência sexual ocasional, que tem sua origem na intimidade de suas relações infantis com sua mãe, Depois de sua partida descobriu-se que ele tinha deixado neste lugar praticamente tudo o que tinha com ele, óculos, estojo de charuto e lenço. relata que ele tem o hábito de embelezar panfletos e notas com um S, a inicial do nome de sua mãe. Ele não pode suportar a idéia de ter cartas de casa em contato com outra correspondência não santificada, e, portanto, acha necessário manter o primeiro separado. Uma jovem de repente abre a porta da sala de consultoria enquanto seu antecessor ainda está presente. Ela se desculpou no chão da "falta de pensamento"; logo veio à tona que ela demonstrou sua curiosidade que a fez invadir o quarto de seus pais. Garotas que se orgulham de seu lindo

cabelo sabem tão bem como manipular pentes e grampos de cabelo, que no meio da conversa seus cabelos se soltam. Durante o tratamento (em uma posição reclinada) alguns homens dispersam a mudança de seus bolsos e assim pagar pela hora do tratamento; a quantidade dispersa é proporcional à sua estimativa do trabalho. Quem esquece artigos no consultório médico, como óculos, luvas, bolsas, geralmente indica que ele não pode se rasgar e está ansioso para voltar logo. Os menores hábitos e atos realizados com um mínimo de atenção, como o enrolamento de um relógio antes de se aposentar para dormir, apagar as luzes antes de sair da sala, e ações semelhantes, Ernest Jones diz: "Quase se pode medir o sucesso com que um médico pratica psicoterapia, por exemplo, pelo tamanho da coleção de guarda-chuvas, lenços, bolsas, e assim por diante, que ele poderia fazer em um mês. estão ocasionalmente sujeitos a distúrbios que claramente demonstram a influência do complexo inconsciente, e o que se pensa ser o mais forte 'hábitos'.

No jornal *Cœnobium*, Maeder relata sobre um médico do hospital que, por causa de um assunto importante, desejava chegar à cidade naquela noite, embora estivesse de plantão e não tivesse o direito de sair do hospital. Em seu retorno ele notou para sua surpresa que havia uma luz em seu quarto. Ao sair do quarto ele esqueceu de apagar, algo que nunca tinha acontecido antes. Mas ele logo entendeu o motivo desse esquecimento. O superintendente do hospital que morava na mesma casa deve ter concluído pela luz na sala que ele estava em casa. Um homem sobrecarregado de preocupações e sujeito a depressões ocasionais assegurou-me que ele regularmente esquecia de enrolar seu relógio naquelas noites quando a vida parecia muito dura e hostil. Nesta omissão de enrolar seu relógio ele

simbolicamente expressou que era uma questão de indiferença para ele se ele viveu para ver no dia seguinte. Outro homem que era pessoalmente desconhecido para mim escreveu: "Tendo sido atingido por uma terrível desgraça, a vida parecia tão dura e insensível, que eu imaginei que não tinha força suficiente para viver para ver no dia seguinte. Então notei que quase todos os dias eu esqueci de enrolar meu relógio, algo que eu nunca omiti antes. Eu tinha o hábito de fazer isso regularmente antes de me aposentar de forma quase mecânica e inconsciente. Não consigo explicar. Quem vai se dar ao trabalho, como Jung (*A Psicologia da Demência Præcox*, traduzido por Peterson e Brill), ou Maeder ("*Une voie nouvelle en Psychologie - Freud et son école*", *Coenobium*, Lugano, 1906), Foi muito raramente que eu pensei nisso, e isso aconteceu quando eu tinha algo importante para o dia seguinte que manteve meu interesse. Isso deve ser considerado uma ação sintomática? para prestar atenção às melodias que se murmura para si mesmo sem rumo e inconscientemente, descobrirá regularmente a relação do texto da melodia com um tema que ocupa a pessoa naquele momento.]

"Das Verlieren als Symptom-handlung", *Zentralb. f. Psychoanalyse*, i. 10-11.

Tradução: A Companhia Macmillan, Nova Iorque, George Allen, Londres.]

Este não é um erro perfeito. De acordo com a versão órfica do mito a emasculação foi realizada por Zeus em seu pai Kronos.]

[Nota 63: *Loc. cit.*, p. 191.]

Nouvelles contributions, etc., *Arch. de Psych.*, vi. 1908.

[Nota 65: Loc. cit., p. 42.]

Zentralb. f. Psychoanalyse, ii. 9.

Zentralb. f. Psychoanalyse, ii. 5.

Esta ação contínua no inconsciente se manifestou uma vez na forma de um sonho que seguiu a ação defeituosa, outra vez na repetição do mesmo ou na omissão de uma correção.

Alfred Adler, Drei Psychoanalysen von Zahlen einfällen und obsedierenden Zahlen, Psych. Neur. Wochenschr, No. 28, 1905.

Como explicação de Macbeth, no 17 da U.L., fui informado pelo Dr. Adler que em seu 17º ano este homem se juntou a uma sociedade anarquista cujo objetivo era o regicídio. Provavelmente é por isso que ele esqueceu o conteúdo da peça Macbeth. A mesma pessoa inventou na época um código secreto no qual números substituíam letras.

Por causa da simplicidade omiti alguns dos pensamentos não menos adequados dos pacientes.

[Nota 72: Loc. cit., p. 36.]

Ein Beitrag zur Kenntnis des Zahlentraumes, Zentralb. f. Psychoanalyse, i. 12

[Nota 74: "Manipulação inconsciente de números" (ibid., ii. 5, 1912).]

Este é outro excelente exemplo mostrando como uma intenção consciente era impotente para neutralizar uma resistência inconsciente.

Bleuler e Jung desta forma tornaram inteligível a reação nas chamadas experiências de associação, em que a pessoa de teste responde a uma dada palavra com uma que lhe ocorre (reação de palavra estimulante), Estas concepções de determinismo estrito em ações aparentemente arbitrárias já deram ricos frutos para a psicologia - talvez também para a administração da justiça. enquanto o tempo entre o estímulo palavra e resposta é medido (tempo de reação). Jung mostrou em seu *Diagnosticische Assoziationsstudien*, 1906, que excelentes reagentes para ocorrências psíquicas que possuímos neste experimento de associação. Três estudantes de criminologia, H. Gross, de Praga, e Wertheimer e Klein, desenvolveram a partir destas experiências uma técnica para o diagnóstico de fatos (*Tatbestands-Diagnostik*) em casos criminais, cujo exame é agora testado por psicólogos e juristas.]

Prosseguindo de outros pontos de vista, esta interpretação do trivial e acidental pelo paciente foi designada como "ilusões de referência".

Por exemplo, as fantasias dos histéricos em relação ao abuso sexual e cruel que são tornados conscientes pela análise muitas vezes correspondem em cada detalhe com as queixas de paranóicos perseguidos. É notável, mas não totalmente inesperado, que também encontremos o mesmo conteúdo como realidade na invenção de perversos para a satisfação de seus desejos.

Que naturalmente não tem nada do caráter da percepção.

Zentralb. f. Psychoanalyse, ii. 5.

Ferenczi, a quem a terceira edição deste livro está em dívida por tantas contribuições, me escreve a respeito disso: Até agora esta explicação de Déjà vu foi apreciada por apenas um observador. Dr. que o sentimento inexplicável de familiaridade pode ser referido a fantasias inconscientes das quais somos inconscientemente lembrados em uma situação real. Com um dos meus pacientes, o processo foi aparentemente diferente, mas na realidade foi bastante análogo. Este sentimento retornava-lhe muitas vezes, mas mostrava-se regularmente como originando-se de uma parte esquecida (reprimida) de um sonho da noite anterior. Assim parece que o Déjà vu pode se originar não só de sonhos diurnos, mas também de sonhos noturnos."]

Talvez eu possa dar o seguinte esboço sobre o mecanismo do esquecimento real. O material de memória sucumbi em geral a duas influências, condensação e desfiguração. Desfiguração é o trabalho das tendências que dominam a vida psíquica, e se dirige acima de tudo contra os restos afetivos de traços de memória que mantêm uma atitude mais resistiva em relação à condensação. Os traços que se tornaram indiferentes se fundem em um processo de condensação sem oposição; além disso, pode-se observar que tendências de desfiguração também se alimentam do material indiferente, porque não foram satisfeitos onde desejavam se manifestar. Como esses processos de condensação e desfiguração continuam por longos períodos, durante os quais todas as novas experiências atuam sobre a transformação do conteúdo da memória, é nossa crença que é o tempo que torna a memória incerta e indistinta. É bem provável que ao esquecer que realmente não pode haver nenhuma questão de uma função direta do tempo. Pelos traços de memória

reprimidos, pode-se verificar que eles não sofrem mudanças mesmo nos períodos mais longos. O inconsciente, em todo caso, não tem limite de tempo. O mais importante, bem como o caráter mais peculiar da fixação psíquica consiste no fato de que todas as impressões são, por um lado, mantidas da mesma forma que foram recebidas, e também nas formas que assumiram em seu desenvolvimento posterior. Esta situação não pode ser elucidada por qualquer comparação de qualquer outra esfera. Em virtude desta teoria, todo antigo estado do conteúdo da memória pode ser restaurado, mesmo que todas as relações originais tenham sido substituídas por novas.

A Interpretação dos Sonhos, p. 483. Macmillan, Nova York e Allen, Londres.

Unwin Brothers, Limited, The Gresham Press, Woking e Londres.

Nota do transcritor

Informações originais de direitos autorais foram retidas, mas este livro está em domínio público no país da publicação.

Na versão impressa deste texto, notas de rodapé foram posicionadas na parte inferior de cada página.

Na versão impressa, cada capítulo começou com uma página contendo apenas seu título, seguida por uma página em branco. O título do capítulo foi então repetido no início do texto do capítulo. As primeiras ocorrências dos títulos do capítulo foram removidas, e o índice foi alterado para refletir isso.

Neste arquivo de texto, itálico é indicado por sublinhados.

As seguintes mudanças foram feitas pelo transcritor:

Página do título, "A. A Brill" mudou para "A. A. Brill".

Página 35, "O homem criou a Deus à Sua própria imagem." Mudou para "O homem criou a Deus à Sua própria imagem."

Página 48, "tiranicamente" mudou para "tiranicamente".

Página 93, frase final adicionada depois de "adultérer".

Página 117, "Fantomas da Música", mudou para "Fantomas da Música".

Página 147, "F" foi ignorada na lista de estudos de caso no texto impresso, isso foi corrigido.

Página 170, "de repente se tornou" mudou para "de repente se tornou".

Página 179, "Il est arrivé a" mudou para "Il est arrivé à".

A página 233 parece apresentar uma lista de exemplos com o número "I", mas não há termos seguidos antes do fim do capítulo. Isso provavelmente foi um erro, mas não foi corrigido aqui.

Página 236, "hereuse" mudou para "heureuse".

Página 266, frase final adicionada após "Sábado!".

vírgula desaparecida inserida após "187" na entrada de índice para "Quebra de objetos".

vírgula desaparecida inserida após "3" na entrada de índice para "Esquecimento, Temporário, de nomes próprios".

Indentação padronizada de "Psicologia de" sob a entrada de índice para "Speech Blunders".

Notas de rodapé 1 e 9, "Monatschrift" mudou para "Monatschrift".

Nota 34, "Geistesund Nervenkranken" mudou para "Geistes- und Nervenkranken"; "Jenesits von Gut und Bosen" mudou para "Jenesits von Gut und Böse", e "Hauptstuck" mudou para "Hauptstück".

Nota 42, a frase final final foi adicionada.

Nota 58, "Contribution a la psychologie" mudou para "Contribution à la psychologie".

Nota 59, citações adicionadas após "habita" e "explicar".

Nota 81, "Ferençzi" mudou para "Ferenczi".